Associação Brasileira de Criadores de Ovinos - ARCO
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC

ESTUDO DE MERCADO EXTERNO DE PRODUTOS DERIVADOS DA OVINOCAPRINOCULTURA

Execução:
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC
Associação Brasileira de Criadores de Ovinos – ARCO

Colaboração:
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Caprinos e Ovinos do MAPA
Grupo de Trabalho da Câmara Setorial
(GT III - Estudos Setoriais – Mercado e Complexo Agroindustrial)

Convênio de elaboração:
Nº 02155/2008/Secretaria do MDIC

Associação Brasileira de Criadores de Ovinos - ARCO
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC

ESTUDO DE MERCADO EXTERNO DE PRODUTOS DERIVADOS DA OVINOCAPRINOCULTURA

méritos
editora

© 2010, Méritos Editora Ltda.

Rua Pe. Valentin, nº 564 / 202
Passo Fundo, RS, CEP 99072-100
Fone/Fax: (54) 3313-7317
(51) 3251-4317
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: atendimento@meritos.com.br

Charles Pimentel
Editor

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M553 Estudo de mercado externo de produtos derivados da ovinocaprinocultura / organizado por Associação Brasileira de Criadores de Ovinos - ARCO ; Ministerio do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC – Passo Fundo : Méritos, 2010.
168 p.

ISBN 978-85-89769-68-6

1. Agropecuária 2. Agronegócio 3. Ovinocultura 4. Carne - ovinos 5. Carne – caprinos I. Associação Brasileira de Criadores de Ovinos, org. II. Ministerio do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC III. Título.
CDU 636.3

Ficha catalográfica elaborada por Rafael Antunes dos Santos CRB10/1898

Impresso no Brasil

Apresentação

Este trabalho foi viabilizado pela Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) do Sistema Agroindustrial, cuja gestão cabe ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC. Sua execução foi possível graças à celebração de convênio entre a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos – ARCO - e o MDIC.

Elaborado a partir de proposta da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Caprinos e Ovinos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA – representa a sinergia entre as ações das Câmaras Setoriais do MAPA e a PDP do Sistema Agroindustrial do MDIC.

Como resultado deste estudo foram publicadas 2.750 cartilhas. Além disso, a íntegra do documento está disponível para download gratuito nos seguintes sítios da internet:

- www.mdic.gov.br
- www.arcoovinos.com.br
- www.agricultura.gov.br
- www.conab.gov.br
- www.cnpc.embrapa.br

Além destes, o trabalho ficará disponível em outros sítios e portais de internet.

Sumário

APRESENTAÇÃO 5

INTRODUÇÃO 11

1. NOTAS METODOLÓGICAS 13

2. REBANHO, PRODUÇÃO E CONSUMO DE CARNE OVINA E CAPRINA 15
   2.1. Ovinos 15
   2.2. Caprinos 17

3. COMÉRCIO INTERNACIONAL 21

4. PERFIL DOS PAÍSES EXPORTADORES 27
   4.1. Nova Zelândia 27
      4.1.1. Setor primário 28
      4.1.2. Indústria 30
      4.1.3. Aspectos institucionais e organizacionais 32
      4.1.4. Exportações 34
   4.2. Austrália 38
      4.2.1. Setor primário 38
      4.2.2. Indústria 41
      4.2.3. Aspectos institucionais e organizacionais 43
      4.2.4. Exportações 47
   4.3. Índia 50
      4.3.1. Setor primário 51
      4.3.2. Indústria 53

4.3.3. Aspectos institucionais e organizacionais 54
4.3.4. Exportações 55
4.4. Uruguai 57
4.4.1. Setor primário 57
4.4.2. Indústria 59
4.4.3. Aspectos institucionais e organizacionais 62
4.4.4. Exportações 63
4.5. Namíbia 65
4.5.1. Setor primário 65
4.5.2. Indústria 67
4.5.3. Aspectos institucionais e organizacionais 68
4.5.4. Exportações 68

5. PERFIL DOS PAÍSES EXPORTADORES E IMPORTADORES 71
5.1. Estados Unidos da América 71
5.1.2. Setor primário 72
5.1.2. Indústria 74
5.1.3. Aspectos institucionais e organizacionais 77
5.1.4. Exportações 81
5.1.5. Importações 84
5.1.6. Tarifas de importação 85
5.2. China 87
5.2.1. Setor primário 87
5.2.2. Indústria 91
5.2.3. Aspectos institucionais e organizacionais 92
5.2.4. Exportações 96
5.2.5. Importações 97
5.2.6. Tarifas de importação 98

6. PERFIL DOS PAÍSES IMPORTADORES 101
6.1. União Europeia 101
6.1.1. Setor primário 102
6.1.2. Indústria 104
6.1.3. Aspectos institucionais e organizacionais 105
6.1.4. Importações 109
6.1.5. Tarifas de importação 111
6.2. Arábia Saudita 113
6.2.1. Setor primário 113
6.2.2. Indústria 114

6.3.3. Aspectos institucionais e organizacionais 115
6.3.4. Importações 117
6.3.5. Tarifas de importação 119
6.3. África do Sul 120
6.3.1. Setor primário 120
6.3.2. Indústria 122
6.3.3. Aspectos institucionais e organizacionais 123
6.3.4. Importação 125
6.3.5. Tarifas de importação 127
6.4. Emirados Árabes Unidos 128
6.4.1. Setor primário 128
6.4.2. Indústria 130
6.4.3. Aspectos institucionais e organizacionais 131
6.4.4. Importações 131
6.4.5. Tarifas de importação 133
6.5. México 134
6.5.1. Setor primário 134
6.5.2. Indústria 136
6.5.3. Aspectos institucionais e organizacionais 137
6.5.4. Importações 138
6.5.5. Tarifas de importação 139

7. PERFIL DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DO BRASIL 141
Tarifas 146

8. COMPETITIVIDADE DA CARNE OVINA BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL 149

CONSIDERAÇÕES FINAIS 155

REFERÊNCIAS 157

ANEXO A – ABATE HALAL 163

ANEXO B – PRINCIPAIS CÓDIGOS NCM DA OVINOCAPRINOCULTURA 165

Introdução

Atualmente a carne ovina é o produto de maior significância para o Sistema Agroindustrial (SAG) da ovinocaprinocultura em termos de valor de mercado, ao contrário do passado, quando a lã era o produto mais importante. O rebanho mundial de ovinos diminuiu cerca de 8% nos últimos 20 anos, porém a produção de carne ovina aumentou em 27%.

O rebanho ovino das regiões tradicionais de criação é insuficiente para suprir o mercado interno brasileiro. De 1997 a 2008 a importação de carne ovina passou de um valor de US$ 6 milhões para mais de US$ 23 milhões (COMTRADE; MAPA, 2009).

O mercado consumidor internacional é marcado por algumas tendências que devem ser observados por quem quer atingi-lo. A carne ovina é vista como um produto premium e seu consumo é ligado à população de maior poder aquisitivo nos países importadores. Por isso mesmo, seu consumo é ambicionado também pela parcela da população que tem obtido incremento de renda recente, principalmente nos países em desenvolvimento.

Os diagnósticos existentes sobre o SAG da ovinocaprinocultura em sua maioria focalizam o assunto sobre o aspecto do impacto econômico da produção agrícola sobre o setor. No que se refere aos indicadores de competitividade, comércio e consumo, interno e mundial, as informações são raras e desencontradas. (SILVA, 2002; SORIO, 2009)

Neste sentido, é importante para os agentes SAG da ovinocaprinocultura do Brasil entender o contexto da dinâmica do comércio internacional de carne ovina e caprina e seus subprodutos. Assim, será possível buscar formas consistentes de atuação, com intuito de garantir a expansão e o aumento dos resultados econômicos da atividade.

O objetivo deste estudo foi o de analisar o fluxo internacional da carne ovina e caprina e de seus subprodutos e identificar oportunidades de exportação para o sistema agroindustrial brasileiro.

1. Notas metodológicas

Essa pesquisa se caracteriza por ser exploratória, pois busca entendimento sobre a natureza do problema, e descritiva, pois tem o propósito de obter informações instantâneas e precisas, mas ao mesmo tempo hipotéticas. Seu propósito imediato é ganhar conhecimento sobre o tema e desenvolver hipóteses para serem testadas e aprofundadas posteriormente. Isto é, visa proporcionar maior familiaridade com o problema. (Aaker, Kumar e Day, 2004),

O trabalho da pesquisa foi desenvolvido entre os meses de junho e novembro de 2009.

Foram usados dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), do sistema de banco de dados da ONU para o comércio (COMTRADE), da Comissão Européia, do IBGE, do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), do Banco Mundial; dos Ministérios de Agricultura e de Comércio Exterior dos diversos países; das entidades de apoio à cadeia produtiva da ovinocaprinocultura e das entidades de promoção do comércio exterior dos diversos países; e outros, além de dados primários levantados especificamente para preencher as lacunas de informação.

É importante salientar que este trabalho não se limitou a compilar dados dos bancos de dados nacionais e internacionais. Cada dado recuperado foi analisado e comparado entre as diversas fontes disponíveis, identificando erros e contradições. Foi dada prioridade aos dados gerados pelos

centros de estatística de cada país. Desta forma, foi possível chegar a resultados que refletem a realidade da ovinocaprinocultura mundial, com seus desafios e oportunidades.

2. Rebanho, produção e consumo de carne ovina e caprina

Os ovinos e caprinos estão espalhados em todos os continentes. No entanto, existe uma notável concentração dos caprinos na Ásia e no norte da África, enquanto os ovinos estão localizados principalmente na Ásia, Oceania e Europa.

China, União Europeia e Austrália concentram mais de 30% do rebanho ovino mundial e quase metade da produção de carne. No rebanho caprino apenas dois países, China e Índia, detêm mais de 30% do rebanho e quase metade da produção de carne.

2.1. Ovinos

Depois de ter diminuído de forma constante de 1990 a 2000, o rebanho ovino mundial voltou a crescer. Na verdade, parece que está mudando de lugar, com a diminuição de importância dos países tradicionais e aumentando em outras regiões, principalmente na Ásia e no nordeste da África.

A China vem apresentando um crescimento significativo em seu rebanho em termos de quantidade de animais e de participação percentual, graças a um conjunto de incentivos oficiais implementados durante a década de 1990. Junto com Sudão, Irã e Índia, a China é dos raros países detentores de grandes rebanhos que está aumentando sua população ovina.

Tabela 2.I. Rebanho mundial de ovinos (milhões de cabeças).

	1990	%	2000	%	2008	%
China	113,5	9,4	131,1	12,5	143,0	13,2
União Europeia	143,3	11,9	122,7	11,7	90,3	8,3
Austrália	170,3	14,1	118,6	11,3	76,9	7,1
Índia	48,7	4	59,4	5,7	64,3	5,9
Irã	44,6	3,7	53,9	5,1	53,8	4,9
Sudão	20,7	1,7	46,1	4,4	50,9	4,7
Nova Zelândia	57,9	4,8	42,3	4	38,5	3,5
Nigéria	12,5	1,0	26,0	2,5	33,1	3,0
Demais países	493,6	41,0	368,6	35,0	533,1	49,0
Total	1.207,1	100	1.051,7	100	1.083,9	100

Fonte: Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

A produção de carne ovina vem crescendo de forma acelerada. Enquanto que, de 1990 a 2000, a produção aumentou 8,6%, e, de 2000 a 2008, cresceu 14,4%. Novamente a China foi o grande destaque, com sua produção tendo quadruplicado no período. Os países que produzem mais não são necessariamente os detentores dos maiores rebanhos, devido à grande diferença de nível tecnológico entre a ovinocultura dos diversos países.

Tabela 2.II. Quantidade de carne ovina produzida (milhões toneladas).

	1990	%	2000	%	2008	%
China	0,5	7,8	1,4	19,1	2,0	23,0
União Europeia	1,3	19,0	1,2	15,9	0,9	10,3
Austrália	0,6	8,9	0,7	9,0	0,7	8,0
Nova Zelândia	0,5	7,6	0,5	7,1	0,6	6,9
Irã	0,2	2,8	0,3	3,9	0,4	4,6
Demais países	3,9	53,9	3,5	45,0	4,1	47,1
Total	7,0	100	7,6	100	8,7	100

Fonte: Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

A quantidade de pele produzida segue o ritmo do aumento dos abates, afinal é um subproduto da carne. Os maiores produtores de carne tendem a ser os maiores produtores de pele, com a produção mundial atingindo quase 1,8 milhão de toneladas por ano.

O consumo mundial de carne ovina cresceu de forma semelhante ao comportamento do rebanho, com a China tendo quase quadruplicado seu consumo desde 1990, como pode ser visto na Tabela 2.III.

Tabela 2.III. Consumo aparente de carne ovina (mil toneladas).

Rebanho	1990	%	2000	%	2008	%
China	556,2	7,9	1.473,8	19,6	2.047,7	23,6
União Europeia	1.539,8	21,9	1.431,6	19,0	1.207,2	13,9
Irã	238,0	3,4	326,2	4,3	389,7	4,5
Austrália	469,7	6,7	379,9	5,0	374,8	4,3
Turquia	304,0	4,3	321,0	4,3	272,0	3,1
Índia	181,2	2,6	191,9	2,5	215,4	2,5
Demais países	3.744,4	53,2	3.404,5	45,3	4.187,7	49,1
Total	7.033,3	100	7.528,9	100	8.694,5	100

Fonte: Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

2.2. Caprinos

O rebanho caprino aumentou cerca de 40% em 20 anos, apesar de o rebanho ter diminuído em alguns países que direcionavam a caprinocultura para a produção de pelos. China e Índia se destacam em quantidade de animais, apesar de a Índia ter perdido um pouco de participação percentual nos últimos anos.

Tabela 2.IV. Rebanho mundial de caprinos (milhões de cabeças).

Rebanho	1990	%	2000	%	2008	%
China	98,3	16,7	148,4	19,9	137,0	16,6
Índia	113,2	19,2	123,5	16,6	125,5	15,1
Paquistão	35,4	6,0	47,4	6,4	55,2	6,7
Bangladesh	21,0	3,6	34,1	4,6	52,5	6,3
Nigéria	23,3	4,0	42,5	5,7	52,5	6,3
Demais países	298,9	50,5	349,1	46,8	406,8	49,0
Total	590,1	100	745,0	100	829,5	100

Fonte: Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

Enquanto o rebanho de caprinos representa 76% do rebanho de ovinos, a produção de carne chega a somente 56%, o que demonstra o direcionamento do rebanho para a produção de leite e ao mesmo tempo o menor nível tecnológico utilizado pelos caprinocultores de corte. De qualquer forma, a produção mundial de carne caprina aumentou mais de 80% em 20 anos. A China merece destaque neste quesito, porque o país tem 17% do rebanho e 37% da produção de carne.

Tabela 2.V. Quantidade de carne caprina produzida (milhões toneladas).

	1990	%	2000	%	2008	%
China	0,52	19,6	1,21	32,7	1,80	37,1
Índia	0,43	16,2	0,40	10,8	0,54	11,1
Nigéria	0,12	4,5	0,22	6,0	0,27	5,6
Paquistão	0,30	11,1	0,31	8,4	0,26	5,4
Bangladesh	0,07	2,6	0,13	3,5	0,20	4,1
Demais países	1,23	46,0	1,43	38,6	1,78	36,7
Total	2,66	100	3,70	100	4,85	100

Fonte: Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

Da mesma forma que na ovinocultura, a quantidade de pele de caprinos produzida segue o aumento verificado na produção de carne. A produção mundial supera um milhão de toneladas anuais de peles, seguindo aproximadamente o *ranking* da carne.

A China é o grande consumidor de carne caprina, com a Índia ficando em 2º lugar, porém muito atrás neste quesito, como pode ser visto na Tabela 2.VI.

Tabela 2.VI. Consumo aparente de carne caprina (mil toneladas).

	1990	%	2000	%	2008	%
China	522,9	19,7	1.216,6	32,8	1.793,1	37,0
Índia	430,0	16,1	401,0	10,8	543,0	11,2
Nigéria	120,6	4,5	221,2	6,0	270,7	5,6
Paquistão	296,0	11,1	308,0	8,3	253,4	5,2
Demais países	1.290,4	48,5	1.559,1	42,0	1.989,8	41,0
Total	2.659,9	100	3.705,9	100	4.850,0	100

Fonte: Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

3. Comércio internacional

O comércio internacional de produtos da ovinocaprinocultura atinge quase US$ 11 bilhões CIF por ano e é bastante concentrado em produtos oriundos de ovinos, principalmente carne e lã. No entanto, a lã vem diminuindo sua participação no volume de comércio, enquanto a carne ovina não para de crescer em importância. Os ovinos vivos significam parcela significativa do mercado. No caso dos caprinos, o comércio de animais vivos é o item mais importante, seguido pela carne.

Tabela 3.1. Valor comercializado de produtos da ovinocaprinocultura (milhões US$ CIF).

	1990	%	2000	%	2008	%
Carne ovina	2.072,7	20,8	2.292,8	31,3	4.361,4	39,7
Lã	4.987,7	50,1	2.860,6	39,0	3.723,5	33,9
Ovinos vivos	1.120,9	11,3	737,3	10,1	1.053,7	9,6
Pele ovina	1.043,0	10,5	852,1	11,6	917,4	8,4
Leite e queijo – ovinos	163,0	1,6	161,9	2,2	228,8	2,1
Caprinos vivos	91,6	0,9	124,2	1,7	272,1	2,5
Carne caprina	49,8	0,5	64,5	0,9	141,2	1,3
Pelos finos caprinos	231,2	2,3	169,5	2,3	151,2	1,4
Vísceras	42,2	0,4	30,4	0,4	80,4	0,7

	1990	%	2000	%	2008	%
Pele caprina	160,7	1,6	33,5	0,5	53,9	0,5
Leite e queijo – caprinos	0,1	0,0	0,2	0,0	1,2	0,0
Total	9.962,9	100	7.327,0	100	10.984,8	100

Fonte: Cirval; Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

A pequena comercialização internacional de leite e queijo de caprinos surpreende, e tem como causa provável o fato de os maiores rebanhos estarem situados em países com baixo nível tecnológico de produção, cujos animais são voltados para a subsistência. A União Europeia, que é grande produtora de leite de cabras e ovelhas, tem duas características que ajudam a entender a baixa inserção comercial do queijo de cabra. A quantidade de ovelhas leiteiras no bloco UE-27 é cerca do triplo do rebanho de cabras leiteiras e o leite de cabra tem um autoconsumo e vendas diretas pelos criadores maiores do que o leite de ovelha. Isto quer dizer que relativamente pouco leite de cabra entra na indústria processadora que pode atender a padrões de qualidade para exportação, ao contrário do leite de ovelha.

Os caprinos representam parcela pequena das trocas comerciais mundiais, com participação quase 20 vezes menor do que os ovinos, como mostra a Tabela 3.II. Por este motivo, este estudo dará maior ênfase aos ovinos e sua carne do que aos caprinos.

Tabela 3.II. Comércio mundial de ovinos e caprinos (milhões US$).

	1990	%	2000	%	2008	%
Ovinos	9.429,5	94,6	6.935,0	94,6	10.365,2	94,3
Caprinos	533,4	5,4	392,0	5,4	619,6	5,7
Total	9.962,9	100	7.327,0	100	10.984,8	100

Fonte: Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

A importação de carne ovina é bastante distribuída, porém 7 países adquirem mais de 50% do volume comercializado internacionalmente. A

União Européia é a principal importadora, com cerca de 1/4 das importações totais.

Tabela 3.III. Principais exportadores de carne ovina (mil toneladas).

	1990	%	2000	%	2004	%	2008	%
Nova Zelândia	372,1	45,9	379,1	40,5	348,1	39,4	441,6	43,2
Austrália	158,0	19,5	300,1	32,1	258,7	29,3	315,8	30,9
Índia	8,3	1,0	11,5	1,2	8,8	1,0	19,0	1,9
Uruguai	24,4	3,0	16,5	1,8	7,9	0,9	18,8	1,8
Namíbia	1,4	0,2	4,2	0,4	0,1	0,0	12,3	1,2
EUA	2,8	0,3	2,4	0,3	7,3	0,8	6,6	0,6
China	1,3	0,2	0,5	0,1	20,0	2,3	6,3	0,6
Demais países	251,8	31,1	221,7	23,7	231,6	26,2	202,3	19,7
Total	810,4	100	936,0	100	882,5	100	1.022,7	100

Fonte: Comtrade; Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

A importação de carne ovina é bastante distribuída, porém oito países adquirem quase 60% do volume comercializado internacionalmente. A União Europeia é a principal importadora, com cerca de um quarto das importações totais.

Tabela 3.IV. Principais importadores de carne ovina (mil toneladas).

	1990	%	2000	%	2004	%	2008	%
União Europeia*	208,9	25,3	231,3	25,3	230,6	26,1	259,3	25,3
EUA	19,6	2,4	54,8	6,0	73,9	9,0	83,0	8,1
Arábia Saudita	22,6	2,7	55,3	6,1	51,6	5,8	59,6	5,8
China	9,5	1,2	34,1	3,7	55,5	6,3	54,0	5,3
África do Sul	0,9	0,1	53,2	5,8	17,1	1,9	37,3	3,6
Emirados Árabes Unidos	25,0	3,0	16,4	1,8	20,8	2,4	35,4	3,4
México	9,9	1,2	44,4	4,9	56,4	6,4	32,1	3,1
Demais países	400,5	51,6	369,7	42,2	321,9	36,4	415,8	40,6
Total	760,8	92,3	886,2	97	856,2	97,6	1.000,2	97,6

Fonte: Comtrade; Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009. * Não está considerado o comércio intracomunitário nestes valores. Somente a compra de países de fora da União Europeia.

A carne caprina é pouco comercializada no mercado internacional, como pode ser visto na Tabela 3.I. A Austrália, apesar de seu rebanho pequeno de cabras, é a maior exportadora, com mais de 40% do volume total. Outros exportadores importantes são China, Etiópia e União Europeia. Mostrando sua vocação exportadora, a Nova Zelândia aparece em 6º lugar, apesar de seu rebanho diminuto.

Os principais importadores de carne caprina são os Emirados Árabes Unidos e os EUA. Os EUA participam com um terço das importações, quase tudo comprado na Austrália, enquanto os Emirados Árabes Unidos completam outro um terço e se abastecem principalmente em outros países da Península Arábica.

Um comércio que não pode ser ignorado é o de animais vivos. Este fluxo se dá principalmente entre a Austrália e os países do Oriente Médio e entre a Arábia Saudita e seus vizinhos. Existia outro fluxo internacional importante neste tipo de comércio, entre os países do leste europeu e a União Europeia. Mas com a ampliação do bloco econômico, ocorrida entre 2005 e 2007, este comércio passou a ser considerado como intracomunitário.

A razão principal para a existência do comércio de animais vivos é a necessidade de abate ritual em determinadas épocas do ano entre os muçulmanos. No entanto, a venda de animais vivos também é importante para o abastecimento de carne em regiões que não dispõem de sistema de armazenamento a frio que permita o transporte e a venda de carne resfriada ou congelada.

Tabela 3.V. Principais exportadores de ovinos vivos (milhões de cabeças).

	1990	%	2000	%	2004	%	2008	%
Austrália	4,33	22,8	5,42	32,2	3,40	23,1	4,21	37,7
Síria	0,81	4,3	0,94	5,6	2,13	14,5	3,50	31,3
Sudão	0,63	3,3	0,58	3,4	1,48	10,1	0,70	6,3
Arábia Saudita	0,17	0,9	0,06	0,4	0,22	1,5	0,47	4,2
Demais países	13,09	68,7	9,83	58,4	7,78	50,8	2,29	20,5
Total	19,03	100	16,83	100	15,01	100	11,17	100

Fonte: Comtrade; Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

A importação de ovinos vivos é totalmente concentrada na Península Arábica, sendo a Arábia Saudita o maior importador.

Tabela 3.VI. Principais importadores de ovinos vivos (milhões de cabeças).

	1990	%	2000	%	2004	%	2008	%
Arábia Saudita	4,77	26,0	4,17	25,9	4,48	31,1	4,91	46,5
Kuwait	1,21	6,6	1,77	11,0	1,48	10,3	1,50	14,2
Qatar	0,68	3,7	0,52	3,2	0,33	2,3	0,89	8,4
Omã	0,32	1,7	0,50	3,1	0,33	2,3	0,44	4,2
Demais países	11,33	61,9	9,16	56,8	7,77	53,5	2,81	26,7
Total	18,31	100	16,12	100	14,39	100	10,55	100

Fonte: Comtrade; Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

Os exportadores importantes de caprinos vivos são Somália, Omã e Irã, perfazendo metade das exportações totais, que chegaram a 4,0 milhões de cabeças em 2008. Os grandes importadores de caprinos vivos são Arábia Saudita e Iêmen com mais de um milhão de cabeças cada país.

4. Perfil dos países exportadores

Nova Zelândia e Austrália respondem pela maior parte do comércio internacional de carne ovina, com participação significativa em todos os principais mercados importadores. Entender como funciona o sistema agroindustrial nestes países é fundamental para a compreensão efetiva do fluxo de carne ovina através do mundo.

Os outros países exportadores de carne ovina têm uma importância relativa muito menor. Porém, são importantes para se entender parâmetros de competitividade em escala regional, como é o caso do Uruguai com o MERCOSUL, da Índia com o Golfo Pérsico, da Namíbia com a África do Sul, da China com Hong Kong e dos EUA com o NAFTA.

4.1. Nova Zelândia

Apesar de sua pequena extensão territorial, a Nova Zelândia é importante exportador de diversos produtos de origem animal. A busca incessante pela competitividade pecuária faz com que o país supere os obstáculos referentes ao clima, ao relevo e à localização e seja um competidor importante quando se fala de carne ovina e bovina, leite e lã. No caso da lã, a Nova Zelândia é o segundo maior exportador e responde por cerca de 14% da produção mundial.

4.1.1. Setor primário

Aproximadamente 15 mil propriedades criam ovinos no país, normalmente em conjunto com bovinos. Em regra, a criação se dá ao ar livre, sem instalações de abrigo, com uso disseminado de rotação de pastagens. Pouco ou nenhum suplemento concentrado é fornecido aos animais.

A terminação dos cordeiros pode ser feita pelo próprio criador ou por criadores especializados na engorda. Existem alguns grandes terminadores de cordeiros – o maior com 500 mil animais por ano, e essa engorda final antes do abate é feita basicamente com o uso de pastagens permanentes de boa qualidade

O rebanho vem diminuindo de forma constante ao longo dos últimos 20 anos. Um dos motivos recentes para a redução do rebanho ovino é o aumento da quantidade de vacas leiteiras e de reflorestamento, considerados mais rentáveis pelos pecuaristas. Apesar disso, o percentual de fêmeas no rebanho vem aumentando discretamente nos últimos anos e isso sinaliza que a produção de cordeiros não deve ter uma queda tão significativa.

Tabela 4.I. Rebanho ovino na Nova Zelândia (milhões de cabeças).

Ano	Total de ovinos	Fêmeas em reprodução %	% fêmeas no rebanho
2000	42,3	28,9	68,3
2002	39,6	26,8	67,7
2004	39,3	26,7	67,9
2006	40,1	26,9	67,1
2008	34,2	23,6	69,0

Fonte: New Zealand Meat and Wool; Statistics New Zealand, 2009.

Figura 4.I – Concentração do rebanho ovino na Nova Zelândia.
Fonte: Statistics New Zealand, 2009.

O rebanho ovino é bastante equilibrado entre a ilha Norte e a ilha Sul, no entanto as regiões com maior rebanho estão principalmente na ilha sul. A distribuição é a seguinte:

Tabela 4.II. Distribuição do rebanho ovino na Nova Zelândia (milhões de cabeças).

Região	Rebanho	Participação (%)
Cantebury	7,2	21,0
Manawatu	6,7	19,5
Otago	6,0	17,5
Southland	5,7	16,7
Demais regiões	8,6	25,3
Total	34,2	100,0

Fonte: Statistics New Zealand, 2009.

O rebanho caprino da Nova Zelândia é pequeno e está declinando mais rapidamente do que os ovinos, sendo hoje menos de 10% do que era

há 20 anos, quando o rebanho alcançou 1,3 milhões de cabeças. A finalidade principal da criação de caprinos na Nova Zelândia era a produção de pelos finos para a indústria de confecção. São cerca de 110 mil caprinos no país, localizados principalmente na Ilha Norte, na região de Waikato, que conta com quase 40% do rebanho nacional. Existe uma quantidade significativa de cabras selvagens, que também são abatidas e enviadas à exportação.

A eficiência reprodutiva do país é alta, com cada ovelha desmamando em média mais do que um cordeiro por ano. A seca persistente dos últimos anos, apesar de ter sido um fator extra para a diminuição do rebanho, não tem sido um impedimento para a manutenção de taxas altas de parição.

Tabela 4.III. Eficiência reprodutiva das ovelhas na Nova Zelândia.

	2007	2008
Total de ovinos (milhões de cabeças)	38,5	34,2
Fêmeas em reprodução (milhões de cabeças)	28,2	27,1
Cordeiros marcados (milhões de cabeças)	33,0	32,0
Prolificidade (%)	117	118

Fonte: New Zealand Meat and Wool; Statistics New Zealand, 2009.

4.1.2. Indústria

O setor industrial é forte e competitivo, com várias cooperativas de produtores sendo proprietárias de empresas de abate e processamento de carne ovina. São 22 empresas processadoras de carne, das quais seis exclusivamente para exportação. Além disso, existem mais 57 abatedouros com licença de exportação e uma grande quantidade de pequenos abatedouros que abastecem somente o mercado local. Atualmente, a capacidade industrial excede a quantidade de animais disponíveis para abate.

As principais empresas, que respondem por mais de 80% da exportação, são: Silver Fern Farms; AFFCO Holdings; Alliance Group; Primary Producers Coop e ANZCO Foods. Cada uma dessas companhias opera plantas em vários locais do país. O fato de o país ser composto de duas ilhas principais faz com que as indústrias sempre estejam próximas a algum dos 11 portos de exportação de carne.

Tabela 4.IV. Abate inspecionado na Nova Zelândia.

	2007		2008	
	Cabeças (milhões)	Mil t	Cabeças (milhões)	Mil t
Cordeiros	26,95	452,7	27,11	446,4
Ovinos adultos	5,07	120,5	6,60	151,7
Caprinos	0,13	1,6	0,10	1,4
Total	32,15	574,8	33,81	599,5

Fonte: New Zealand Meat and Wool, 2009.

A venda de animais é feita pelos produtores diretamente para as indústrias, no mercado spot. Apesar de algumas indústrias estimularem a formação de contratos de fornecimento, os criadores não veem com bons olhos este tipo de relacionamento. Os produtores especializados em engorda podem comprometer via contrato parte de sua produção, mas mantêm a maior parte dos animais para venda no mercado spot.

O sistema de classificação de carcaças é efetivamente adotado pela indústria para compor a remuneração dos produtores, inclusive no abate de animais de descarte. Os caprinos para abate também obedecem à classificação de carcaças, mesmo não sendo uma cadeia produtiva importante no país. Usualmente, o pagamento aos produtores é feito com prazo de 14 dias após o abate.

A remuneração se dá com base na idade do animal e no peso, com uma bonificação pela cobertura de gordura na carcaça. Os animais mais valorizados são os cordeiros, com cobertura de carcaça entre 6 e 12 mm de gordura. Algumas indústrias pagam uma bonificação por lealdade, que é a repetição constante da relação de compra com um criador específico. Esta mesma bonificação é usada como mecanismo de compra nas épocas em que está faltando animais no mercado. Neste caso, mesmo os fornecedores não usuais podem receber a bonificação por lealdade, como forma de aumentar o preço momentaneamente e garantir o fornecimento.

O desfrute aproximado do país foi de 83,2% em 2007 e de 98,6% em 2008, refletindo a grande destinação de animais adultos para o abate.

A imensa maioria da produção é exportada, pois a Nova Zelândia tem uma pequena população e, apesar do consumo *per capita* ser alto, o excedente exportável torna o país o maior vendedor mundial de carne ovina.

Curiosamente, no mercado de ovinos vivos, a Nova Zelândia tem participação inexpressiva. No entanto, um novo acordo com Arábia Saudita para exportar ovinos vivos a partir de julho de 2009 está sendo costurado. As exportações foram proibidas pelos próprios neozelandeses em 2004, após a morte de cinco mil cabeças no navio que fazia o transporte. Os produtores neozelandeses querem garantia de que os animais serão bem tratados na viagem e no destino, como reflexo da pressão da sociedade do país, influenciada pelas entidades de proteção aos animais.

4.1.3. Aspectos institucionais e organizacionais

Existe um acordo de livre comércio com a China e com os países da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN, na sigla em inglês), que beneficia diretamente os produtos da ovinocaprinocultura. Foram iniciadas negociações na mesma direção com o Japão e com a Coreia.

Os empréstimos para investimento são fornecidos com taxas de juros baixas e prazo longo de pagamento, podendo chegar a até 20 anos em alguns casos. Os bancos locais são vistos como parceiros efetivos pelos produtores, ao contrário da maioria dos países, inclusive o Brasil.

O *Meat & Wool New Zealand* – Nova Zelândia Carne e Lã (MWNZ, na sigla em inglês) é uma entidade fundada por produtores, sustentada com uma contribuição para cada bovino, ovino ou caprino abatido. Do abate, é descontada uma contribuição de cerca de 1% para a entidade. O MWNZ tem diversas atribuições dentro da cadeia produtiva, trabalhando como indutora da pesquisa, do comércio, do *marketing* e da disseminação de informações.

O MWNZ fornece diretrizes para a pesquisa, que tem se concentrado na área de manejo de parasitas, convivência com a seca, desenvolvimento de forrageiras resistentes à seca. Também os nutracêuticos têm recebido atenção especial nos últimos, com a busca de animais com teores mais altos de ômega 3 na gordura e que possam transmitir esta característica geneticamente para seus descendentes.

Existe uma forte preocupação ambiental com a questão da emissão de gases e o congruente efeito estufa, seu impacto nas propriedades e os potenciais problemas no relacionamento com os consumidores, nacionais e estrangeiros. O MWNZ procura dar visibilidade às iniciativas da cadeia produtiva nesta área, como a busca de menores emissões para melhorar o balanço de carbono da atividade e o trabalho de proteção das fontes de água nas propriedades.

O MWNZ, em parceria com a *New Zealand Beef & Lamb Marketing Bureau* – Departamento Neozelandês de Promoção da Carne Bovina e Ovina – (NZBLMB, na sigla em inglês) organiza a publicidade dos produtos de ovinos e caprinos nos mercados principais de exportação e também no mercado interno, que responde pelo consumo de 10% da produção.

Algumas ações de *marketing* no mercado interno incluem: demonstração de formas modernas de preparo da carne ovina na televisão; informação e promoção do produto através da internet; patrocínio de campeã olímpica para promover o consumo junto à geração saúde; promoção da carne ovina nas escolas primárias; competição entre os criadores, com prêmios como Golden Lamb Awards – Prêmio do Cordeiro Dourado – premiando diferentes raças; e escolha de chefes de cozinha famosos para serem Embaixadores Anuais do Cordeiro Neozelandês.

Os processadores de carne, a MWNZ e a *New Zealand Trade and Enterprise* – Empreendimentos e Comércio Neozelandeses – trabalham em conjunto para descobrir novos mercados para a carne e para a lã do país. Atenção especial tem sido dada à China, por seu novo posicionamento dentro da economia mundial como um todo e da cadeia da ovinocaprinocultura em particular.

Existe um projeto de cooperação entre a MWNZ e a *Meat Industry Association* – Associação da Indústria da Carne – chamado *New Zealand Meat Industry Research* – Pesquisa Neozelandesa para a Indústria da Carne - (MIRINZ, na sigla em inglês), que se iniciou em 1955. O objetivo do MIRIINZ é aumentar a rentabilidade do setor industrial de carne através da realização de pesquisas na área de eficiência de processamento, qualidade de carne, aumento da vida de prateleira dos alimentos, processamento de peles e agregação de valor aos produtos.

Alguns programas são destinados diretamente aos produtores, como um que visa aumentar a quantidade de caprinos de corte nas propriedades, em parceria entre o MWNZ e o *Goat Advisory Group* – Grupo Consultivo da Caprinocultura –, levando informações sobre alimentação e manejo de caprinos às propriedades.

Finalmente, a MWNZ também coordena um programa nacional de mérito genético, que visa identificar os reprodutores com maior capacidade de contribuir para a ovinocultura com descendentes possuidores de atributos que sejam desejados pela cadeia produtiva, como precocidade, fertilidade e resistência à doenças e parasitas.

A preocupação nacional com a sanidade animal, especialmente a febre aftosa, é notável, e em toda parte estão dispostos avisos sobre a necessidade de comunicar ao Ministério da Agricultura sobre qualquer incidente.

Nos últimos anos, a Nova Zelândia está adotando algumas restrições na destinação de áreas de pastagem para o plantio de florestas comerciais. Existe uma preocupação com a disseminação exagerada de árvores em detrimento da produção animal, o que pode comprometer a balança comercial do país, que é dependente da exportação de produtos de origem animal.

4.1.4. Exportações

A cota neozelandesa de exportação de carne ovina na União Europeia é de 227.854 toneladas anuais, o que faz do país o principal fornecedor daquele bloco de países. Em parceria com as grandes empresas varejistas europeias, os exportadores mantêm um sistema de comunicação permanente com os consumidores, reforçando a boa imagem da carne ovina do país.

A partir da década de 1980, os europeus implantaram uma política de subsídios que estimulou fortemente a produção. Com isso o espaço disponível para a carne ovina neozelandesa no Reino Unido diminuiu e os exportadores neozelandeses reagiram de duas maneiras. Em primeiro lugar, diversificaram os seus mercados de destino na Europa, focando a França e a Alemanha. A segunda etapa foi aprimorar o *marketing* do produto nacional no mercado europeu, oferecendo cortes adaptados à demanda moderna dos consumidores.

Ao longo do tempo, as exportações da Nova Zelândia têm mantido tendência de crescimento, em parte refletindo o aumento de oferta provocado pela diminuição do rebanho.

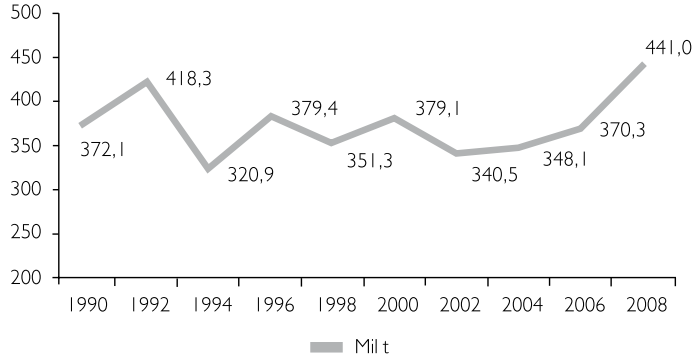
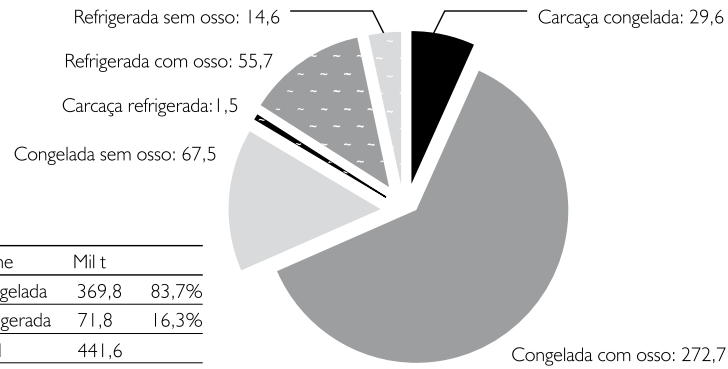


Gráfico 4.I. Exportação de carne ovina neozelandesa (mil t).
Fonte: Comtrade; New Zealand Meat and Wool, 2009.

Em termos de volume, a carne congelada representa 72% do total exportado. Da carne congelada, a maior parte é exportada com osso.



Carne	Mil t	
Congelada	369,8	83,7%
Refrigerada	71,8	16,3%
Total	441,6	

Gráfico 4.II. Tipo de carne exportada pela Nova Zelândia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; New Zealand Meat and Wool, 2009.

A União Europeia é o principal destino das exportações de carne ovina da Nova Zelândia, absorvendo 38% do volume. A China, a Arábia Saudita e os EUA são outros grandes compradores, mas cada um adquire entre 5 e 7% da carne neozelandesa

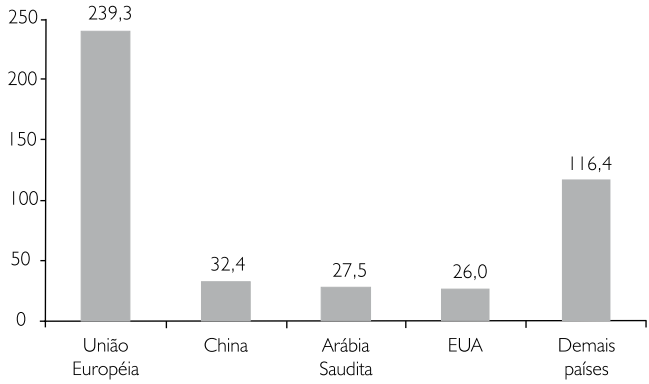


Gráfico 4.III. Destino das exportações de carne ovina da Nova Zelândia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; New Zealand Meat and Wool, 2009.

Na carne congelada, a União Europeia é o principal cliente, com 31% das compras. O preço médio alcançado de exportação, de US$ 3.817 por tonelada, é de pouco mais da metade do obtido pela carne refrigerada.

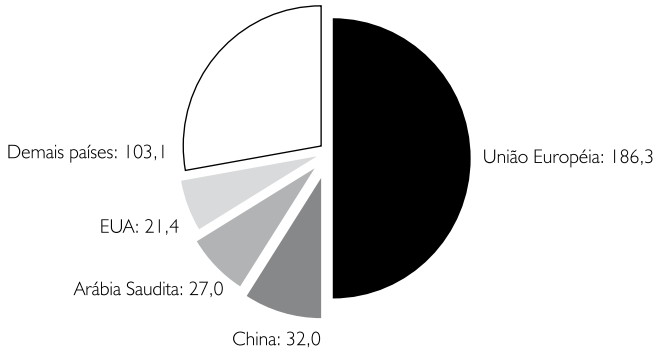


Gráfico 4.IV. Destino das exportações de carne ovina congelada da Nova Zelândia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; New Zealand Meat and Wool, 2009.

Na carne refrigerada, de maior valor, o domínio da União Europeia aumenta, com a aquisição de quase três quartos do volume exportado pela Nova Zelândia. Neste tipo de produto, a China e a Arábia Saudita já não constam como grandes importadores, pois estes países buscam carne mais barata no mercado internacional.

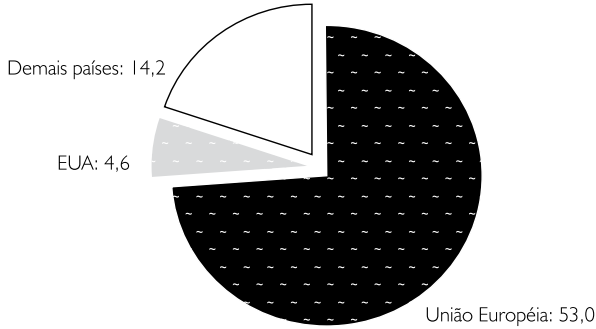


Gráfico 4.V. Destino das exportações de carne ovina refrigerada da Nova Zelândia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; New Zealand Meat and Wool, 2009.

Quase dois terços das expedições neozelandesas para o mercado do Reino Unido são formados por cortes de pernil, que podem ser colocados diretamente à venda nas prateleiras de supermercados ou fatiadas por indústrias especializadas locais. Além de cortes de pernil, o Reino Unido também recebe da Nova Zelândia lombo (13% das exportações em 2007) e cortes de dianteiro (18% do total em 2007). Outra característica das exportações neozelandesas é o aumento constante da participação de cortes refrigerados, que facilitam a utilização do produto pelos varejistas e de reduzir a participação dos cortes e carcaças congelados.

4.2. Austrália

A Austrália tem características diferentes em relação à Nova Zelândia, mas também é exportador importante de carne bovina, carne ovina e de lã, além de ser o principal exportador de carne caprina, apesar de seu rebanho desta espécie não ser grande. É uma característica fundamental da Austrália a existência de extensas áreas áridas e semiáridas. A lã tem importância crucial para o país, que é responsável por 30% da produção mundial e têm sua qualidade de fibra reconhecida pela indústria em todos os países.

4.2.1. Setor primário

As propriedades australianas, em sua maioria, produzem carne ovina como subproduto da lã, da qual a Austrália é o 2º maior produtor mundial. São apenas oito mil produtores (especializados ou não), que produzem carne de cordeiro, de um total de cerca de 40 mil ovinocultores. Já os caprinocultores são pouco mais de oito mil no total, muitos deles especializados em produzir pelos finos. A maior parte do rebanho ovino australiano é composto por ovinos da raça Merino, de aptidão lanífera, e suas cruzas.

Tabela 4.V. Composição racial do rebanho australiano.

Raça	Participação
Merino e cruzas	84%
Demais raças	16%

Fonte: Meat and Livestock Australia, 2009.

Deve ser considerado que está ocorrendo uma transição marcante da ovinocultura do país, com um enfoque cada vez maior na produção de cordeiros. Isto se reflete no percentual maior de fêmeas matrizes no rebanho, diminuindo a quantidade de machos castrados, que servem para a produção da lã.

Assim, cresce o interesse em produzir animais de duplo propósito, usando principalmente as raças Dohne Merino e South África Meat Merino, que possibilitam bons cordeiros, sem grande perda na qualidade da

lã. Desta forma, os produtores podem aproveitar o mercado promissor da carne ovina sem abandonar o mercado tradicional da lã.

O rebanho ovino australiano vem diminuindo de tamanho nos últimos 20 anos. Em anos mais recentes, a persistência de uma seca que atravessou 40 meses foi um agravante extra para os produtores reduzirem seus plantéis. Ao mesmo tempo, o aumento no preço pago pela carne de animais velhos estimulou o abate de parte do rebanho. No entanto, o percentual de fêmeas no rebanho tem se mantido estável, o que indica que a tendência de se produzir animais de duplo propósito está se confirmando.

Tabela 4.VI. Rebanho ovino na Austrália (milhões de cabeças).

Ano	Total de ovinos	Fêmeas em reprodução	% fêmeas no rebanho
2000	118,6	65,8	55,5
2002	106,2	58,3	54,9
2004	101,3	54,3	53,6
2006	91,0	46,4	51,0
2007	85,7	46,6	54,4
2008	76,9	41,5	54,0

Fonte: Meat and Livestock Australia, 2009.

Algumas estimativas apontam que o rebanho caprino australiano mais que dobrou nos últimos 10 anos, chegando a 520 mil cabeças, sem contar as cabras selvagens, que são estimadas em mais de um milhão de animais. Cerca de 90% da produção de carne caprina é oriunda de animais derivados da raça nativa semi-selvagem chamada de *Rangeland Goat*, mesclada a outras raças. A introdução da raça Boer é considerada como ponto de partida para a Austrália ter se consolidado como maior exportador mundial de carne caprina.

O rebanho ovino na Austrália é concentrado em três estados, que juntos detêm quase 80% dos animais.

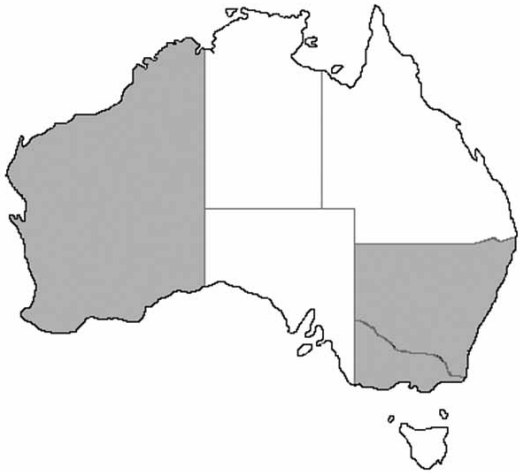


Figura 4.II. Concentração do rebanho ovino na Austrália.
Fonte: Meat and Livestock Australia, 2009.

Tabela 5.VII. Distribuição do rebanho ovino na Austrália (milhões de cabeças).

Estado	Rebanho	Participação (%)
New South Wales	26,4	34,3
Western Austrália	17,7	23,0
Victoria	16,8	21,8
Demais estados	16,0	20,9
Total	76,9	100,0

Fonte: Meat and Livestock Australia, 2009.

O preço pago ao produtor reflete a diferença que o mercado consumidor percebe em relação à qualidade da carne de animais jovens e adultos. O preço do cordeiro é mais do que o dobro do preço do animal adulto. No entanto, nos últimos anos, o preço pago pelos animais adultos teve um percentual de aumento levemente maior, possivelmente pelo aumento das exportações de ovinos vivos para o Oriente Médio.

Tabela 4.VIII. Diferença do preço pago ao produtor (dólares australianos por kg).

	2006	2007	2008	2009
Ovinos adultos	1,36	1,59	1,75	1,80
Cordeiros	3,26	3,35	4,02	4,00
Valor do adulto em relação ao cordeiro	42%	47%	43%	45%

Fonte: Meat and Livestock Australia, 2009.

* O dólar australiano tem oscilado em torno de 75 a 85% do dólar norte-americano.

4.2.2. Indústria

Como um país fornecedor importante do mercado mundial, a Austrália tem buscado habilitar seus frigoríficos para atender às exigências dos consumidores dos diversos países. A indústria de abate está concentrada nos estados de Victoria, New South Wales e ao sul de Queensland.

A Austrália tem 44 frigoríficos habilitados para exportar para a União Europeia. Destes, 20 abatem ovinos (sete destes também abatem caprinos). São 69 frigoríficos com certificação para abate Halal de ovinos e 37 para abate Halal de caprinos. O mercado orgânico também interessa aos frigoríficos australianos e são 19 plantas habilitadas para abater ovinos e caprinos visando atender aos consumidores de produtos orgânicos.

O principal frigorifico é o grupo brasileiro JBS, proprietário das empresas locais Swift e Tasman Group, com sete abatedouros de bovinos, suínos e ovinos (capacidade de abate de 16 mil ovinos por dia), que também opera um confinamento em New South Wales com capacidade para 35 mil ovinos. Outro grupo importante é o Fletcher, com duas plantas com capacidade de abate total de 90 mil ovinos por semana e propriedades rurais para produção ovina que somam cerca de 85 mil hectares

Mostrando o aumento da eficiência reprodutiva do país, a produção de carne de cordeiro está aumentando e ganhando participação na produção total de carne ovina. De 52% em 2000, passou a 62% em 2008, apesar de o rebanho estar diminuindo. A previsão é de que a exportação de cordeiros aumente cerca de 30% nos próximos cinco anos.

Tabela 4.IX. Abate inspecionado na Austrália (milhões de cabeças).

	Cordeiros		Ovinos adultos		Total	
	Cabeças (milhões)	Mil t	Cabeças (milhões)	Mil t	Cabeças (milhões)	Mil t
2000	18,5	368,2	16,4	345,7	34,9	713,9
2002	17,1	337,6	14,9	296,7	32,0	634,3
2004	16,7	340,2	11,1	233	27,8	573,2
2006	19,5	399,8	13,1	269,4	32,6	669,2
2008	20,3	420,4	12,0	252,7	32,3	673,1

Fonte: Meat and Livestock Australia, 2009.

O abate inspecionado de caprinos é informado como sendo de 990 mil cabeças em 2008, número maior do que o rebanho oficial. Isso se deve ao fato de ser abatida grande quantidade de cabras selvagens, dentro do programa de controle de mamíferos exógenos, que são considerados como pragas na Austrália. Quase toda a carne caprina é exportada, sendo os consumidores domésticos principais alguns açougues que vendem carne para os muçulmanos do país, comercializando carcaças menores do que aquelas destinadas ao mercado externo.

Em 2007 foram exportados vivos mais 3,78 milhões de ovinos. Somando ao abate realizado no período, chega-se a um desfrute de 43,2% para o rebanho australiano. Em 2008, a exportação de ovinos vivos subiu para 4,21 milhões de cabeças. O porto de Fremantle, em Western, Austrália, exporta 82% dos ovinos vivos. Já os caprinos vivos são exportados principalmente via aérea, chegando a 96% do total em 2008.

As alianças de produtores de carne ovina são menos desenvolvidas do que em outras cadeias produtivas locais, como aves e suínos. Diversos motivos são apontados para isto, mas o mais forte é a falta de especialização na produção de carne ovina pelos criadores. Cerca de metade da produção de animais para abate é vendido no sistema de leilão.

Uma iniciativa de relacionamento moderno que está dando certo é a WA Q Lamb, que reúne frigorífico, redes varejistas e mercado externo. Esta aliança oferece garantia de preço e um prêmio sobre qualidade, desta forma a indústria tem suprimento constante e o varejo garantia para promover uma marca *premium* em suas lojas. Já funciona há quase 10 anos, tendo o estado de Western Australia como base, e serve de exemplo para outras

tentativas de organização da cadeia produtiva. No outro extremo da Austrália, no estado de Victoria, outra aliança exitosa é a *Castricum Lamb*, nos mesmos termos e que aplica sua marca inclusive em peles ovinas.

O trabalho que está sendo desenvolvido na valorização da cadeia de exportação de animais vivos é apontado como um dos mais fortes indutores de alianças produtivas entre criadores e indústria, pois está mostrando aos criadores com rebanhos mais numerosos que vale a pena garantir o suprimento de determinada empresa em troca de prêmios por qualidade do animal.

4.2.3. Aspectos institucionais e organizacionais

Os produtores de ovinos fundaram em 1978 o *Sheepmeat Council of Australia* – Conselho da Carne Ovina da Austrália (SCA, na sigla em inglês) –, com a finalidade explícita de representar e promover os interesses dos produtores de carne ovina. Sua atividade é voltada para o desenvolvimento de políticas públicas e influenciar as decisões governamentais.

Influenciado pelo SCA, foi estimulada pelo governo australiano a fundação do *Goat Industry Council of Australia* – Conselho da Cadeia Produtiva da Caprinocultura (GICA, na sigla em inglês) –, com os mesmos objetivos.

O SCA e o GICA fazem parte do *Meat & Livestock Australia* – Carne e Rebanho Australiano (MLA, na sigla em inglês) –, que é uma iniciativa dos produtores, incluindo de bovinos, que trabalha em parceria com o governo e com a indústria, com o objetivo de manter a cadeia produtiva das carnes vermelhas num nível rentável e sustentável. Tem mais de 43 mil associados e proporciona pesquisa, desenvolvimento e *marketing* para toda a cadeia produtiva. Algumas metas permanentes do MLA são aumentar o consumo de carne vermelha, garantir acesso ao mercado dos diferentes países e incrementar a competitividade da cadeia.

Algumas das atividades desenvolvidas pela MLA são: promoção da carne australiana dentro e fora do país; organização de cursos de boas práticas de produção dos produtores aos varejistas; participação nas negociações de sanidade e tarifas para garantir acesso aos mercados de cada país; desenvolvimento de inovações industriais; estímulo à formação de alianças de suprimento.

Uma das funções mais valorizadas do MLA é o fornecimento de estatísticas e informações ao mercado. Assim, são editados boletins semanais sobre a carne ovina, sobre a lã e, desde 2003, sobre a carne caprina. É a principal fonte confiável de estatísticas australianas, sendo muito respeitada por todos os participantes da cadeia.

O *Lambplan* é um dos programas da MLA, em parceria com outras entidades; é uma ferramenta que os produtores podem usar para otimizar suas técnicas de manejo de pastagem e dos animais. Seu objetivo principal é orientar o uso de raças e reprodutores, em função de um *ranking* que compara os animais de cada ovinocultor entre si e com a média obtida pelos demais participantes. A ideia é que seja reduzido o risco associado à escolha do carneiro reprodutor e com isso aumente-se o ganho genético dos rebanhos. São escolhidos sempre os carneiros que obtêm filhos com características importantes para a produção, como ganho de peso acelerado, resistência a parasitas, produção de lã etc. Para os caprinocultores existe um programa semelhante, chamado *Kidplan*.

Persiste há vários anos a discussão de proibição de exportação de animais vivos, devido a possíveis danos à indústria e também por pressão dos grupos ligados à proteção dos animais. Porém, estudos australianos mostram que os ganhos que o setor industrial pode ter com a proibição são inferiores aos ganhos que a cadeia produtiva como um todo tem com a exportação de animais vivos. De fato, o governo australiano apoia a venda de animais vivos – ovinos, caprinos e bovinos – para o exterior.

A exportação de animais vivos é supervisionada pelo governo. Os principais padrões a serem seguidos estão descritos nos Padrões Australianos para a Exportação de Animais Vivos, a cargo do Ministério de Agricultura. São definidos padrões de preparo na fazenda, embarque e transporte terrestre, aéreo e aquático. Também é necessária uma licença de exportador fornecida pelo Serviço Australiano de Quarentena e Inspeção. O mesmo organismo realiza uma inspeção no navio antes da partida, para dar o certificado de bem-estar animal, em conjunto com o Departamento de Segurança Marítima. Além disso, todos os estados têm leis próprias que tratam da prevenção de crueldade com os animais. Os navios sempre viajam com um veterinário australiano e um responsável-chefe pelo tratamento dos animais, credenciados pelo governo.

Os exportadores de animais vivos estão organizados numa entidade chamada *LiveCorp*, que é mantida com contribuições das empresas sobre os animais exportados. Os objetivos principais são a defesa do interesse dos exportadores de animais vivos, o acesso a mercados e a educação e treinamento do pessoal envolvido na cadeia – dentro e fora da Austrália.

Mais recentemente, foi fundada uma entidade com a finalidade específica de prover o mercado, os consumidores e a opinião pública com informações sobre o tratamento dado aos animais vivos exportados. Chamado *Australian Livestock Export Animal Welfare Group* – Grupo Australiano de Bem-Estar na Exportação de Animais Vivos (ALEAWG, na sigla em inglês) –, esta entidade tem o apoio do governo e é formada por diversas outras entidades representativas, incluindo a MLA, a SCA, a Federação de Agricultura e outros.

Os produtores rurais estão organizados em torno da *Australian Livestock Exports Council* – Conselho de Exportação de Animais Vivos (ALEC, na sigla em inglês) –, que é formada por representantes das associações estaduais de criadores. A ALEC tem assento na LiveCorp e trabalha em conjunto com o MLA no Programa de Exportação de Animais Vivos.

O ALEC, o *LiveCorp*, o MLA e o ALEAWG, em conjunto com o governo australiano estão realizando investimentos desde 2007 para fortalecer os mercados de animais vivos e também para esclarecer melhor a opinião pública australiana.

Algumas ações voltadas à qualificação da mão-de-obra são treinamento dos estivadores responsáveis pelo embarque em portos australianos, do pessoal encarregado de vacinar e cuidar dos animais e do pessoal encarregado do transporte rodoviário, entre outros.

Além disso, tem sido feito *marketing* da importância social da atividade, principalmente no estado de Western Austrália (onde as exportações de animais vivos estão concentradas), demonstrando as preocupações do setor com o bem-estar dos animais que são vendidos e transportados a outros países.

Estão sendo feitos investimentos em benfeitorias nos portos de chegada e no treinamento do pessoal local nos países importadores de animais vivos: Oman, Israel, Kuwait, Arábia Saudita, Qatar, Bahrain, Egito, Jordânia, Emirados Árabes, Indonésia e Malásia. Estes projetos incluem: cursos

de treinamento de bem-estar animal e técnicas de manejo e transporte; construção de rampas de desembarque nos portos importadores para os animais saírem direto do navio para os caminhões; modernização dos abatedouros no Kuwait;

Algumas políticas públicas australianas favorecem mais os exportadores de animais vivos do que as indústrias. Da mesma maneira, os países importadores oferecem subsídios para a importação de animais vivos e aplicam taxas maiores na importação da carne processada.

Existem custos que os processadores australianos têm e que os exportadores de animais vivos não, principalmente: observância da legislação sanitária e ambiental, mais restritiva na Austrália do que nos países de destino; custos com a mão-de-obra, diretos e indiretos, também mais altos na Austrália; custos com a utilização de água e energia, que na Austrália apresentam taxações que vão além da simples cobrança pelo consumo, como é feito na maioria dos países.

Um fato a ser considerado é que a diminuição constante do rebanho está provocando uma pressão da cadeia produtiva para que sejam limitadas as exportações de animais vivos. Esta discussão está tomando corpo e devem ocorrer alguns fatos importantes no decorrer de 2010 que podem diminuir as exportações australianas de ovinos vivos.

Em janeiro de 2006 foi instituído um programa chamado National Livestock Identification Scheme – Regime Nacional de Identificação do Rebanho –, buscando garantir a integridade da cadeia ovina e caprina através da possibilidade de identificar e rastrear rapidamente os animais. Assim, minimiza-se os danos em caso de necessidade por segurança alimentar ou por emergências sanitárias relacionadas ao aparecimento de doenças nos animais. A finalidade é proporcionar que os consumidores – domésticos ou estrangeiros – tenham confiança na reputação da Austrália como produtora de carne vermelha segura e com qualidade.

Fazem parte do programa brincos de identificação coloridos (com a cor identificando o ano de nascimento) nas orelhas dos animais e emissão de documentos de vendas semelhantes à Guia de Trânsito de Animais (GTA) utilizada no Brasil. A partir de julho de 2009, quando os animais forem vendidos para outras propriedades, será necessário colocar um brinco cor-de-rosa adicional.

4.2.4. Exportações

A carne ovina representou mais de US$ 1 bilhão de exportações em 2008. As exportações australianas de carne aumentaram proporcionalmente mais do que as da Nova Zelândia, também refletindo o aumento de oferta provocado pela diminuição do rebanho. Existe uma preocupação da cadeia produtiva com a sustentabilidade deste fornecimento de carne, pois o abate tem aumentado de forma constante.

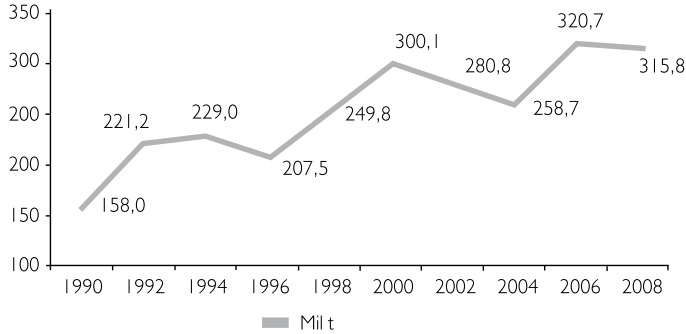
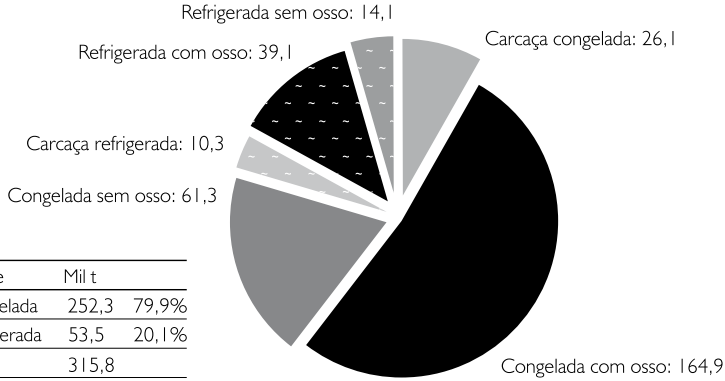


Gráfico 4.VI. Exportação de carne ovina australiana (mil t).
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia, 2009.

Mais de metade da carne é exportada na forma de cortes congelados com osso. A carne refrigerada tem participação maior do que no caso da Nova Zelândia.



Carne	Mil t	
Congelada	252,3	79,9%
Refrigerada	53,5	20,1%
Total	315,8	

Gráfico 4.VII. Tipo de carne exportada pela Austrália (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia, 2009.

O produto australiano tem destinos mais diversificados do que o da Nova Zelândia. O maior mercado de carne ovina, os EUA, representam apenas 16% do total exportado.

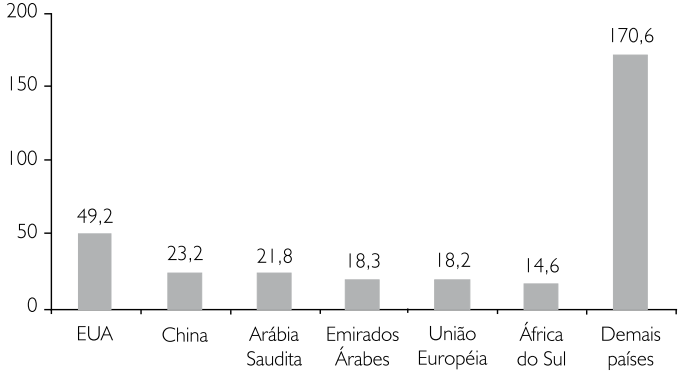


Gráfico 4.VIII. Destino das exportações de carne ovina da Austrália (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia, 2009.

A carne congelada tem como destino diversos países, incluindo aqueles de renda média menor. Seu preço, de US$ 2.756 a tonelada, é menos do que a metade do obtido pela carne refrigerada.

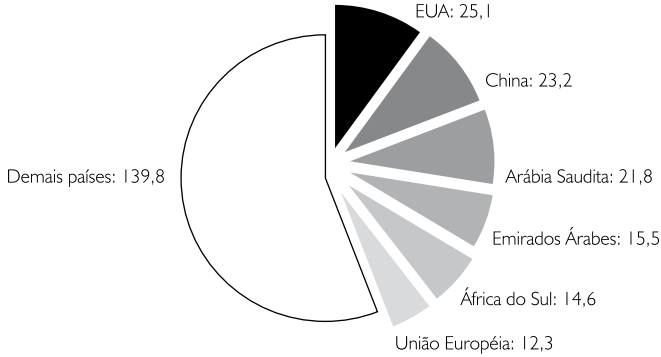


Gráfico 4.IX. Destino das exportações de carne ovina congelada da Austrália (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia, 2009.

Já a carne refrigerada tem como destino principal os países mais ricos, com os EUA, a União Europeia e o Japão representando mais da metade das exportações, com preço médio de US$ 6.562 por tonelada.

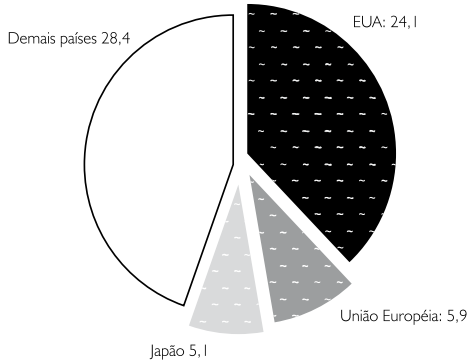


Gráfico 4.X. Destino das exportações de carne ovina refrigerada da Austrália (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia, 2009.

A Austrália exportou mais de 4,2 milhões de ovinos vivos, principalmente com destino ao Golfo Pérsico. O Kuwait, a Arábia Saudita, Oman e Bahrein representam mais de três quartos das exportações de ovinos vivos da Austrália. A exportação de caprinos vivos foi de quase 80 mil animais em 2008, dos quais 67,7 mil foram com destino à Malásia. O preço médio dos ovinos foi de US$ 64 por cabeça, enquanto os caprinos alcançaram US$ 97 por animal.

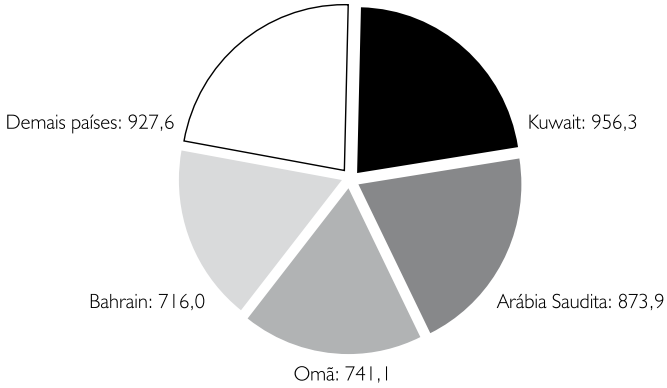


Gráfico 4.XI. Destino das exportações de ovinos vivos da Austrália (mil cabeças) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia, 2009.

4.3. Índia

A Índia tem o quarto maior rebanho ovino e o segundo maior rebanho caprino do mundo. Ao contrário da maioria dos outros países, o rebanho caprino é superior ao ovino. Ao mesmo tempo, a Índia é o segundo país mais populoso, com mais de um bilhão de habitantes.

Os ovinos contribuem com 14% da produção de carne da Índia, enquanto os caprinos cerca de 8%. No entanto, o consumo geral de carnes na Índia é muito baixo, aproximadamente 5 kg *per capita* anuais. A maioria da população de religião hindu é vegetariana e essa característica, aliada ao baixo nível de renda média do país explicam esse baixo consumo.

4.3.1. Setor primário

O setor primário é muito importante para a economia indiana e provê sustento para mais de 600 milhões de pessoas. No entanto, a agricultura e a pecuária indiana não são eficientes, principalmente devido ao tamanho diminuto de suas propriedades. São aproximadamente 119 milhões de propriedades rurais, com tamanho médio de apenas 1,2 hectares. As propriedades acima de 10 hectares são consideradas grandes e na maioria dos estados existem leis que limitam o tamanho de propriedade a no máximo 24 hectares. Por isso, as propriedades com mais de 10 hectares perfazem somente 1% do total do país.

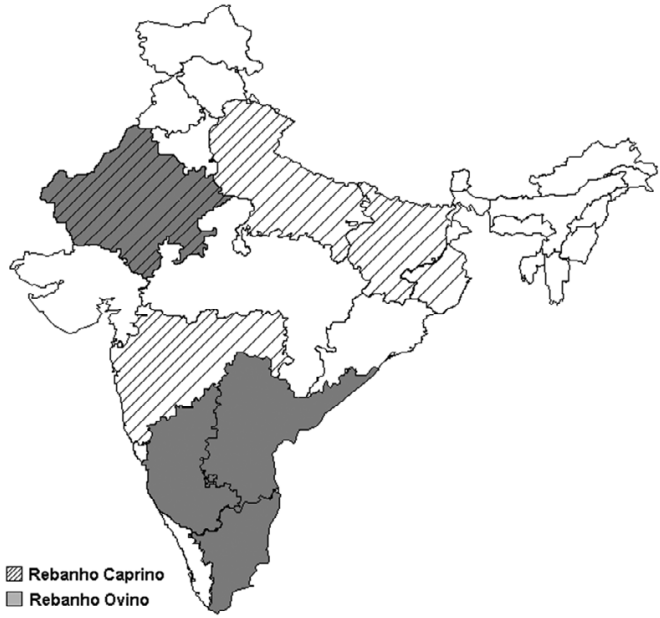


Figura 4.III. Concentração do rebanho ovino e caprino na Índia.
Fonte: Índia, 2008.

Os ovinos são criados especialmente para carne na Índia, enquanto os caprinos têm o objetivo maior de produção de leite. São cerca de cinco milhões de pessoas que tiram seu sustento da produção de ovinos e caprinos, com um rebanho médio de 38 animais por família.

Tabela 4.X. Distribuição do rebanho ovino na Índia (milhões de cabeças).

Estado	Rebanho	Participação (%)
Rajasthan	16,1	25,0
Andhra Pradesh	10,8	16,8
Karnataka	8,9	13,6
Tamil Nadu	5,9	9,2
Demais 23 estados	22,6	35,4
Total	64,3	100

Fonte: Índia, 2008.

Tabela 4.XI. Distribuição do rebanho caprino na Índia (milhões de cabeças).

Estado	Rebanho	Participação (%)
Bihar	20,6	16,4
Rajasthan	17,3	13,8
West Bengal	15,9	12,7
Uttar Pradesh	12,0	9,6
Maharashtra	11,6	9,2
Demais 22 estados	48,1	38,3
Total	125,5	100

Fonte: India, 2008.

A grande maioria dos criadores vende seus animais para intermediários, semelhantes aos marchantes, comuns no Nordeste do Brasil. Não é costume vender os animais com base no peso, mas por cabeça, e isso não incentiva os produtores a investirem na produção de animais mais pesados. A existência de cooperativas é muito rara e nenhuma aliança de produtores com indústrias e varejo é registrada.

4.3.2. Indústria

A cadeia de comercialização é bastante fragmentada, com vários intermediários até que a alimentação chegue à população urbana. A imensa maioria dos empreendimentos é de micro ou pequeno porte.

Além do abate Halal, para consumo da população muçulmana, na Índia os animais devem ser abatidos pelo ritual Jhatka para ser consumido pela população hindu e pela população sikh.

O abate de ovinos e caprinos alcança 67,5 milhões de cabeças por ano, com dominância de caprinos, que é o maior rebanho. A imensa maioria dos abates ocorre sem inspeção sanitária, nas propriedades rurais.

No país, são 3.600 abatedouros, nove frigoríficos modernos e 171 plantas de processamento de carne autorizadas a operar, para todos os tipos de animais. Os frigoríficos modernos estão situados perto das grandes cidades, enquanto os pequenos abatedouros estão distribuídos por todo o país. Apesar de fortes investimentos recentes, a cadeia de transporte e armazenamento resfriado e congelado da Índia é bastante limitada. Por isso, os animais têm que ser abatidos na periferia das grandes cidades para permitir seu abastecimento.

No final de 2008, a prefeitura de Nova Delhi inaugurou um grande e moderno frigorífico para ovinos, caprinos e bubalinos, que será operado pela iniciativa privada. Os comerciantes de carne abatem seus animais com inspeção sanitária e pagam ao frigorífico pelo serviço. A intenção é de que seja diminuído o abate clandestino e também problemas de saúde pública relacionados ao consumo de carne sem inspeção. Esta planta substituiu a anterior, bastante antiga e com diversos problemas de operação e fiscalização.

No entanto, no início de 2009, a Associação de Comerciantes de Carne de Nova Delhi, reclamou que o novo frigorífico apresentava restrições sanitárias em demasia, e não oferecia capacidade para atender aos cerca de 300 comerciantes que necessitam usar o serviço a cada dia. São centenas de pequenos comerciantes de animais que vêm de todo o país para Nova Delhi a cada dia para abater seus animais e vender no mercado urbano.

Esta situação exemplifica o tipo de problema que a indústria da carne na Índia tem que enfrentar para conseguir adequar seus padrões às

exigências do moderno consumidor urbano indiano e eventualmente do mercado internacional.

Para usufruir plenamente do imenso potencial do rebanho indiano, o governo central, através do Ministério das Indústrias Processadoras de Alimentos, está estimulando a construção de modernos frigoríficos, em parceria com empresas estrangeiras. A meta é elevar a qualidade sanitária da carne e melhorar o aproveitamento de subprodutos. As empresas podem receber até 50% do valor do investimento como incentivo estatal.

4.3.3. Aspectos institucionais e organizacionais

Possivelmente a Índia seja o único país do planeta em que consta na constituição o cuidado e a caridade com os animais. Apesar da recente ascensão da Índia ao rol de países que exportam carne vermelha, existe uma pressão interna contrária a esta indústria por parte de lideranças ortodoxas da religião hindu.

A política agrícola do país é focada em garantir a autosuficiência de trigo e arroz, pois a maioria da população é da religião hindu, que raramente come carne. De qualquer maneira, a carne ovina é considerada a mais aceitável pela pequena parcela de pessoas desta religião que ocasionalmente come carne. A Índia também conta com uma grande população muçulmana, que é tradicional consumidora de carne ovina e caprina.

A preferência do consumidor local é por carne fresca, em detrimento de carne refrigerada ou congelada. Isto acaba por incentivar o abate clandestino.

Em janeiro de 2009 começou a funcionar um novo órgão oficial, ligado ao Ministério da Saúde indiano, chamado *Food Safety and Standards Autorithy* – Autoridade de Padronização e Segurança Alimentar (FSSA, na sigla em inglês) –, com objetivo de consolidar e harmonizar as diversas legislações estaduais da Índia em uma única agência regulatória.

As principais políticas que beneficiam ovinos e caprinos são ligadas à redução da pobreza e estimulam com subsídios as pessoas que estão abaixo da linha da pobreza a iniciarem pequenas criações.

O *National Bank for Agriculture* – Banco Nacional da Agricultura (NABARD, na sigla em inglês) – é o banco oficial de fomento do agronegó-

cio. O programa de incentivo da ovinocaprinocultura conta não somente com recursos financeiros, mas também se dedica à educação e treinamento. No entanto, existe uma reclamação de que os projetos com ovinos são privilegiados em relação aos caprinos.

O *Central Sheep and Wool Research Institute* – Instituto Central de Pesquisas em Ovinos e Lã (CSWRI, na sigla em inglês) –, é o órgão federal encarregado pela pesquisa e pela transferência de tecnologia para os estados. Para os caprinos, quem tem as mesmas atribuições é o Central Institute for Research on Goats – Instituto Central para Pesquisa de Caprinos (CIRG, na sigla em inglês).

Como os rebanhos individuais são muito pequenos, as associações de produtores são de âmbito estadual, com pouco poder de articulação, e estão normalmente ligadas ao governo local.

Apesar de a Índia ser membro-fundador da Organização Mundial do Comércio (OMC), o setor agrícola é extremamente protegido, com tarifas de importação que são em média o triplo das praticadas nos setores não-agrícolas. As importações de animais são reguladas por uma legislação ultrapassada, estabelecida em 1898, com mais de 110 anos de idade, portanto, do tempo em que a Índia ainda era colônia britânica. Ao mesmo tempo, a Índia aplica barreiras não-tarifárias em todos os produtos agrícolas, com padrões muito mais rígidos para os produtos oriundos de outros países do que para os alimentos produzidos internamente.

4.3.4. Exportações

É encaminhado para exportação apenas o excedente do mercado interno, sem a existência de uma cadeia produtiva voltada para o fornecimento do mercado internacional. No entanto, a Índia já se tornou grande exportadora de carne bovina e agora aparece como uma das maiores exportadoras de carne ovina, apesar de os volumes variarem bastante de um ano para o outro. No entanto, o aumento de renda da população deve criar dificuldades para a Índia continuar exportando carne no futuro, a não ser que sejam tomadas providências para aumentar a competitividade do setor primário.

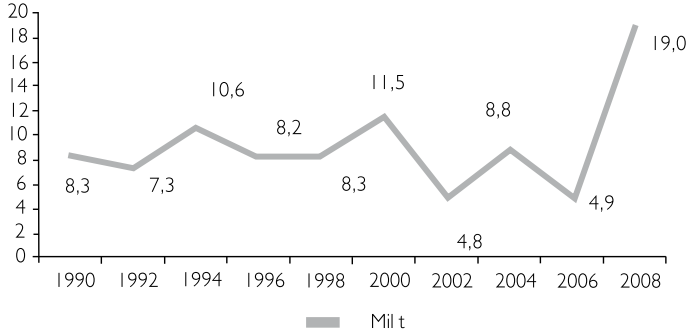
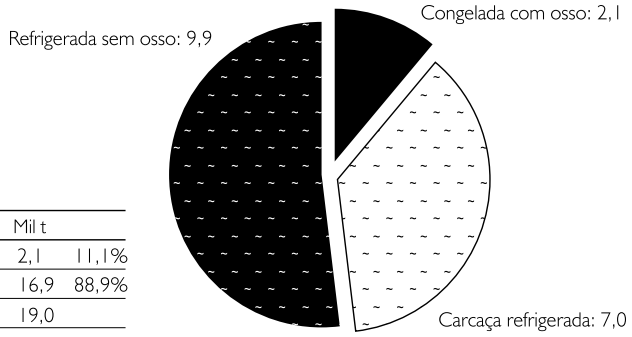


Gráfico 4.XII. Exportação de carne ovina indiana (mil t).
Fonte: Comtrade 2009.

A Índia é dos poucos países em que a carne refrigerada é mais exportada do que a congelada, respondendo por 88% da vendas externas. A carne congelada alcançou o preço médio de US$ 3.320 a tonelada, enquanto a carne refrigerada chegou a US$ 3.621 por tonelada.



Carne	Mil t	
Congelada	2,1	11,1%
Refrigerada	16,9	88,9%
Total	19,0	

Gráfico 4.XIII. Tipo de carne exportada pela Índia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

Os principais compradores são os países próximos, do Golfo Pérsico, e os países africanos, que costumam ter padrões sanitários menos rígidos. A carne congelada vai quase toda para a Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.

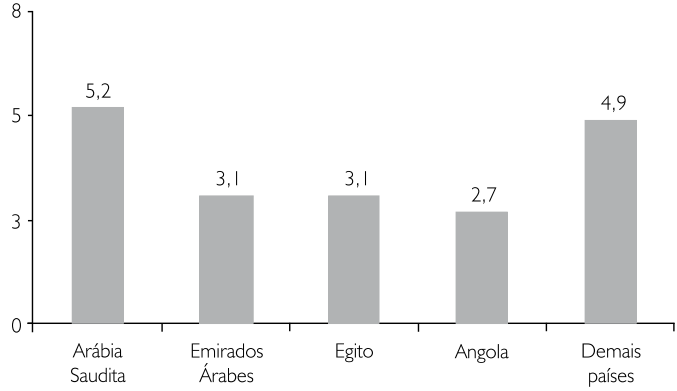


Gráfico 4.XIV. Destino das exportações de carne ovina da Índia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade 2009.

4.4. Uruguai

O Uruguai é um país pequeno em extensão, o menor dos exportadores de carne ovina, e com pouca população. A produção primária é importante para o país, respondendo por cerca de 50% das exportações. O setor de carnes – bovina e ovina – responde por 20% das exportações totais do Uruguai. Aproximadamente dois terços dos abates inspecionados tem como destino o mercado externo, mostrando sua vocação exportadora de produtos agrícolas.

4.4.1. Setor primário

O Uruguai conta com aproximadamente 14,5 milhões de hectares de pastagem (82% da área total do país). Destes, somente 2,5 milhões de hectares são pastagens cultivadas e o restante são pastos nativos.

No Uruguai existem cerca de 57 mil propriedades rurais, o que dá uma média de 287 hectares por propriedade. São 18 mil propriedades com mais de 100 hectares que criam ovinos, no entanto, as 10 mil maiores detêm 93% do rebanho ovino do país. A maioria do rebanho de ovelhas está

concentrada nas regiões de menor aptidão produtiva ao norte do país, com solos rasos, chamada de zona do basalto. O rebanho ovino uruguaio tem se mantido estabilizado em torno de 10 milhões de cabeças, com variações anuais que refletem as condições climáticas.

Tabela 4.XII. Rebanho ovino no Uruguai (milhões de cabeças).

2000	2002	2004	2006	2008
13,20	10,80	9,77	11,09	9,33

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

O país detém o maior rebanho da raça Corriedale no mundo, com mais de seis milhões de ovinos sendo puros ou cruzas. As outras raças significativas são o Merino australiano e a Ideal.

Tabela 4.XIII. Composição racial do rebanho uruguaio.

Raça	Participação
Corriedale	65%
Merino australiano	14%
Ideal	8%
Outras	13%

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

Figura 4.IV. Concentração do rebanho ovino no Uruguai.
Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

O rebanho uruguaio está passando por uma transformação, com aumento da aptidão de produção de carne, em detrimento da lã. O percentual de fêmeas se mantém, mesmo com uma diminuição no número de animais. Em comparação com a Austrália e com a Nova Zelândia, a produção primária uruguaia é mais ineficiente, com apenas 70% de índice de desmama de cordeiros.

Tabela 4.XIV. Categoria animal no rebanho uruguaio (milhões de cabeças).

Por categoria	2008	2007
Carneiros	189	209
Ovelhas de cria	4.855	5.266
Ovelhas de descarte	302	348
Capões	908	909
Borregas de 2 a 4 dentes	474	534
Borregos (as) dentes leite	2.248	2.640
Cordeiros mamando	421	416
Total	9.397	10.322
% de fêmeas no rebanho	59,9	59,6

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

4.4.2. Indústria

Demonstrando foco no mercado consumidor e na qualidade da carne, o sistema agroindustrial uruguaio remunera o criador com preços diferentes de acordo com a idade do animal abatido. Quando os animais são vendidos na propriedade, através de um intermediário, o pagamento se dá com base em peso vivo. Se forem vendidos diretamente ao frigorífico, o preço é acertado com base no peso da carcaça.

Tabela 4.XV. Preço ao produtor por categoria em 2007 (US$ por kg).

Por Categoria	Kg vivo	Kg de carcaça
Carneiros	0,56	1,25
Ovelhas	0,63	1,42
Borregos	0,78	1,74
Capões	0,79	1,71
Cordeiros	0,87	1,90
Média geral	0,77	1,71

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

Tradicionalmente, é alto o consumo de carne ovina nas propriedades rurais do Uruguai, principalmente de animais adultos. Como consequência, a parcela de animais que vai ao abate nos frigoríficos do país é relativamente baixa. Estima-se que pelo menos 50% da produção de carne ovina não ingressem nos canais de comercialização. No entanto, os cordeiros, a carne mais valorizada, são quase totalmente destinados à indústria.

Tabela 4.XVI. Abate inspecionado no Uruguai em 2008 (mil cabeças).

Por categoria		%
Carneiros	7,4	0,4
Borregos	171,3	9,6
Capões	220,1	12,4
Ovelhas	503,7	28,3
Cordeiros	878,7	49,3
Total	1.781,2	100

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

Tabela 4.XVII. Peso médio de abate em 2008.

Categoria	Em pé (kg)	Gancho (kg)	Rendimento de carcaça (%)
Carneiros	56,8	25,7	45,2
Borregos	36,5	16,2	44,2
Capões	43,0	19,4	45,2
Ovelhas	41,3	17,8	43,1
Cordeiros	33,2	15,0	45,1
Geral	37,1	16,5	44,4

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

O setor industrial é dividido em frigoríficos exportadores, composto de indústrias com grande escala e tecnologia; os matadouros grandes, que abastecem Montevidéu, as cidades maiores do interior e eventualmente exportam parte de sua produção; e os pequenos matadouros, que abastecem as pequenas cidades e têm capacidade limitada de armazenamento a frio e poucos requisitos sanitários.

A concentração industrial é grande, com três empresas realizando mais da metade do abate. Quando o assunto é cordeiros, a concentração é ainda maior com apenas dois frigoríficos San Jacinto e Matadero Carrasco respondendo por 56% dos abates do país. Os frigoríficos Cledinor e Inaler, pertencem ao grupo brasileiro Marfrig, que mantém uma capacidade de abate de 150 mil ovinos por ano no Uruguai.

Os frigoríficos uruguaios estão habilitados para exportar para os EUA e para a União Europeia. Na América do Sul somente o Chile também tem autorização de exportação de carne in natura para os EUA.

Tabela 4.XVIII. Abate por frigorifico em 2008 (mil cabeças).

		%
San Jacinto	373,6	21,0
Matadero Carrasco	330,3	18,5
Frigocerro	297,2	16,7
Las Piedras	200,4	11,2
Demais 18 abatedouros	581,7	32,6
Total	1.783,2	

Fonte: Instituto Nacional de Carnes; SUL, 2009.

Os frigoríficos San Jacinto e Marfrig vêm estabelecendo contratos de fornecimento com os produtores para a entrega de cordeiros relacionados ao programa *Cordero Pesado*, descrito no capítulo 5.4.3. Estes contratos estabelecem prêmios por qualidade e também por entrega nos meses de menor produção – abril a setembro.

4.4.3. Aspectos institucionais e organizacionais

A maior parte do consumo de carne ovina ocorre nas cidades do interior do país e nas propriedades rurais. O consumo interno de ovinos tem sido fortemente estimulado, inclusive com a redução de impostos, com isso a população urbana do país consome atualmente cerca de três vezes mais do que em 2004.

O *Secretariado Uruguayo de la Lana* – Secretariado Uruguaio da Lã - (SUL) é uma entidade dirigida e financiada pelos produtores de ovinos locais. O objetivo principal é desenvolver a produção ovina e aumentar o resultado econômico da atividade. O trabalho do SUL se concentra na geração e transferência de tecnologia para a cadeia agroindustrial. Também é importante a geração de dados estatísticos realizado pela entidade, que é considerada pelo mercado como altamente confiáveis. Finalmente, o SUL se encarrega da promoção e abertura de mercados para a lã e para a carne ovina uruguaia.

Em meados da década de 1990, com o intuito de estimular a produção de carne ovina para o mercado externo, foi instituído o programa *Cordero Pesado* - Cordeiro Pesado, que entre outras providências, passou a chamar cordeiro qualquer animal que não tenha dentição permanente, independente da idade. A criação deste Programa introduziu rapidamente a atividade de produção de carne ovina no esquema exportador do país, favorecida pela conjuntura de preços internacionais favoráveis. Ao mesmo tempo, foi um indutor para as diferentes organizações de pesquisa montarem programas de investigação em carne ovina, tema que era quase ausente até este momento no Uruguai.

No início de 2009 foi lançado o *Plano Estratégico de la Ovinocultura*, contemplando os próximos 5 anos. Os três pilares principais do Plano são: aumentar o mercado externo da lã e da carne ovina; expandir a oferta de lã e carne ovina adequados à demanda moderna; e melhorar a dinâmica

e articulação da cadeia produtiva uruguaia. Com isso, espera-se que o Uruguai chegue a 11 milhões de cabeças e a exportação de carne ovina dobre de valor, concentrada no aumento da oferta de cordeiro.

O enfoque da pesquisa e da cadeia produtiva está bastante voltado para aumentar a exportação de carne ovina uruguaia para os EUA e, principalmente, para a União Europeia. A partir de 2010, será obrigatório rastrear os ovinos. Inicialmente, os animais destinados para abate e em seguida todo o rebanho.

4.4.4. Exportações

É comum o Uruguai figurar na lista de maiores exportadores, sempre na 3ª ou 4ª posição ao longo dos anos. No entanto, refletindo a diminuição drástica do rebanho, as exportações atualmente são menores do que no início da década 1990, apesar de serem maiores do que há 10 anos. No início dos anos 2000, o país sofreu com uma crise de febre aftosa que derrubou as exportações de carne, inclusive ovina.

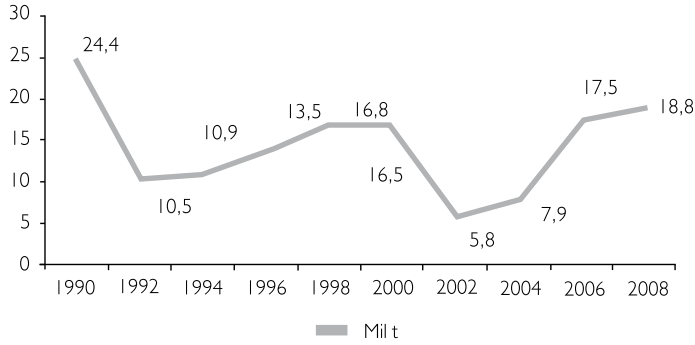
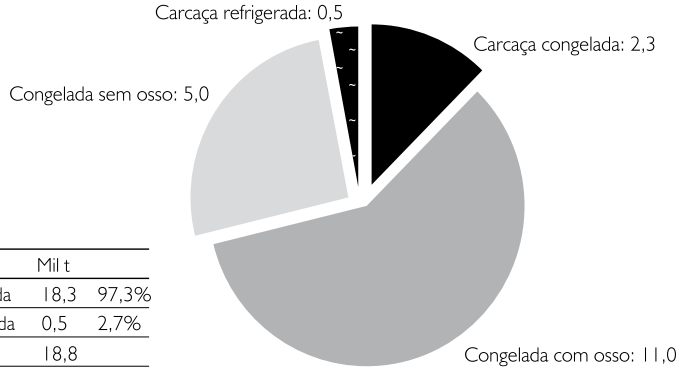


Gráfico 4.XV. Exportação de carne ovina uruguaia (mil t).
Fonte: Comtrade; INAC, 2009.

A carne congelada representa quase toda a exportação do país, e os cortes com osso são a maioria das vendas externas. O preço médio da carne congelada alcançou US$ 3.852, mais alto do que a carne refrigerada, US$ 2.428, pois a exportação dos congelados é composta de cortes, que têm maior valor agregado do que as carcaças.



Carne	Mil t	
Congelada	18,3	97,3%
Refrigerada	0,5	2,7%
Total	18,8	

Gráfico 4.XVI. Tipo de carne exportada pelo Uruguai (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; INAC, 2009.

O principal importador é o Brasil, com 45% das vendas totais uruguaias em 2008, sendo que foi o único comprador do produto refrigerado. Outro comprador importante é a União Europeia, onde o Uruguai detém cota de exportação sem pagamento de tarifas aduaneiras.

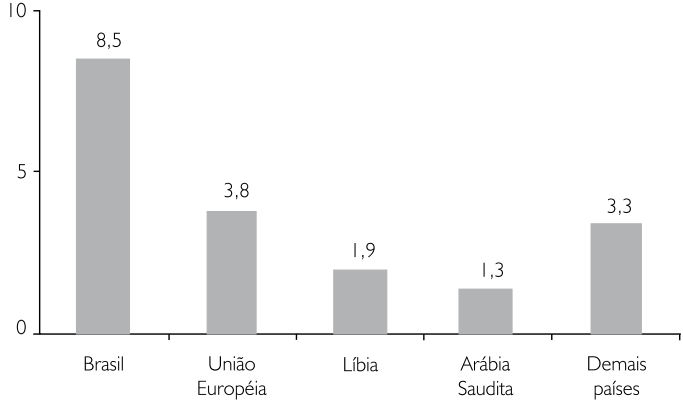


Gráfico 4.XVII. Destino das exportações de carne ovina do Uruguai (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; INAC, 2009.

A cadeia de exportação de ovinos vivos é muito errática no país vizinho, com variações significativas de um ano para o outro. A Jordânia adquiriu dois terços dos 101 mil ovinos uruguaios exportados vivos em 2008. O preço médio alcançado foi de US$ 47 por cabeça.

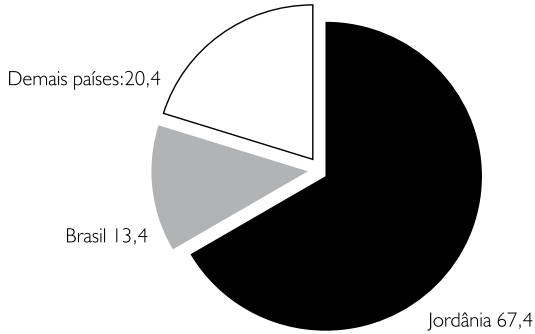


Gráfico 4.XVIII. Destino das exportações de ovinos vivos do Uruguai (mil cabeças) - 2008.
Fonte: Comtrade; INAC, 2009.

4.5. Namíbia

A Namíbia, situada no sudoeste da África, possui um território relativamente grande, mas com pequena população de cerca de 2 milhões de habitantes. É a maior exportadora de carne de ovinos da África, apesar de seu rebanho ser relativamente pequeno.

Sua história é ligada à África do Sul, que administrou o país durante 70 anos, até 1988. O comércio de carne é dominado por esta relação com o país vizinho, que importa quase toda a produção da Namíbia.

4.5.1. Setor primário

Aproximadamente metade da população está no meio rural, praticando uma agricultura de subsistência, com poucos recursos e baixa tecnologia. Toda a produção de ruminantes é feita em 49 milhões de hectares de pastagens nativas, exploradas com baixa eficiência, de forma extensiva.

No entanto, o rebanho de ovinos é formado principalmente por animais produtores de carne, da raça Dorper. Da mesma forma, no rebanho caprino é predominante uma raça de corte, a Boer.

Tabela XIX. Composição racial do rebanho (milhões de cabeças).

Ovinos		Caprinos	
Dorper	1,75	Boer	0,88
Karakul	0,19	Outras raças	1,18
Outras raças	0,72	——	0
Total	2,66	Total	2,06

Fonte: Meat Board of Namibia, 2009.

O rebanho ovino está concentrado no sul do país, enquanto o rebanho caprino é mais distribuído, porém com predominância da região norte, na fronteira com Angola.

Tabela XX. Distribuição do rebanho (milhões de cabeças).

	Ovinos		Caprinos
Karas	0,99	Omusati	0,62
Hardap	0,96	Karas	0,23
Omaheke	0,28	Kunene	0,20
Demais regiões	0,43	Demais regiões	1,01
Total	2,66	Total	2,06

Fonte: Meat Board of Namibia, 2009.

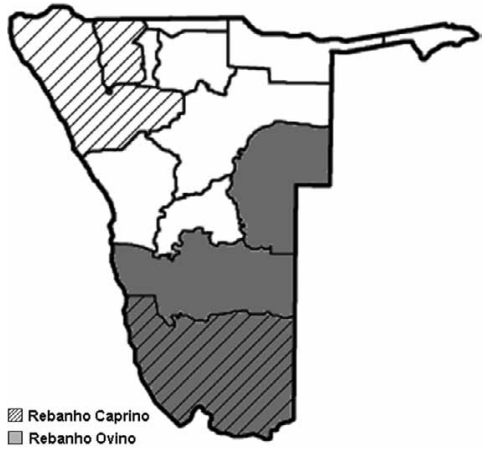


Figura 4.V. Concentração do rebanho ovino e caprino na Namíbia.
Fonte: Meat Board of Namibia, 2009.

4.5.2. Indústria

São quatro indústrias chamadas de frigoríficos exportadores no país. Têm capacidade aproximada de abater 1,3 milhões de ovinos e caprinos por ano. Esta capacidade de abate é superior ao potencial atual de fornecimento por parte dos criadores. Três plantas estão em processo de certificação para exportação para a União Europeia.

Tabela XXI. Destino comercial dos ovinos e caprinos (mil cabeças).

	2000	2002	2004	2006	2008
Frigoríficos de exportação	214,8	318,7	435,7	725,6	762,7
Abatedouros pequenos	192,8	45,4	38,4	74,1	50,2
Exportação para a África do Sul (animais vivos)	755,4	1.149,1	756,5	535,1	64,7 ovinos 224,8 caprinos

Fonte: Meat Board of Namibia, 2009.

4.5.3. Aspectos institucionais e organizacionais

O fato de a Namíbia ser grande fornecedora de animais vivos para a África do Sul provocava preocupação na cadeia produtiva dentro do país. Assim, no início dos anos 2000 foi implantado um programa chamado *Small Stock Marketing Scheme* – Política de Mercado para Pequenos Animais (SSMS, na sigla em inglês). Através de mecanismos como a obrigação de se abater no país 6 animais para cada 1 exportado vivo, o SSMS conseguiu atrair investimentos para a área frigorífica e transformou a Namíbia em grande exportador de carne ovina, deixando de figurar na lista de grandes exportadores de ovinos vivos.

A *Namíbia Agricultural Union* – União Agrícola da Namíbia (NAU, na sigla em inglês) é a representante dos produtores do país, incluindo os ovinocaprinocultores. Tem tentando implantar nos últimos anos um sistema de informações ao mercado que seja confiável e completo, mas pelas características de baixa densidade de ocupação do país, esta tarefa tem encontrado dificuldades reais em ser realizada. A *Livestock Producers Organization* – Organização dos Pecuaristas (LPO, na sigla em inglês) é um dos membros institucionais da NAU e leva à organização as demandas dos produtores de ovinos, caprinos e bovinos.

Depois da implementação do SSMS, o preço médio pago ao produtor praticamente dobrou, aumentando a renda do setor primário e estimulando a agregação de valor no país. No entanto, existe resistência ao SSMS e em 2009 a NAU, em conjunto com o LPO, está pressionando o governo para reverter a obrigação de abate 6:1, transformando-a numa taxa extra sobre a exportação de animais vivos.

4.5.4. Exportações

O país nunca foi um exportador de destaque até poucos anos. O SSMS pode ser considerado como o grande responsável por ter colocado a Namíbia como um dos grandes exportadores de carne ovina do mundo. Já a exportação de caprinos segue sendo feita na forma de animais vivos.

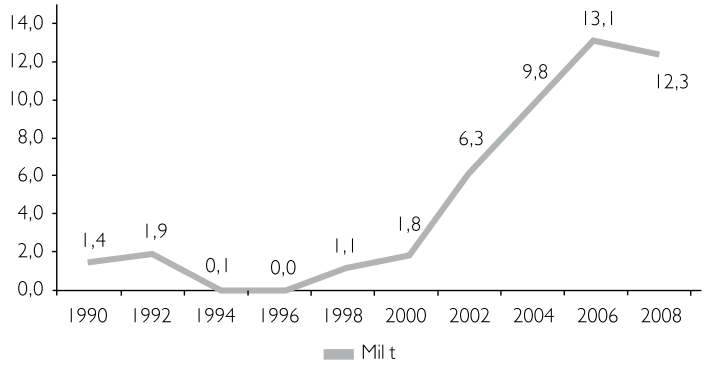


Gráfico 4.XIX. Exportação de carne ovina da Namíbia (mil t).
Fonte: Comtrade; Meat Board of Namibia, 2009.

A carne é quase toda exportada na forma de carcaças refrigeradas, com mais de 97% de participação. O preço médio obtido pela carcaça congelada ficou em US$ 3.315 por tonelada, enquanto a carcaça refrigerada chegou a US$ 3.450. A produção foi quase integralmente para a vizinha África do Sul. Em 2008, um dos frigoríficos conseguiu exportar em 87,4 toneladas de cordeiro para a Noruega, fato bastante comemorado.

Os ovinos vivos são todos exportados para a África do Sul. Foram 42 mil animais em 2008, com preço médio de US$ 71 por cabeça. A exportação de caprinos vivos alcançou pouco mais de 226 mil cabeças, das quais 99% foram enviados para abate na África do Sul, a um preço médio de US$ 50 por cabeça.

5. Perfil dos países exportadores e importadores

Os EUA e a China fazem parte da lista de maiores importadores de carne ovina. Os EUA em 2º lugar e a China em 4º lugar. Porém, também fazem parte da lista de maiores exportadores em 6º e 7º lugar respectivamente. Os EUA são fornecedores de carne ovina para a América do Norte e Caribe, enquanto a China costuma vender seus excedentes para Hong Kong e para alguns países do Oriente Médio.

Sendo assim, serão tratados em um capítulo específico, para tornar mais completa a abordagem das informações a respeito de seus mercados.

5.1. Estados Unidos da América

Os EUA tem a terceira maior população do planeta e renda média das mais altas. Isso faz do país um grande consumidor de carne ovina, mesmo com o consumo per capita sendo baixo. Ao mesmo tempo, é o maior produtor de carne ovina das Américas e o 3º maior de carne caprina.

Com a diminuição constante do rebanho nas últimas décadas, a carne importada vem aumentando significativamente a participação. Nos últimos anos, a carne ovina importada, vindo principalmente da Austrália e em menor volume da Nova Zelândia, responde por mais de 50% do consumo nacional.

5.1.2. Setor primário

Nos EUA, parte importante da ovinocultura é ligada à produção de lã, que responde em média por 25% da renda do setor. Já que os dois produtos são interligados, os ovinocultores tendem a retardar o abate dos cordeiros à espera da valorização da lã. Se a aposta forem preços elevados da lã, procuram recompor o seu rebanho. Nessas condições, poucos animais são vendidos para o abate, o que leva a uma queda da produção de carne ovina. No sentido inverso, se os ovinocultores anteciparem uma diminuição do preço da lã vendem mais animais para o abate, o que aumenta a oferta de carne no mercado.

Tabela 5.I. Composição do rebanho (mil cabeças) - 2008.

Ovelhas	Borregas	Carneiros	Total
3.617,0	686,5	184,0	4.487,5

Fonte: USDA, 2009.

Cerca de 60 mil propriedades criam ovinos nos EUA, a grande maioria com pequenos rebanhos. No Oeste semiárido estão as maiores concentrações de criadores e os ovinos são muitas vezes a única ou a principal fonte de renda da propriedade. O tamanho médio do rebanho nesta região é de 205 animais por produtor. Já no *Corn Belt*, a ovinocultura faz parte da tradição de diversificar as culturas exploradas em cada propriedade e o rebanho médio é de 49 cabeças.

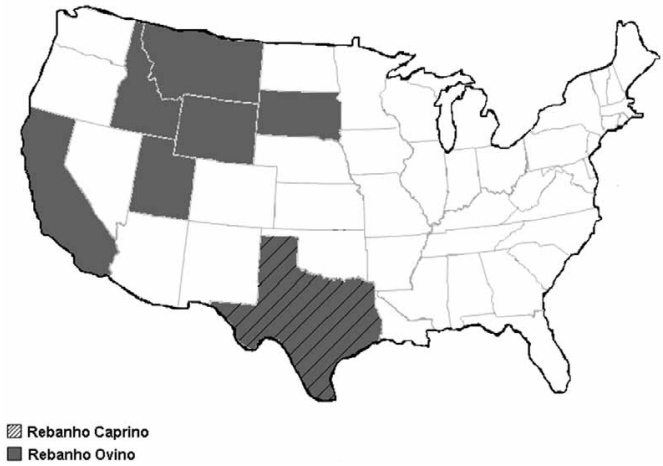


Figura 5.I. Concentração do rebanho ovino e caprino nos EUA.
Fonte: USDA, 2009.

Tabela 5.II. Distribuição do rebanho ovino nos EUA (mil cabeças).

Estado	Rebanho	%
Texas	770,0	17,2
California	340,0	7,6
Wyoming	340,0	7,6
South Dakota	285,0	6,4
Montana	265,0	5,9
Utah	250,0	5,6
Idaho	200,0	4,5
Outros	2.035,5	31,4
Total	4.487,5	

Fonte: USDA, 2009.

O efetivo caprino chega a 3,1 milhões de cabeças, com o Texas sendo o único detentor de rebanho significativo, com mais de 1,1 milhões de caprinos.

O setor primário pode ser dividido entre três tipos de criadores: produtores de animais puros, que vendem principalmente carneiros para cruzamento nas propriedades comerciais; produtores de animais comerciais que vendem diretamente para os frigoríficos; confinamentos. Alguns produtores operam em mais de uma das atividades simultaneamente. Grande parte dos cordeiros vai do pasto direto ao abate, sem passar em confinamentos.

São cerca de 100 grandes confinamentos de ovinos e mais uma grande quantidade de confinamentos menores. Operam na forma de compra de animais ou de aluguel de espaço. Estes confinamentos estão concentrados nos estados do meio-oeste. Normalmente, os confinamentos compram os cordeiros dos criadores com peso entre 34 e 54 kg e mantém os animais em engorda durante 30 a 150 dias.

5.1.2. Indústria

A forma de venda mais utilizada é o mercado à vista, diretamente entre produtores (ou confinadores) e indústria. Alguns grandes confinadores fazem contrato de fornecimento, para lotes específicos. O processo de integração da cadeia é incipiente. Normalmente, se dá através de cooperativas de produtores ou então de alguns frigoríficos que operam confinamentos.

A maior parte dos animais é vendida com base em peso vivo, e em alguns casos existe um prêmio ao produtor conforme o peso da carcaça após o abate. O peso médio das carcaças de ovelhas em 2008 ficou em 31,3 kg, enquanto os cordeiros alcançaram 30,4 kg.

Existem quatro tipos de abatedouros nos EUA, quanto à inspeção sanitária no abate:

1) Inspeção Federal: de responsabilidade do Departamento Federal de Agricultura (USDA)
2) Talmadge-Aiken[1]: são indústrias sob responsabilidade do USDA, mas com cessão para inspeção pelo Estado onde estão localizadas;
3) Sem inspeção federal: somente para comercio intra-estadual. Utilizam inspeção estadual

[1] Talmadge-Aiken se refere ao nome da lei, de 1962, que estabeleceu bases para a cooperação entre o governo federal e os governos estaduais na questão sanitária de alimentos. É um sistema similar ao que está sendo implantado no Brasil, chamado de Sisbi.

4) Isentos de Inspeção: não podem vender a carne. Devem seguir padrões sanitários mínimos, principalmente na construção.

Existem dois grandes grupos frigoríficos – *Superior Colorado*, subsidiária do *Transhumance Holding*, e *Ranchers Lamb of Texas*.

A maioria das unidades frigoríficas é pequena, sendo que 95% dos frigoríficos tem capacidade de abate de menos de 10 mil cabeças por ano. No entanto, as 4 maiores plantas respondem por dois terços dos abates.

Tabela 5.III. Frigoríficos de ovinos por abates anuais em 2005.

Abates (cab/ano)	Quantidade (indústrias)	Abate Total (mil cabeças)	% do abate total
1 – 999	411	53,5	2,2
1.000 – 9.999	65	204,7	8,6
10.000 – 24.999	11	172,9	7,2
25.000 – 99.999	3	121,1	5,1
100.000 – 249.999	2	273,9	11,4
Mais de 250.000	4	1.567,3	65,5
Total	496	2.393,4	100

Fonte: USDA, 2009.

O abate nas propriedades rurais é pequeno, respondendo por 3% do total anual. Isso significa que a produção é fortemente direcionada ao mercado urbano ou dos países vizinhos. Como é usual, o abate de caprinos é menor do que o de ovinos. No caso dos EUA, a quantidade de caprinos abatidos não chega a um terço da quantidade de ovinos.

Tabela 5.IV. Abate de ovinos e caprinos (mil cabeças).

	2007	2008
Abate comercial de ovinos	2.693,8	2.555,5
Abate de ovinos nas fazendas	85,0	94,6
Abate total de ovinos	2.778,8	2.650,1
Abate total de caprinos	827,3	865,8

Fonte: USDA, 2009.

A imensa maioria do abate de ovinos é composta por machos, cordeiros e borregos. Isto é explicado pelo fato de uma quantidade significativa de animais adultos serem normalmente exportados vivos, para abate no México e Canadá.

Tabela 5.V. Categorias abatidas sob inspeção federal (mil cabeças).

	2007	2008
Ovelhas	115,6	122,3
Cordeiros e borregos	2.271,1	2.413,1
Total	2.386,7	2.535,4

Fonte: USDA, 2009.

O abate de ovinos é bastante concentrado, com dois estados, Colorado e Iowa, respondendo por mais da metade do total. O peso médio dos animais abatidos é maior nos estados que confinam os cordeiros previamente ao abate.

Tabela 5.VI. Distribuição dos abates ovinos por estado (mil cabeças).

	2007		2008	
	Abates (mil cab)	Peso médio (kg vivo)	Abates (mil cab)	Peso médio (kg vivo)
Colorado	1.047,2	69,0	955,2	70,8
Iowa	394,7	67,6	354,2	67,2
Michigan	195,9	59,0	192,3	58,6
New Jersey	125,5	36,8	139,3	37,7
Demais estados	930,5	—-	914,5	—-
Total/Média	2.693,8	62,7	2.555,5	62,7

Fonte: USDA, 2009.

O peso vivo médio dos ovinos é mais do que o dobro do que os dos caprinos abatidos nos EUA. A questão de parcela importante dos ovinos serem confinados antes do abate explica parte desta questão, enquanto o mérito genético deve ser responsável pela outra.

Mais de um terço do abate de caprinos é realizado no estado de New Jersey, na costa leste, próximo aos locais de maior consumo de carne caprina.

Tabela 5.VII. Distribuição dos abates caprinos por estado (mil cabeças).

	2008	Peso médio (kg vivo)
New Jersey	240,9	—-
Delaware	52,8	—-
Pennsylvania	41,9	—-
Demais estados	335,1	—-
Total	670,7	28,1

Fonte: USDA, 2009.

A maioria da carne já sai do frigorífico com os cortes solicitados pelos varejistas e embalada à vácuo. A preferência é por carne resfriada, sendo a congelada somente para cortes de menor valor.

5.1.3. Aspectos institucionais e organizacionais

Uma pesquisa de 2007 mostrou que 73% dos norte-americanos não comeram carne de cordeiro nos últimos 12 meses e que mais da metade não consome esta carne simplesmente porque não pensa em cordeiro na hora das compras.

Outras pesquisas demonstram que o suprimento ao varejo não é constante, o que leva os consumidores a não encontrarem o produto quando procuram no mercado. Da mesma forma, os produtos ofertados não contam com as facilidades de consumo de outras carnes, como porções menores, cortes temperados e refeições pré-cozidas.

O consumo está concentrado na costa Oeste e Leste e também entre os grupos étnicos judeus e islâmicos. Fora isso, o consumo ocorre principalmente nos períodos da páscoa, do natal e de outros feriados religiosos. A preferência do consumidor é concentrada em cordeiros, com os animais mais velhos sendo destinados para embutidos.

A *American Sheep Industry Association* – Associação da Ovinocultura Americana (ASI, na sigla em inglês) é uma federação de associações de 44 estados. Representa 69 mil produtores, que financiam a entidade através de uma contribuição sobre o rebanho de US$ 0,35 por cabeça e US$ 8 por associado anualmente. Tem o objetivo de promover a rentabilidade e a prosperidade da cadeia produtiva da ovinocultura dos EUA.

As metas principais da ASI são desenvolver uma visão da cadeia produtiva sobre o futuro; reivindicar políticas públicas de proteção, promoção e suporte econômico para a atividade; criar mercados locais e internacionais para a lã, através de publicidade, promoção e comercialização; promover e coordenar ciência e tecnologia da produção e promoção; promover a cooperação entre todos os segmentos da indústria, incluindo setor bancário e agências governamentais. Um dos interessantes trabalhos que a ASI realiza é a manutenção de um fundo para controle de predadores junto à Agência Nacional de Vida Selvagem. Os predadores selvagens são a principal causa de mortalidade nos rebanhos ovinos nos EUA e ao mesmo tempo sua proteção tem sido apontada como uma das causas de declínio da atividade no país.

Um membro importante da ASI é a *National Lamb Feeders Association* – Associação Nacional dos Confinadores de Cordeiros (NLFA, na sigla em inglês), que representa cerca de 400 confinadores, que coletivamente significam a ampla maioria dos cordeiros enviados para o abate sob inspeção federal.

O Departamento de Agricultura (USDA, na sigla em inglês) em conjunto com a ASI reformularam há poucos anos o sistema de classificação de carcaças, diminuindo a importância da gordura e aumentando a da idade e da conformação da carcaça.

Apesar de existir uma entidade chamada *Trilamb*, que congrega os produtores de ovinos dos EUA, da Austrália e da Nova Zelândia, existe um sentimento generalizado dentro do SAG norteamericano de que a importação de carne ovina destes países contribui para a diminuição do rebanho dos EUA.

No final da década de 1990, em atendimento à solicitação dos ovinocultores, foi tentada a implantação de um dispositivo de cotas tarifárias. A Austrália reagiu recorrendo à Organização Mundial do Comércio (OMC),

que reconheceu a legitimidade da posição australiana, e levou a administração norte-americana a abandonar o sistema.

O governo federal tem proporcionado diversas formas de apoio financeiro à ovinocaprinocultura ao longo dos últimos 50 anos, sempre ligados ao apoio para a produção de lã. Existe um programa de preço mínimo para a lã, cujo mecanismo principal consiste no pagamento aos ovinocultores da diferença entre o preço mínimo e o preço de mercado. Na nova legislação agrícola de 2008 o programa foi mantido para o período até 2012.

Para ajudar aos ovinocultores de corte, o governo dos EUA iniciou em 2000 a implantação de um programa chamado *Lamb Meat Adjustment Assistance Program* – Programa de Assistência e Ajuste da Carne de Cordeiro (LMAAP, na sigla em inglês). O programa proporcionava pagamentos diretos em função do número de ovelhas mantidas na propriedade. Em 2004, o LMAAP foi substituído pelo *Ewe Lamb Replacement and Retention Program* – Programa de Retenção e Renovação de Ovelhas de Corte (ELRRP, na sigla em inglês). O objetivo desse novo mecanismo era compensar a perda de renda sofrida pelos ovinocultores que tiveram que reduzir o rebanho nos anos anteriores. O programa fornecia um subsídio de 18 dólares por ovelha mantida na propriedade ou adquirida para reforçar o rebanho em produção. A lei que criou o ELRRP continua vigente, mas desde 2005 o Congresso americano não autorizou mais a liberação de verbas para esta finalidade. Entre 1995 e 2006, os pagamentos realizados no quadro do LMAAP e do ELRRP totalizaram US$ 84,9 milhões.

No quadro da legislação vigente existem dois outros dispositivos de apoio que merecem ser mencionados: *O Livestock Indemnity Program* – Programa de Indenização do Rebanho (LIP, na sigla em inglês), que garante indenização ao ovinocultor que sofre perda de renda devido à taxa de mortalidade excessiva induzida pelo clima, por doenças ou por incêndios; e a contratação de um seguro específico de preço mínimo, através do qual o USDA oferece uma garantia de preço do animal abatido aos ovinocultores.

Recentemente, foi implantada outra política pública chamada de *Lamb Promotion, Research, and Information Order* – Promoção, Pesquisa e Informação do Cordeiro – que visa organizar a promoção comercial da carne de ovinos. Parte das despesas de *marketing* de tais programas é financiada pelos próprios integrantes da cadeia produtiva e outra parte é financiada pelo governo federal.

A legislação agrícola de 2002 criou regras de rotulagem dos produtos que visam promover a produção nacional em detrimento dos produtos importados. Assim, as empresas varejistas americanas têm a obrigação de rotular os cortes de carne de ovinos, para identificar a carne nacional e a carne importada, mencionando o país de origem.

Há nos EUA inúmeros regulamentos técnicos federais, estaduais e municipais aplicáveis tanto à produção doméstica quanto às importações. Esses regulamentos abrangem rotulagem, embalagem, práticas sanitárias e de boa fabricação, aditivos, pesticidas e colorantes em alimentos, certificação de farmacêuticos, produtos biológicos, alimentos enlatados de baixa acidez, bem como padrões industriais e inspeções oficiais.

Os EUA possuem rigorosos padrões sanitários para produtos de origem animal, com normas e regulamentos diferentes para a carne *in natura* e para a carne processada. Inclusive a legislação contra bioterrorismo interfere nos processos de importação e comercialização no mercado interno estadunidense. O *Food and Drug Administration* – Agência de Alimentos e Remédios (FDA, na sigla em inglês) é o órgão responsável pela autorização do comércio interno de alimentos.

O processo de abertura do mercado norte-americano para produtos de origem animal deve ser precedido de uma análise minuciosa e posterior certificação, realizada pelo *Animal and Plant Health and Inspection Service* – Serviço de Inspeção Sanitária Animal e Vegetal (APHIS, na sigla em inglês), vinculado ao USDA. O processo de análise é composto por seis etapas distintas, que vão da inspeção das plantas industriais do país de origem da carne até audiências públicas e aprovação pelo congresso nacional norte-americano. O ponto essencial é o seguinte: sem autorização da APHIS não há possibilidade de exportar carne ovina e caprina para os EUA.

Se o Brasil solicitasse hoje a autorização do APHIS para exportar esses produtos, a autorização não seria concedida, pois os EUA não reconhecem a regra de regionalização praticada pela Organização Internacional de Epizootias (OIE). Isso impede a importação de carne *in natura* oriunda de qualquer região do Brasil, mesmo quando a região de origem possui o *status* sanitário de zona livre de febre aftosa.

Outro órgão de regulação é o *Food Safety and Inspection Service* – Serviço de Inspeção e Segurança Alimentar (FSIS, na sigla em inglês), também vinculada ao USDA. Cabe ao FSIS a responsabilidade de verificar se o país que pretende exportar carne possui sistema de inspeção sanitária e veterinária equivalente ao utilizados nos EUA. Cabe também ao FSIS garantir que carnes e produtos derivados que entram no mercado doméstico sejam rotulados conforme as diversas legislações que existem nos Estados Unidos.

Para cumprir sua missão, o FSIS mantém também um rigoroso dispositivo de controle nos portos americanos. A metodologia consiste em avaliar, por amostragem, a totalidade do sistema de inspeção do país exportador, e não apenas dos estabelecimentos de forma individual. Isso quer dizer que qualquer eventual problema com a amostra de carne ovina condena todo o sistema de inspeção sanitária do país fornecedor e não apenas da empresa responsável pelo produto defeituoso.

A rotulagem das carnes é regulada por diversas leis norte-americanas. Cabe ao FSIS a responsabilidade pela fiscalização referente à rotulagem de produtos de origem agropecuária que sejam produzidos e/ou comercializados nos EUA. O FSIS determina que conste em todo rótulo a identificação precisa do produto, nome e endereço do fabricante ou distribuidor e volume.

Os governos estaduais possuem alçada para estabelecer suas próprias normas quanto à etiquetagem, pode haver, em certos casos, critérios relativos a normas ambientais mais rígidos que as normas estabelecidas pela legislação federal.

5.1.4. Exportações

As exportações dos EUA têm apresentando um comportamento variável ao longo dos anos. De qualquer maneira, atualmente as exportações são mais o dobro do que eram há 20 anos e atendem principalmente ao mercado da América do Norte, Central e Caribe.

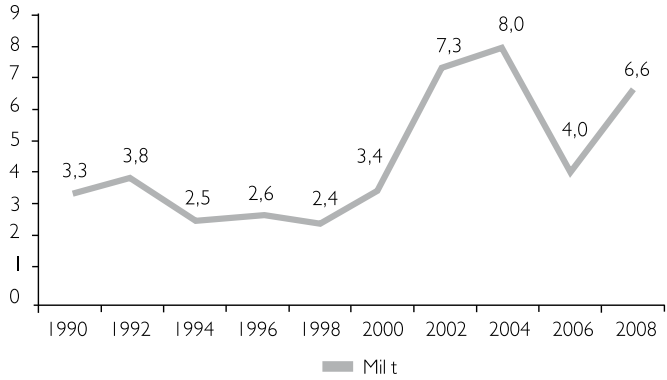
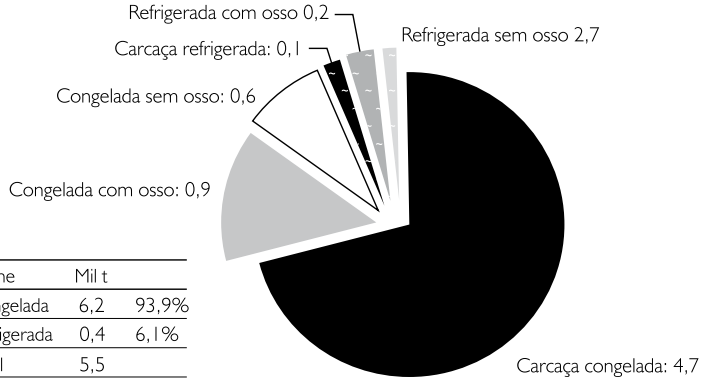


Gráfico 5.IV. Exportação norte-americana de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

A carne congelada, na forma de carcaça e cortes com osso e sem osso, representa a quase totalidade das exportações dos EUA. O preço alcançado pela carne congelada foi de US$ 3.299 por tonelada e pela carne refrigerada, US$ 6.207 por tonelada em 2008.



Carne	Mil t	
Congelada	6,2	93,9%
Refrigerada	0,4	6,1%
Total	5,5	

Gráfico 5.V. Tipo de carne exportada pelos EUA (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

Os destinos da carne ovina exportada pelos EUA são basicamente os países vizinhos da America do Norte, Central e Caribe.

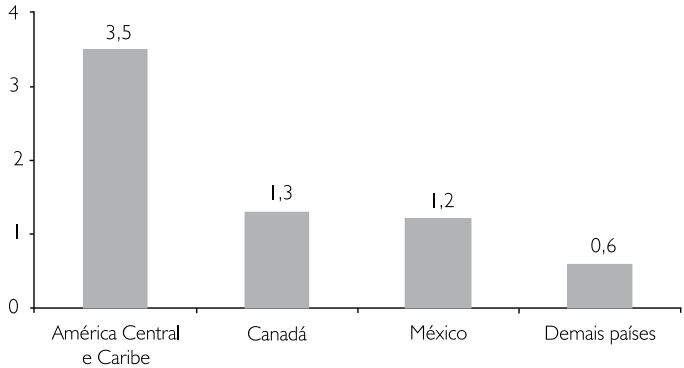


Gráfico 5.VI. Destino das exportações de carne ovina dos EUA - 2008.
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

As exportações de animais vivos têm como destino o México e o Canadá. Usualmente são animais velhos, de descarte, que os consumidores estadunidenses não apreciam e que alcançaram preço médio de US$ 71 por cabeça em 2008.

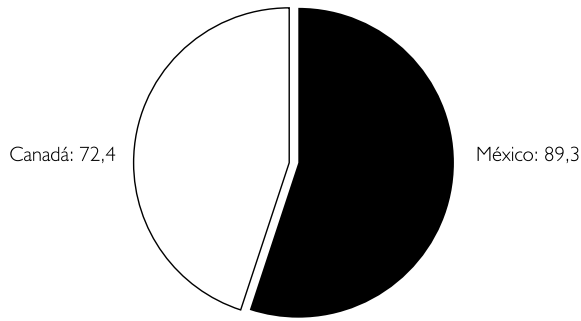


Gráfico 5.VII. Destino das exportações de ovinos vivos dos EUA (mil cabeças) - 2008.
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

5.1.5. Importações

As importações estadunidenses aumentaram exponencialmente, na esteira da diminuição significativa do rebanho que ocorreu nos últimos 20 anos. Atualmente, o país importa 4 vezes mais do que há 20 anos.

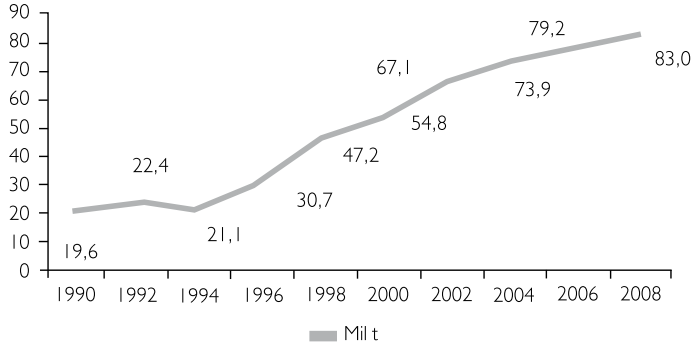
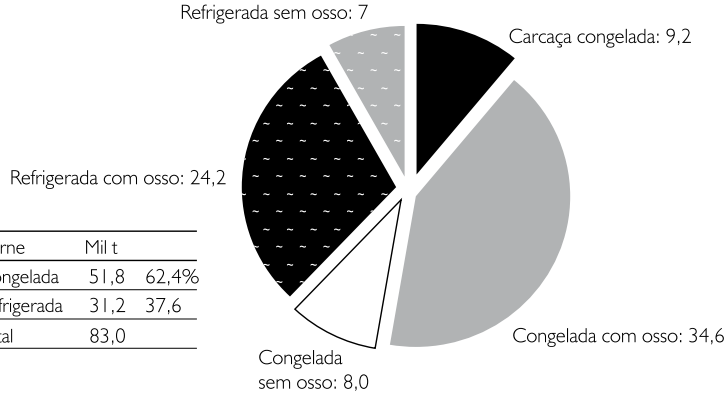


Gráfico 5.I. Importação norte-americana de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

A carne refrigerada, de maior valor, tem participação significativa nas importações estadunidenses, com quase 40% do volume importado.



Carne	Mil t	
Congelada	51,8	62,4%
Refrigerada	31,2	37,6
Total	83,0	

Gráfico 5.II. Tipo de carne importada pelos EUA (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

Austrália e Nova Zelândia são fornecedores quase exclusivos de carne ovina para o mercado dos EUA, com mais de 60% sendo fornecido pelos australianos.

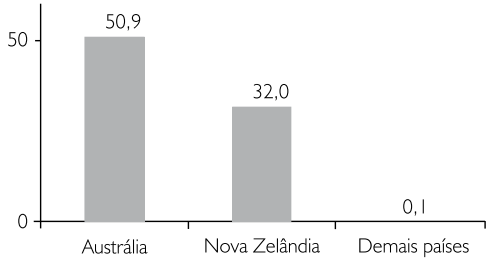


Gráfico 5.III. Origem das importações de carne ovina dos EUA (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; USDA, 2009.

Na carne congelada existe equilíbrio entre ambos fornecedores, com preço médio de US$ 4.069 por tonelada. No entanto, na carne refrigerada, a Austrália predomina, com fornecimento de quase 80% do volume importado. O preço médio que os EUA pagam por este tipo de carne alcançou US$ 8.171 por tonelada em 2008.

5.1.6. Tarifas de importação

As tarifas que incidem sobre as importações de carne ovina e caprina são bastante baixas, já que os principais instrumentos de proteção do mercado doméstico são as complexas barreiras não-tarifárias já descritas.

Tabela 5.VIII. Alíquotas aplicadas sobre a importação.

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)	Alíquota específica (US$/ tonelada)
Ovinos e caprinos vivos			
Ovinos vivos	010410	Zero	Zero
Caprinos vivos	010420	0,72	0,68/cab
Carne ovina fresca ou refrigerada			
Carcaça e meia-carcaça de cordeiro	020410	0,15	70
Carcaça e meia-carcaça de ovinos adultos	020421	0,78	28
Cortes de cordeiro, com osso	02042220	0,09	70
Cortes de ovinos adultos, com osso	02042240	0,40	28
Cortes de cordeiro, sem osso	02042320	0,12	70
Cortes de ovinos adultos, sem osso	02042340	0,37	28
Carne ovina congelada			
Carcaça e meia-carcaça de cordeiro	020430	0,22	70
Carcaça e meia-carcaça de ovinos adultos	020441	1,27	28
Cortes de cordeiro, com osso	02044220	0,15	70
Cortes de ovinos adultos, com osso	02044240	0,52	28
Cortes de cordeiro, sem osso	02044320	0,11	70
Cortes de ovinos adultos, sem osso	02044340	0,44	28
Carne caprina fresca, refrigerada ou congelada			
Carcaças e cortes	0204050	Zero	Zero

Fonte: ITC; USDA; USITC, 2009.

Diversos países contam com isenção das alíquotas de importação – Israel, Jordânia, Canadá, México, países da Comunidade Andina, países da África e Caribe, e países em desenvolvimento beneficiários do Sistema Geral de Preferências (SGP). No entanto, a maioria não pode exportar carne, devido às barreiras sanitárias.

5.2. China

A China é o país mais populoso do mundo e também onde estão os maiores rebanhos de ovinos e caprinos. Naturalmente, essas características tornam o país o maior consumidor de ambas as carnes.

O crescimento acentuado do rebanho chinês de ovinos e caprinos, fez com o que a China se tornasse um dos grandes exportadores nos anos mais recentes. Ao mesmo tempo, o país é um dos grandes importadores de carne ovina, principalmente da Austrália e Nova Zelândia.

5.2.1. Setor primário

Como é costume na China, a produção primária é de pequena escala. 74% dos abates provem de proprietários que fornecem entre 01 e 49 caprinos ou ovinos por ano. Estes animais são vendidos para um intermediário e são encaminhados para mercados de baixo valor agregado.

Tabela 5.IX. Escala de produção de ovinos e caprinos na China - 2002.

Vendas anuais	% dos produtores
1 a 4 cabeças	33
5 a 49 cabeças	41
50 a 199 cabeças	19
200 a 499 cabeças	5
500 a 999 cabeças	2
Mais de 1.000 cabeças	1

Fonte: Waldron, 2007.

Os grandes produtores costumam ter maior capacidade técnica e almejam o mercado de maior valor agregado. Os chineses consideram os produtores com mais de 200 vendas anuais como grandes produtores, e ai se incluem as fazendas estatais e as Estações de Reprodução. Mais da metade destes grandes produtores estão concentrados nas províncias de Inner Mongolia e Xinjiang.

A produção é bastante concentrada em algumas províncias do nordeste chinês. Os ovinos estão concentrados principalmente no norte e no noroeste, chamados de região pastoril, e os caprinos na região agrícola chamada de planícies centrais.

Figura 5.II. Concentração do rebanho ovino e caprino na China.
Fonte: Waldron, 2007.

Tabela 6.X. Venda de ovinos e caprinos por província (em mil cabeças) - 2002.

	Vendas anuais (*)
Henan	19.245,0
Shandong	16.174,4
Jiangsu	9.684,4
Sichuan	9.561,7
Hebei	7.745,8
Anhui	5.589,7
Xinjiang	4.079,0

	Vendas anuais (*)
Inner Mongolia	3.907,4
Demais províncias	25.444,9
Total	101.432,2

Fonte: Waldron, 2007.

(*) devido ao grande número de intermediários na cadeia, as vendas nem sempre são feitas diretamente para abate. Um mesmo animal ser vendido várias vezes até chegar ao abatedouro.

Na ovinocultura chinesa, o setor de reprodução é visto como a base a partir de onde o restante da cadeia é construído. Os planejadores e participantes do setor tendem a enfatizar os atributos técnicos e físicos da base genética. No entanto, estes atributos não têm necessariamente uma relação com a demanda dos agentes em níveis inferiores, o que leva a conflitos em determinadas situações. Existem 458 Estações de Reprodução de ovinos na China, entre as quais 397 para raças de corte e 61 para raças de lã fina. Tradicionalmente as Estações de Reprodução entregam material genético (carneiros, sêmen e embriões) para os produtores de diversas maneiras – venda direta, principalmente para propriedades maiores; aluguel de carneiros por serviço; e os produtores podem trazer as ovelhas para a Estação, para serem cruzadas ou inseminadas.

Apesar de serem empresas privadas ou privatizadas, as Estações de Reprodução estão alinhadas com os governos locais e com o Departamento de Produção Animal. As fazendas estatais mantêm menos de 4% do rebanho de cabras e ovelhas do país e sua importância só é mantida na cadeia por serem Estações de Reprodução de ovelhas de lã fina. Mais de 70% das ovelhas e cabras em fazendas estatais estão na província de Xinjiang, no oeste do país.

A China tem 50 raças registradas, das quais 31 são nativas. Também estão registradas 17 raças em desenvolvimento, cruzas com Merino, Charolês, Corriedale, Lincoln, Romney, Suffolk, Dorset e Texel. A importação de animais puros vem normalmente da Austrália ou da Nova Zelândia.

O maior programa chinês de cruzamentos incentiva o uso da raça Han de Rabo Curto. Estima-se que 11 milhões de ovelhas foram cruzadas com esta raça nos últimos anos. O grande atrativo são seu potencial reprodutivo e o crescimento rápido. A disseminação desta raça contribuiu para as taxas

altas de crescimento do rebanho chinês e estimulou os formuladores de políticas da cadeia a projetar metas ambiciosas.

Algumas Estações de Reprodução desenvolvem relações de integração com produtores. A Estação repassa reprodutores, que são pagos com fêmeas jovens de reprodução, as quais são repassadas para outros produtores. Os cordeiros são retidos para engorda e venda pelos produtores. Como a Han de Rabo Curto tem alta produtividade, o produtor também consegue reter algumas fêmeas para aumentar seu rebanho. Assim, o rebanho geral aumenta e também aumenta a demanda por reprodutores da Estação.

Para manter a competitividade de algumas raças tradicionais e disseminadas, mas de crescimento lento e alto teor de gordura na carcaça, vem sendo estimulado a identificação de origem do produto. É o caso da Mongol, raça de rabo largo e adaptada às regiões áridas, que é tratada como produto diferenciado nos mercados das grandes cidades.

Existem casos crescentes de empresas de abate que se relacionam com os produtores de forma integrada, ditando a alimentação, a raça e o manejo da criação. Os produtores recebem preços um pouco mais altos do que no mercado spot, principalmente para animais com menos de um ano de idade.

As principais formas de organização que são utilizadas para se contornar a pequena escala de produção são:

- Pequenas áreas de criação: compreende entre 5 e 15 propriedades familiares especializadas, que usam o mesmo fornecedor de genética, além de organizarem compras e vendas conjuntas e assistência técnica comum;
- Povoados especializados: é um conjunto de pequenas áreas de criação que dominam uma microrregião inteira;
- Associações de produtores;
- Integração vertical com abatedouros, ainda em início de desenvolvimento.

No caso das pequenas áreas de criação e dos povoados especializados, este arranjo facilita a comercialização, pois a indústria processadora passa a conhecer a homogeneidade do rebanho em cada região específica. Ao mesmo tempo, diversos contratos formais ou arranjos informais ligam os agricultores familiares às empresas maiores.

O governo incentiva estas formas de organização, principalmente através do Departamento de Produção Animal, com serviços de extensão em alimentação, reprodução e manejo. Especialmente a integração vertical é vista como a forma de a cadeia se expandir e desenvolver.

5.2.2. Indústria

Somente parte dos ovinos e caprinos é consumida nas propriedades, a grande maioria é comercializada, em contraste com o que ocorre com o rebanho bovino, suíno e de aves. O consumo de carne ovina e caprina é concentrado nas cidades, com pouca participação relativa na dieta do meio rural.

São três as categorias principais de indústrias dedicadas ao abate: frigoríficos; abatedouros regionais e abatedouros familiares. Uma característica do setor frigorifico chinês é a de ser baseado em instalações antigas e usar tecnologia rudimentar. Os frigoríficos não são especializados, estando sempre associados ao abate bovino. São cerca de mil frigoríficos que abatem ovinos e caprinos, dos quais 25% são empresas estatais. O peso médio das carcaças abatidas na China foi de 15,5 kg para ovinos e 12,6 kg para caprinos em 2004.

Na lista oficial de empresas alimentícias preferidas para serem desenvolvidas pelo governo central constam 40 companhias ligadas à carne. Dessas, quatro são ligadas à carne ovina – Jilin Haoyue, Inner Mongolia Nailun, Inner Mongolia Caoyuan Xingfa e Henan Shuanghui.

Estas empresas são reconhecidas como *Cabeças de Dragão Nacionais* e recebem financiamentos especiais, isenção de impostos e outras medidas de apoio. Ao mesmo tempo, em todas as províncias também existem empresas menores que recebem apoio especial dos governos locais.

A Inner Mongolia Caoyuan Xingfa é a maior empresa de abate de ovinos do país. São 40 frigoríficos no norte da China, sendo 20 na província de Inner Mongolia. Juntos, podem abater seis milhões de cabeças por ano, no entanto abatem três milhões, sendo apenas 150 mil caprinos.

Esta empresa também é proprietária de frigoríficos que abatem aves, bovinos e iaques. Além disso, mantém cerca de 2.500 restaurantes fran-

queados e mil pontos de venda exclusivos em supermercados. Ao mesmo tempo, também atua na importação e exportação de carne e peles.

Em volta de Beijing estão quatro grandes empresas que abatem ovinos. A capacidade declarada de abate é posta em dúvida pelo mercado, que acredita que as empresas exageram os números para aumentar sua importância aos olhos do governo. São elas Beijing Kangda Muslim Food (abate de 300 mil cabeças por ano); Beijing Fumin Muslim Food (200 mil cabeças); Beijing Xiangyun Food (250 mil cabeças) e Beijing Zhuochen Livestock (200 mil cabeças).

Os abatedouros regionais obedecem a padrões sanitários e estão sujeitos a fiscalização e pagamento de taxas. É uma forma de abate que vem sendo incrementada, com a diminuição dos abates familiares. Estes estabelecimentos permitem que cada família faça seus próprios abates, mediante pagamento, mas normalmente se dedicam à venda de carcaças e abastecem o mercado de baixo valor agregado.

Os abatedouros pequenos têm importância histórica na China e foram privatizados após a liberalização econômica. Continua muito comum a especialização de povoados inteiros no abate e comercialização de ovinos e caprinos.

Por questões sanitárias, o abate familiar está sendo desestimulado. Nas grandes cidades e na região pastoril de Xinjiang esta política está sendo bem implementada, porém na maioria do país ela anda devagar. Entre outros motivos, são apontadas questões relativas ao custo maior dos abates inspecionados em relação aos abates familiares.

5.2.3. Aspectos institucionais e organizacionais

O pequeno varejo é responsável pela maioria da venda da carne de ovinos e caprinos na China, principalmente a de baixo valor. Nos últimos anos, a venda em supermercados e em restaurantes vem experimentando um crescimento acelerado, mas o ponto de partida foi uma base baixa e por isso ainda não são as principais formas de distribuição da carne ovina e caprina.

No setor atacadista, são 300 grandes mercados públicos distribuidores na China, onde se abastecem os comerciantes, os hotéis e os restaurantes.

Cerca de metade da carne ovina e caprina que entra nas grandes cidades passa por estes pontos atacadistas.

A forma mais comum de se consumir ovinos e caprinos nas maiores cidades são os restaurantes, através de inúmeros pratos tradicionais provenientes da tradição mongol e muçulmana. A relação dos ovinos com a minoria muçulmana faz com que a maioria dos produtos ovinos sejam processados de acordo com as práticas Halal.

Existe na China um grande número de políticas públicas que só servem para publicidade governamental e não chegam a beneficiar a cadeia efetivamente, seja por falta de pessoal para implementá-la seja por falta efetiva de recursos.

De qualquer maneira, a tradição de controle central faz com que algumas instituições tenham capacidade de direcionar e influenciar o desenvolvimento das cadeias produtivas. Por exemplo, o Ministério da Agricultura tem o poder de guiar a agricultura na produção, na utilização de insumos, na ocupação de áreas, no processamento industrial, na comercialização, no *marketing* e no desenvolvimento de cadeias produtivas.

O principal órgão do Ministério da Agricultura que tem influência sobre a pecuária é o Departamento de Produção Animal. A ênfase governamental está direcionada para aumentar a produção, em detrimento de aspectos administrativos, econômicos e ambientais da cadeia produtiva.

As associações de produtores se multiplicaram nos últimos anos, mas não são tão fortes e atuantes como nos outros países com economia menos centralizada. As duas entidades principais são a Associação Chinesa de Agricultura Animal (CAAA, na sigla em inglês), que é uma associação nacional de produtores, e a Associação de Ovinocultura da China, com 200 membros, entre confinadores, estações de reprodução e indústrias.

A maioria das associações da cadeia produtiva tem um histórico ligado a agencias ou departamentos governamentais, como por exemplo, a Associação Chinesa da Carne, que congrega cerca de 500 empresas e representa a cadeia junto ao governo, além de prover informações de mercado e participação em feiras e exposições.

Apesar de ter um programa ambicioso para prover informações de mercado, o sistema chinês não é objetivo e não usa normas de estatística

aceitas mundialmente, e isso faz com que os dados publicados tenham pouca utilidade para a cadeia produtiva.

Normalmente, faz-se a coleta de informações somente para carne ovina e caprina, genericamente. Basicamente, o que está disponível é o movimento de preços ao longo do tempo e nas diferentes províncias, sem maior detalhamento, principalmente em relação ao abate e à comercialização.

Um programa de zoneamento agroclimático identificou quatro zonas prioritárias para ovinos e caprinos – as planícies centrais, o centro-oeste (incluindo Inner Mongolia e Hebei); o noroeste (incluindo Xinjiang e Gansu) e o sudoeste. O cinturão de ovinos e caprinos das planícies centrais é a área escolhida como principal para o desenvolvimento da cadeia produtiva.

Nos municípios beneficiados com o zoneamento agroclimático, os recursos estatais são utilizados para financiar a criação de ovinos por pequenos produtores considerados pobres. As empresas especializadas em produzir fêmeas vendem com estes fundos ovelhas para os produtores iniciantes. Os pagamentos são feitos em dinheiro, cordeiro para abate ou mesmo fêmeas para outros criadores. Por isso, esta iniciativa também faz parte dos programas de diminuição da pobreza na China.

No entanto, como outros, este programa promete benefícios, mas na prática são poucos os recursos disponíveis. Com isso, quem faz parcialmente o investimento são os governos provinciais, o que limita a velocidade de implantação das ações.

Um programa importante, que foi implantado em 1992, chama-se Programa de Aproveitamento da Palhada de Lavoura, que promove a amoniatação em massa das sobras de colheita, aumentado a disponibilidade de alimento para os ruminantes e diminuindo a demanda por grãos. Atinge 13 estados e 380 municípios e está programado para durar até 2010.

As instituições ambientais chinesas são conhecidas por sua baixa capacidade de influência na formulação de diretrizes econômicas. A principal iniciativa ambiental chama-se Programa de Proteção dos Campos Nativos e Diminuição de Rebanho (PPCNDR). Em contradição com outros Programas, o PPCNDR quer diminuir a pressão sobre as pastagens, através da melhor utilização e da construção de cercas, alem de reduzir o rebanho de ovelhas e cabras. Até agora o PPCNDR provocou pouco impacto, concentrado em alguns municípios específicos, devido à autonomia

dos governos locais somada ao fato de a diminuição do rebanho também diminuir a renda dos agricultores.

Porém, o PPCNDR tem o potencial de mudar a maneira que a ovinocaprinocultura é administrada nas regiões pastoris. O incremento de práticas de alimentação intensiva deve aumentar o grau de coordenação do mercado também. Um dos benefícios indiretos é o estímulo aos agricultores a venderem os animais em idades mais precoces, como forma de reduzir a carga animal e diminuir os custos de alimentação.

O Ministério da Agricultura mantém as iniciativas Alimento Seguro e Alimento Orgânico. Já o Ministério da Saúde coordena o programa Alimento Saudável. Na verdade, existem dificuldades generalizadas para impor padrões de higiene para o abate de animais em baixa escala. Apesar de existirem muitas regras, não existe controle nem a coordenação necessária para que sejam cumpridas. Por exemplo, é comum a injeção de água na carne, para aumentar o peso e torná-la aparentemente mais fresca.

Isso leva à existência de baixa confiança pelo consumidor chinês em relação à aplicação dos padrões oficiais de higiene e sanidade. Desta forma, algumas grandes empresas se auto-impuseram padrões sanitários e fundaram a *Green Food Standards* – Padrão Alimentar Verde (GFD, na sigla em inglês). São 22 companhias que comercializam ou abatem ovinos e buscam uma associação entre a GFD e os ovinos na mente do consumidor. Com isso, vem aumentando a confiança do consumidor urbano e com maior renda nestas marcas e empresas.

Não existem padrões oficiais de qualidade de produtos ligados à carne na China. Principalmente por que a carne é vendida em formas com baixo valor agregado, e os consumidores não tem noção exata do que seja qualidade de carne. Assim, as formas de classificação são informais e ligadas ao mercado de maior valor, normalmente impostas por empresas ou associações. As principais são tipos de corte e idade do animal. Em alguns mercados, nem a diferenciação entre caprinos e ovinos existe, apesar de isso estar desaparecendo. Algumas empresas têm feito campanha para o consumidor perceber a diferença entre ovinos adultos e cordeiros. Porém as preferências variam de região para região, com o Oeste da China preferindo animais mais velhos.

5.2.4. Exportações

A política comercial chinesa de substituição das importações alcança também a carne ovina, com a missão complementar de promover a exportação deste tipo de produto. A China é um participante relativamente novo no time de exportadores importantes de carne ovina e mantém um comportamento errático na sua presença no mercado internacional.

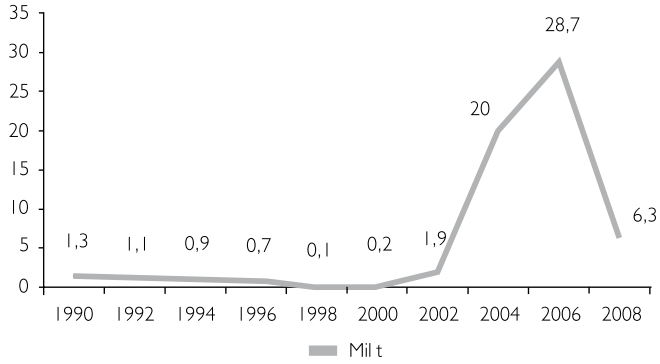


Gráfico 5.X. Exportação chinesa de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade, 2009.

As exportações de carne ovina são basicamente de carne congelada, com quase dois terços sendo de carne desossada. O preço médio alcançou US$ 3.878 por tonelada em 2008.

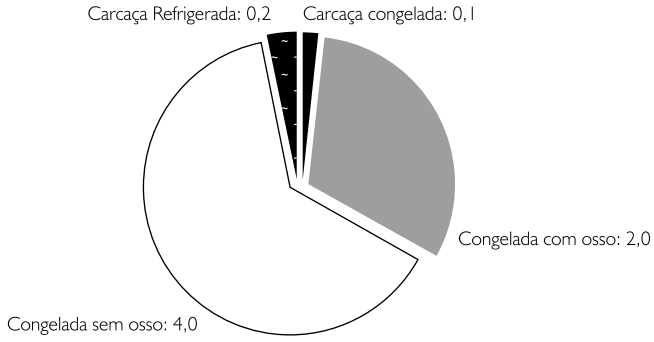


Gráfico 5.XI. Tipo de carne exportada pela China (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

A vizinha Hong Kong e os países do Oriente Médio são os principais destinos da carne ovina chinesa.

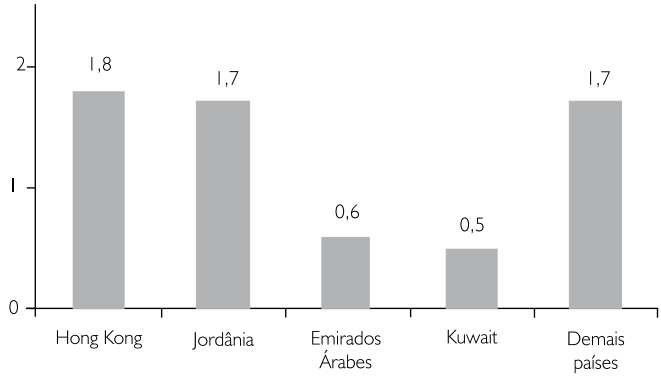


Gráfico 5.XII. Destino das exportações de carne ovina da China (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

5.2.5. Importações

As importações aumentaram em cinco vezes desde 1990, refletindo o crescimento de renda obtido pela população da China nos últimos anos. A importação chinesa é composta basicamente de carne congelada com osso (98%), pagando preço médio de US$ 1.931 por tonelada em 2008.

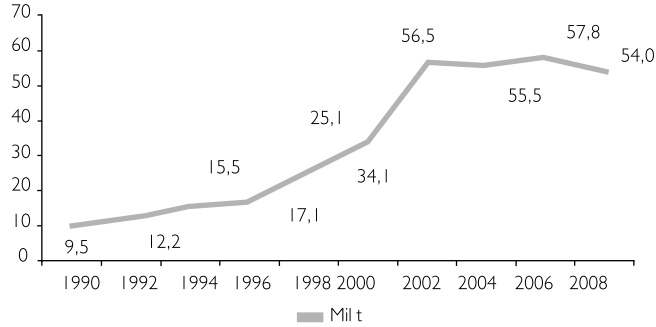


Gráfico 5.VIII. Importação chinesa de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade, 2009.

A Austrália paga uma taxa-zero para suas exportações de carne ovina, de acordo com um acordo bilateral de comércio com a China. Mesmo assim, a Nova Zelândia é o maior exportador para o mercado chinês. Ambos os países representam a quase totalidade das importações chinesas.

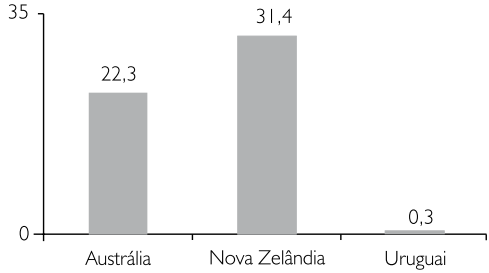


Gráfico 5.IX. Origem das importações de carne ovina da China (mil t).
Fonte: Comtrade, 2009.

5.2.6. Tarifas de importação

As tarifas de importação são relativamente altas, não fazendo distinção entre carne congelada e refrigerada. No entanto, o preço que o mercado chinês se dispõe a pagar pela carne ovina limita naturalmente as exportações de carne refrigerada, que costumam ter valor maior.

Tabela 5.XI. Alíquotas aplicadas sobre a importação.

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)
Ovinos e caprinos vivos		
Ovinos e caprinos vivos com pedigree	01041010 01042010	Zero
Ovinos e caprinos vivos, demais	01041090	
	01042090	10
Carne ovina Fresca ou refrigerada		
Carcaça e meia-carcaça de cordeiro	020410	15
Carcaça e meia-carcaça de ovinos adultos	020421	23
Cortes ovinos, com osso	020422020423	15
Carne ovina Congelada		
Carcaça e meia-carcaça de cordeiro	020430	15
Carcaça e meia-carcaça de ovinos adultos	020441	23
Cortes ovinos, com osso	020442	12
Cortes ovinos, sem osso	020443	15
Carne caprina		
Fresca, refrigerada ou congelada	020450	20

Fonte: ITC; USITC, 2009.

6. Perfil dos países importadores

A União Europeia é, disparado, o principal importador de carne ovina do planeta. Os outros grandes importadores não têm tanta relevância em termos de volume.

No entanto, pelas oportunidades relativas ao comércio de produtos ovinos e caprinos para o Brasil, estão descritas as cadeias produtivas e o perfil de importação de Arábia Saudita, África do Sul, Emirados Árabes Unidos, México e Japão, completando a lista dos oito maiores importadores mundiais de carne ovina.

6.1. União Europeia

O bloco da União Europeia-27[2] é o segundo pólo de produção, o segundo mercado consumidor, além de ser o maior importador de carne ovina do planeta. Devido à dimensão das importações europeias, o mercado local tem grande importância no balizamento de preços e nas estratégias produtivas e comerciais dos exportadores. Quaisquer mudanças na dinâmica de consumo, na política agrícola ou na política sanitária do bloco possuem efeitos marcantes que impactam os preços obtidos pelos produtores nos

[2] A União Europeia integra 27 Estados. Aos 15 Estados-Membros que formavam a União, até 2004, foram acrescentados, em 2005, a República Tcheca, Chipre, Eslovênia, Eslováquia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta e Polônia. Em janeiro de 2007 foram admitidas a Bulgária e a Romênia. A União Europeia é uma União Aduaneira. Possui uma política comercial comum. Há uma total liberdade de comércio de bens e serviços entre os Estados-Membros.

países exportadores e influenciam as tendências no mercado internacional de carne ovina.

6.1.1. Setor primário

O efetivo ovino na União Européia apresentou queda contínua nos últimos anos. Os maiores rebanhos se encontram no Reino Unido e Espanha, que juntos detêm quase metade da população ovina. O rebanho caprino europeu é apenas 15% do tamanho do rebanho ovino e está fortemente concentrado na Grécia e na Espanha.

Tabela 6.I. Rebanho ovino na UE-27 (milhões de cabeças).

	2004	2005	2006	2007	2008
Reino Unido	24,5	23,7	23,4	23,7	22,0
Espanha	22,7	22,5	22,5	22,2	20,0
Grécia	9,2	8,7	9,0	9,0	9,0
Romênia	7,4	7,6	7,7	8,5	8,9
Itália	8,1	8,0	8,2	8,2	8,2
França	8,9	8,8	8,5	8,3	7,8
Demais países	17,4	16,9	16,4	15,8	14,4
Total	98,2	96,2	95,7	95,7	90,3

Fonte: Eurostat, 2009.

Tabela 6.II. Rebanho caprino na UE-27 (milhões de cabeças).

	2004	2005	2006	2007	2008
Grécia	5,2	4,9	4,9	4,9	5,0
Espanha	2,8	2,8	3,0	2,9	3,0
França	1,2	1,3	1,3	1,3	1,3
Demais países	4,3	4,0	4,0	4,1	3,9
Total	13,4	13,0	13,2	13,2	13,2

Fonte: Eurostat, 2009.

O decréscimo do rebanho de ovinos de corte dos principais países produtores da União Européia é primordialmente ligado a:

a) Até a reforma da Política Agrícola Comum (PAC) implementada em 2005, os ovinocaprinocultores do bloco recebiam um subsídio por animal. A reforma determinou que os produtores devem receber um pagamento único sem relação com a quantidade de animais;

b) O surto de febre aftosa que atingiu o Reino Unido e alguns outros países europeus em 2001 ocasionou uma redução de quase 10% no efetivo ovino. Além disso, a ocorrência de surtos da doença da língua azul na Península Ibérica a partir de 2004, e mais recentemente no norte da Europa, juntamente com novos surtos de febre aftosa em 2007.

Figura 6.I. Concentração do rebanho ovino na União Europeia.
Fonte: Eurostat, 2009.

6.1.2. Indústria

Após um período de queda acentuada, a produção de ovinos e caprinos vem experimentando uma diminuição mais lenta nos últimos anos. Os maiores produtores da UE-27 são o Reino Unido, Espanha, França e Itália, responsáveis por mais de dois terços da produção regional entre 2006 e 2008.

As projeções oficiais apontam para uma tendência decrescente da produção europeia de carne ovina nos próximos anos, além da estabilização da produção de carne caprina. Como o consumo deve diminuir menos do que a produção, antecipa-se que a União Europeia vai depender cada vez mais das importações para atender ao seu mercado interno.

Tabela 6.III. Abate de ovinos e caprinos (milhões de cabeças).

	Reino Unido	Espanha	Grécia	Itália	França	Romênia	Demais países	Total UE-27
Cordeiros								
2006	14,1	18,0	6,1	5,4	5,7	3,2	6,6	59,1
2007	13,6	16,2	5,9	5,3	5,6	2,9	6,3	55,8
2008	14,4	13,0	5,9	5,0	5,2	3,3	6,4	53,2
Ovinos adultos								
2006	2,3	0,7	0,9	1,2	0,8	3,0	3,5	12,4
2007	2,2	0,9	0,9	1,2	0,7	3,1	3,5	12,5
2008	2,3	0,8	0,9	1,2	0,8	2,3	3,1	11,4
Caprinos								
2006	0	1,5	4,0	0,3	0,9	0,4	1,1	8,2
2007	0	1,4	3,9	0,3	0,9	0,6	0,7	7,8
2008	0	1,2	3,8	0,3	0,9	0,7	1,1	8,0
Total em 2008	16,7	15,0	10,6	6,5	6,9	6,3	10,6	72,6

Fonte: Eblex; Eurostat; Institut de L´Elevage, 2009.

Devido ao abate de cordeiros de tamanho pequeno, Espanha e Grécia não têm a mesma importância na produção de carne que ambas têm na quantidade de cabeças abatidas. E neste quesito aumenta a importância do Reino Unido, com um terço da produção de carne ovina.

Tabela 6.IV. Abate de ovinos e caprinos (mil toneladas).

	Reino Unido	Espanha	Grécia	Itália	França	Romênia	Demais países	Total UE-27
Cordeiros								
2006	266	200	101	58	42	29	108	804
2007	264	179	99	57	38	26	102	765
2008	268	141	91	56	59	29	99	743
Ovinos adultos								
2006	64	14	21	17	17	32	68	233
2007	61	17	19	17	21	41	69	245
2008	57	16	20	17	20	30	46	206
Caprinos								
2006	0	12	8	39	3	4	12	78
2007	0	10	8	38	2	6	15	79
2008	0	9	8	38	2	7	14	78
Total em 2008	325	166	119	111	81	66	159	1.027

Fonte: Eblex; Eurostat; Institut de L´Elevage, 2009.

No que diz respeito à organização da cadeia produtiva e às diversas etapas de abate, processamento e comercialização, cada Estado-Membro da União Europeia apresenta características específicas. Por esse motivo, optou-se por apresentar com profundidade a situação de dois países, que são os principais mercados da UE-27 para carne ovina.

6.1.3. Aspectos institucionais e organizacionais

A carne ovina é vista cada vez mais pelos europeus como uma carne para momentos festivos, que tem seus picos de consumo coincidindo com as principais festas religiosas cristãs ou muçulmanas.

Os subsídios são recebidos pelos ovinocaprinocultores através de dois mecanismos. O primeiro é ligado ao regime relativo ao mercado interno. Até recentemente, abrangia pagamentos diretos à produção, pagamentos complementares e um dispositivo de apoio ao armazenamento privado. O

segundo mecanismo, indireto, é resultado das barreiras tarifarias, que têm como efeito a formação de preços internos mais elevados do que os preços praticados no mercado internacional.

Em 2005 a UE começou a implementar uma reforma profunda da PAC. Os produtores rurais da UE passaram a receber um apoio fixo anual, equivalente à média ponderada do montante de subsídios que tinham recebido nos anos 2000 a 2002. No caso da ovinocultura de corte, a maioria dos Estados-Membros optou por um regime transitório, com desligamento de apenas 50%. Assim, para receberem o mesmo montante que recebiam antes, os produtores tiveram de continuar a produzir. Caso contrário, recebiam apenas metade do apoio.

As restrições comerciais praticadas pela UE não se limitam às barreiras tarifárias. Para poder exportar para o bloco, os países devem receber inspeção do Oficio Veterinário da União Européia. Essas missões têm como objetivo verificar se o país exportador e seus frigoríficos seguem padrões e procedimentos de segurança sanitária equivalentes aos padrões da UE.

Para autorizar as importações, a Comissão Européia leva em consideração o estatuto sanitário do país exportador, principalmente em relação à febre aftosa e à encefalopatia espongiforme bovina. A UE pode reconhecer parte de um país como livre de uma enfermidade. Também exige a implementação de planos de controle de resíduos biológicos, como hormônios, medicamentos e contaminantes em produtos de origem animal. Nos últimos anos, começou a impor normas que dizem respeito ao bem estar animal, demanda cada vez mais importante para os consumidores do continente.

No que diz respeito à organização da cadeia produtiva e às diversas etapas de abate, processamento e comercialização, cada Estado-Membro da União Européia apresenta características específicas. Por esse motivo, optou-se por apresentar com profundidade a situação de dois países, que são os principais mercados da UE-27 para carne ovina.

O Reino Unido tem papel chave na dinâmica de formação de preços de carne ovina na União Européia, pois responde por quase metade das importações extra-comunitárias. Ao mesmo tempo, o Reino Unido é o principal exportador no comércio intracomunitário.

Conta com mais de 79 mil propriedades agrícolas especializadas, que se localizam principalmente no País de Gales e na Escócia. A ovinocultura de corte tem se constituído, historicamente, um componente essencial da produção agropecuária do país.

Os animais comercializados para o abate são vendidos por cooperativas de ovinocultores, via atacadistas especializados ou através de leilões. Os leilões formam um canal de comercialização importante no caso da produção ovina britânica. Em 2006, 45% dos cordeiros e dos ovinos adultos comercializados foram negociados por meio dos 137 leilões que existiam no país.

Em 2006, o Reino Unido contava com 287 frigoríficos especializados em abate de ovinos, sendo 227 dessas empresas consideradas como de capacidade média ou baixa. As plantas de médio ou pequeno porte são operadas por empresas que atuam regionalmente. O abate é concentrado, com as 10 maiores plantas do país respondendo por mais de 45% dos abates de ovinos.

A distribuição de carne ovina é realizada principalmente pelas grandes empresas nacionais e estrangeiras que operam no mercado britânico, que responderam em 2008 por mais de 2/3 das vendas de carne ovina no varejo.

Em todas as regiões de produção do Reino Unido os diversos elos da cadeia produtiva estão reunidos em associações de promoção de raças, sindicatos regionais ou clube de ovinocultores. O Agriculture and Horticulture Development Board – Departamento de Desenvolvimento da Agricultura e Horticultura (AHDB, na sigla em inglês), tem incentivado as diversas cadeias a criar organismos de economia mista que funcionam na base de recursos públicos e de contribuições dos seus próprios integrantes.

Na Inglaterra, os profissionais da cadeia de carne estão reunidos no Beef and Lamb in England – Carne e Cordeiro na Inglaterra (EBLEX, na sigla em inglês). O objetivo do EBLEX é aumentar a competitividade da cadeia da carne inglesa e promover seus produtos. Sua estratégia busca aumentar a lucratividade da cadeia produtiva e estimular o crescimento de demanda. As três principais linhas de ação do EBLEX são: aumentar o retorno econômico dos pecuaristas, adotar uma abordagem integral da cadeia produtiva e elaborar ações de marketing para a produção inglesa.

No País de Gales, funções semelhantes às do EBLEX são cumpridas pelo Meat Promotion Wales – Promoção da Carne do país de Gales (MPW, na sigla em inglês). Na Escócia, este trabalho é realizado pelo Quality Meat Scotland – Carne de Qualidade Escocesa (QMS, na sigla em inglês). Ambas as entidades desenvolveram programas de boas práticas agropecuárias, com desenvolvimento de selos de qualidade. No setor da certificação, convém também mencionar a atuação da entidade Assured British Meat – Carne Garantida Britânica (ABM, na sigla em inglês) que visa promover a adoção de dispositivos de certificação de qualidade junto a pecuaristas e ovinocultores do país.

A National Sheep Association – Associação Nacional da Ovinocultura (NSA, na sigla em inglês) é a entidade britânica que representa e defende os interesses dos ovinocultores de corte. Em nome dos seus integrantes, ela negocia com as autoridades governamentais, com os sindicatos agrícolas, com o EBLEX e com as instituições da UE.

A França produz menos da metade de seu consumo nacional de carne ovina, em mais de 64 mil propriedades especializadas em ovinocultura, das quais 5 mil com ovelhas leiteiras. Usualmente, as propriedades são pequenas, com rebanho médio de 71 ovelhas, localizadas principalmente no sul do país. Existe um número elevado de associações de ovinocultores, cujo objetivo único é vender animais vivos aos matadouros locais.

As empresas que realizam o abate de ovinos são normalmente de pequeno porte, e não costumam processar a produção além do fornecimento de cortes tradicionais. Atualmente o abate de ovinos é realizado em 218 abatedouros, dos quais 122 são controlados por administrações municipais.

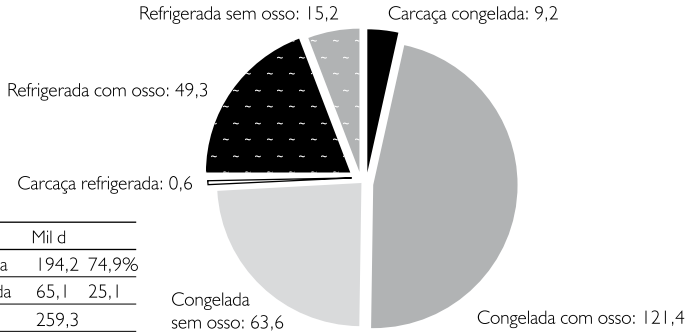
Os abatedouros vendem, na maioria dos casos, a empresas atacadistas regionais especializadas ou via cooperativas de ovinocultores. Em relação ao varejo, 55% da carne ovina é vendida pelos supermercados e 30% é comercializada por bares e restaurantes. Existem também canais alternativos já consolidados, como feiras especializadas e venda direta aos consumidores que se beneficiam do apoio das organizações do setor. Esses canais são utilizados principalmente por grupos de ovinocultores que operam em regiões onde a produção é protegida por selos de origem e de qualidade.

Na França, além de diversas associações regionais de promoção de raças e de sindicatos de ovinocultura, os integrantes da cadeia tiveram participação significativa na criação da Association Nationale Interprofessionale du Bétail et des Viandes – Ovins – Associação Nacional Interprofissional dos Bovinos e da Carne - Ovinos (Interbev-ovins, na sigla em francês). Essa associação de direito privado visa incentivar parcerias comerciais entre os diversos elos da cadeia, promover a carne de ovinos e montar programas de pesquisa com base nas demandas do setor. A cadeia de ovinocultura recebe também o apoio do Institut de l'élevage – Instituto da Pecuária (II, na sigla em francês). O II é uma associação privada subsidiada pelo governo. Presta serviço a todos os elos das cadeias produtivas ligadas às carnes vermelhas, para melhorar a competitividade da pecuária.

6.1.4. Importações

As importações extra-comunitárias de carne ovina são dominadas por cortes congelados, principalmente pernil e alguns cortes desossados, e o preço médio ficou em US$ 5.050 por tonelada em 2008. A carne refrigerada alcançou US$ 7.305 por tonelada em 2008.

Em relação ao comércio intracomunitário, os maiores vendedores são o Reino Unido, Irlanda, Bélgica, Espanha e Holanda. Deve ser ressaltado que Bélgica e Holanda figuram nesta lista por serem portos de distribuição devido à sua importância na logística do continente. As exportações extra-comunitárias de carne ovina representam um volume quase inexpressivo.



Carne	Mil d	
Congelada	194,2	74,9%
Refrigerada	65,1	25,1
Total	259,3	

Gráfico 6.I. Tipo de carne importada pela União Europeia (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Eurostat, 2009.

As importações extra-comunitárias de carne ovina são dominadas por cortes congelados, principalmente pernil e alguns cortes desossados, e o preço médio ficou em US$ 5.050 por tonelada em 2008. A carne refrigerada alcançou US$ 7.305 por tonelada em 2008.

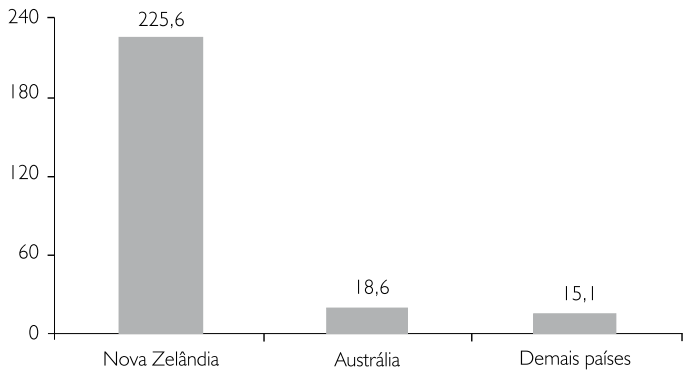


Gráfico 6.II. Origem da importação extra-comunitária de carne ovina da União Europeia-27 (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Eurostat, 2009.

De 35 a 40% da carne ovina exportada da Nova Zelândia para a União Europeia é destinada ao mercado britânico, onde ocupa espaço consolidado. O Reino Unido sozinho seria considerado o principal importador da Nova Zelândia, inclusive para carcaças de cordeiro, lombo, cortes de traseiro e vísceras. Um terço da carne ovina consumida no Reino Unido vem da Nova Zelândia.

Em relação ao comércio intracomunitário, os maiores exportadores são o Reino Unido, Irlanda, Bélgica, Espanha e Holanda. Os produtores britânicos exportam carne de qualidade inferior para o continente, particularmente para a França. Deve ser ressaltado que Bélgica e Holanda figuram nesta lista por serem portos de distribuição devido à sua importância na logística do continente. As exportações extra-comunitárias de carne ovina representam um volume quase inexpressivo

6.1.5. Tarifas de importação

As importações de carne ovina e caprina na União Europeia são realizadas quase exclusivamente pela utilização de cotas tarifárias, que não estão sujeitas ao pagamento de alíquotas.

Tabela 6.VI. Cotas tarifárias para carne ovina e caprina (mil toneladas).

	2005		2006		2007		2008	
	Disp.	Utiliz. (%)	Disp.	Utiliz. (%)	Disp.	Utiliz. (%)	Disp.	Utiliz. (%)
Nova Zelândia	226,7	97	227,8	98	227,9	98	227,9	99
Austrália	18,7	99	18,8	98	18,8	96	18,8	99
Argentina	23,0	38	23,0	35	23,0	24	23,0	25
Uruguai	5,8	100	5,8	99	5,8	98	5,8	98
Chile	5,4	77	5,6	82	5,8	78	6,0	42
Outros	2,6	27	2,6	27	2,9	24	3,3	36

Fonte: European Commission, 2009.

As alíquotas cobradas (uma taxa *ad valorem* mais uma taxa específica) sobre as importações extra-cotas são muito elevadas, o que costuma inviabilizar este tipo de operação. Portanto, para ser competitivo na União Europeia, um país deve possuir cotas de exportação de carne ovina para o bloco.

Tabela 6.VII. Alíquotas para importações extra-cotas.

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)	Alíquota específica (euro/tonelada)
Ovinos e caprinos vivos			
Ovinos com pedigree	01041010	Zero	Zero
Cordeiros vivos	01041030	47,1	1.207
Outros ovinos vivos	01041080	64,2	1.207
Caprinos com pedigree	01042010	3,2	Zero
Outros caprinos vivos	01042090	42,3	1.207
Carne ovina ou caprina refrigerada			
Carcaça e meia-carcaça	020410 020421 02045011	12,8	1.713
Quarto dianteiro com osso	0204221 02045013	12,8	1.199
Costilhar e lombo com osso	0204223 02045015	12,8	1.885
Quarto traseiro com osso	0204225 02045019	12,8	2.227
Outros cortes com osso	0204229 02045031	12,8	2.227
Carne ovina ou caprina congelada			
Carcaça e meia-carcaça	020430 020441 02045051	12,8	1.288
Quarto dianteiro com osso	0204230 0204421 02045053	12,8	902
Costilhar e lombo com osso	0204423 02045055	12,8	1.417
Quarto traseiro com osso	0204425 02045059	12,8	1.675
Outros cortes com osso	0204429	12,8	1.675
Cortes desossados	020443	12,8	2.345

Fonte: European Commission; ITC; USITC, 2009.

6.2. Arábia Saudita

O país tem quase 100% de sua população da religião muçulmana e é o maior importador de alimentos do Golfo Pérsico. O mercado saudita de alimentos Halal é estimado em US$ 5 bilhões anuais.

A Arábia Saudita é o terceiro maior importador de carne ovina, apresentando importantes distinções em seu mercado em relação aos demais países importantes no fluxo internacional de carne ovina.

6.2.1. Setor primário

O rebanho está relativamente estável, flutuando de acordo com as condições climáticas mais ou menos severas de cada ano. No entanto, o rebanho caprino diminuiu pela metade em relação há dez anos.

Tabela 6.VIII. Rebanho de ovinos e caprinos (milhões de cabeças).

	2000	2002	2004	2006	2008
Ovinos	7,93	7,01	7,90	7,00	7,20
Caprinos	2,46	2,21	2,24	2,20	2,25
Total	10,39	9,22	10,14	9,2	9,45

Fonte: Bourne, 2003; Saudi Arabia, 2009.

Tabela 6.IX. Distribuição do rebanho (milhões de cabeças).

Região Administrativa	Ovinos	Caprinos
Hai´l	1,62	0,65
Al Riyad	1,09	0,21
Al Qasim	0,96	0,40
Makkah	0,81	0,09
Tabuk	0,63	0,02
Al Bahah	0,51	0,36
Demais regiões administrativas	1,58	0,52
Total	7,20	2,25

Fonte: Bourne, 2003; Saudi Arabia, 2009.

O rebanho, tanto ovino quanto caprino, é bastante concentrado na região central do país, próxima à capital, Riad.

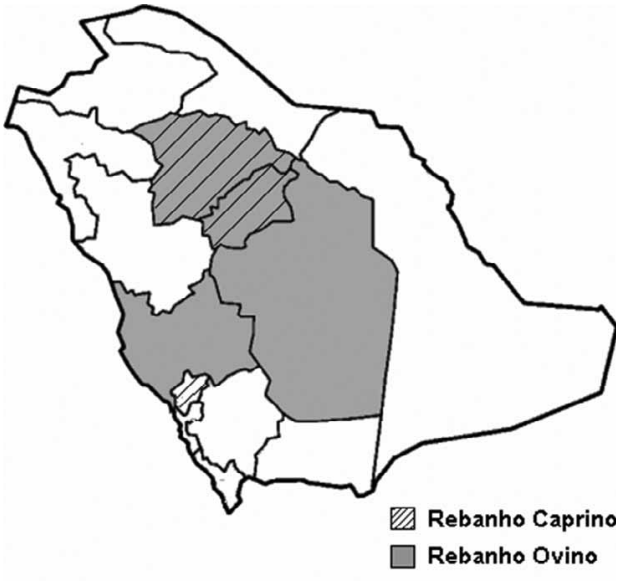


Figura 6.II. Concentração do rebanho ovino e caprino na Arábia Saudita.
Fonte: Bourne, 2003; Saudi Arabia, 2009.

Os rebanhos individuais costumam ser relativamente grandes e circulam pelas regiões, abastecendo locais isolados. A vegetação nativa responde por cerca de 20% da alimentação do rebanho, enquanto o restante são forragens conservadas, plantadas durante a estação chuvosa ou em áreas irrigadas.

6.2.2. Indústria

O principal porto de importação é Jeddah (80% dos alimentos que entram na Arábia Saudita), que também é um dos grandes portos do Oriente Médio. O porto de Dammam, no Golfo Pérsico, também recebe ovinos vivos e carne.

Existem abatedouros públicos em toda a Arábia Saudita e as pessoas são incentivadas a realizarem seu abate ritual ou para consumo rotineiro nestes locais.

Desde 1983 existe um programa para a utilização otimizada da carne dos animais sacrificados pelos peregrinos. O Banco de Desenvolvimento Islâmico (IDB, na sigla em inglês) é responsável pelo programa e os peregrinos podem adquirir um cupom e delegar ao IDB o abate ritual do animal em seu benefício.

Nas 84 horas que dura o Haj, foram abatidos 700 mil animais pelo IDB em 2008, dos quais 90% eram ovinos e o restante, bovinos e camelos. Cerca de dois terços são distribuídos gratuitamente no país e o outro um terço vai para os países muçulmanos vizinhos, pois a carne de abate ritual não pode ser vendida. Em 2008, um cupom custou o equivalente a US$ 105 e podia ser comprado pela internet (30 mil animais foram vendidos por este meio). Apesar da utilização deste programa ser crescente, ainda existe muito abate clandestino nas imediações dos próprios abatedouros administrados pelo IDB.

Uma das ideias por trás do programa é usar a carne para distribuir entre os pobres e necessitados do país e dos países limítrofes. Também está em construção uma fábrica para produzir gelatina a partir dos couros que são danificados durante o processo de abate.

A preocupação das autoridades sauditas é que o abate informal dos animais rituais pode acarretar problemas de saúde, pois os animais não são examinados antes do abate. Além disso, existe o problema secundário ambiental e sanitário para as áreas adjacentes

6.3.3. Aspectos institucionais e organizacionais

A produção de carne de ovinos e caprinos no país atinge cerca de 98,5 mil toneladas e, junto com a carne importada, significa 16% do consumo total de carnes. É assegurado pelo governo de que todo alimento que entra no país é Halal (ver Anexo A) e, portanto, esta não é uma preocupação rotineira para os cidadãos sauditas.

Na verdade, a Arábia Saudita não é um mercado homogêneo. São identificados quatro mercados distintos para ovinos: consumo urbano

dos habitantes nativos; consumo dos trabalhadores estrangeiros (30% da população); consumo dos turistas e empresários nos hotéis e consumo dos peregrinos religiosos.

O consumo de carne costuma diminuir durante o Ramadan devido ao jejum religioso e durante o verão (segunda semana de junho até a primeira de setembro) quando milhões de sauditas e trabalhadores estrangeiros saem do país em férias. Por outro lado, a demanda aumenta para a festa religiosa chamada *Hajj*, com os hotéis e varejistas reforçando seus estoques para atender aos 2,5 milhões de peregrinos que viajam a Mecca todos os anos. Os peregrinos estrangeiros, que significam metade do fluxo, costumam ficar em média duas semanas entre as cidades de Mecca, Jeddah e Madina antes e depois dos rituais do *Hajj*.

Há uma preferência clara no Oriente Médio por carne fresca. As pessoas gostam de abater seu próprio animal ao amanhecer e consumir no almoço ou mesmo mais tarde no jantar. Ao mesmo tempo, o preço da carne quente costuma ser mais baixo do que o preço da carne congelada, principalmente pela aplicação de subsídios à importação e ao comércio de animais vivos. Eventualmente, também são aplicados subsídios para a importação de carne resfriada, mas nunca para a congelada.

Existe uma preocupação oficial com o bem-estar dos animais, já que isto está previsto no Alcorão. Este fato torna delicada a operação de transporte e desembarque dos animais na Arábia Saudita. No entanto, esta preocupação das autoridades não chega a ser disseminada entre a população.

A Organização de Padrões da Arábia Saudita (SASO, na sigla em inglês) é a autoridade que determina os padrões e as embalagens requeridos para todos os tipos de alimentos importados para o país. Todos os alimentos exportados para a Arábia Saudita devem ter embalagem escrita em inglês e árabe. São exigidos diversos documentos, entre eles o certificado Halal. Além disso, o Departamento de Controle de Qualidade pode solicitar amostras e testes de laboratório para se certificar da qualidade para consumo humano do produto. Existe um grande temor em relação à toxina botulínica e exames são realizados com frequência nos portos de desembarque.

6.3.4. Importações

As importações do país quase triplicaram desde 1990, demonstrando o aumento de renda da população no período.

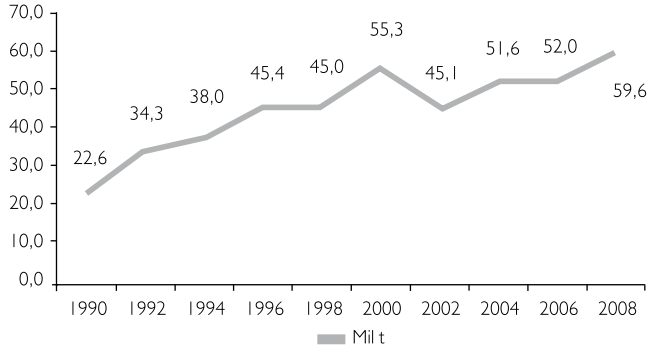
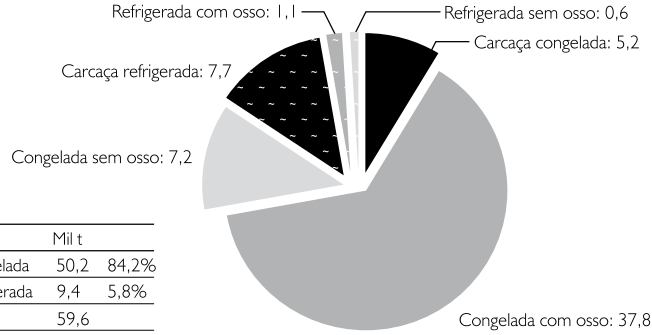


Gráfico 6.III. Importação saudita de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

As importações sauditas estão concentradas em carne congelada, com mais de 80% do volume, que pagam tarifas de importação mais baixa. O valor médio pago por este tipo de produto foi de US$ 2.521 em 2008. Já a carne refrigerada foi adquirida a US$ 4.687 a tonelada, em média.



Carne	Mil t	
Congelada	50,2	84,2%
Refrigerada	9,4	5,8%
Total	59,6	

Gráfico 6.IV. Tipo de carne importada pela Arábia Saudita (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

Austrália e Nova Zelândia respondem por mais de 80% das importações de carne ovina da Arábia Saudita, que também se abastece nos países vizinhos.

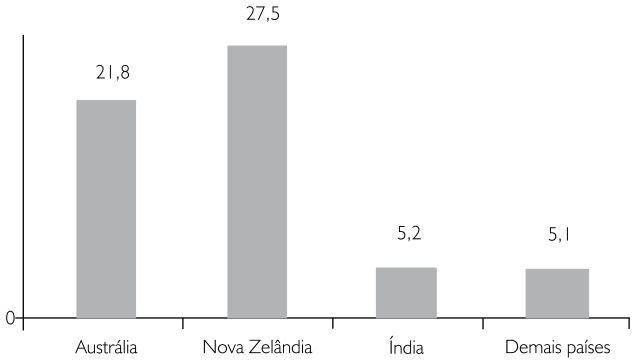


Gráfico 6.V. Origem das importações de carne ovina da Arábia Saudita (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

O mercado da carne congelada é dominado por Austrália e a Nova Zelândia, que responderam por mais de 90% das remessas em 2008. No entanto, a carne refrigerada tem origem mais diversificada e os países da Oceania têm participação marginal neste mercado. Os principais fornecedores deste tipo de carne para a Arábia Saudita são a Índia e o Paquistão.

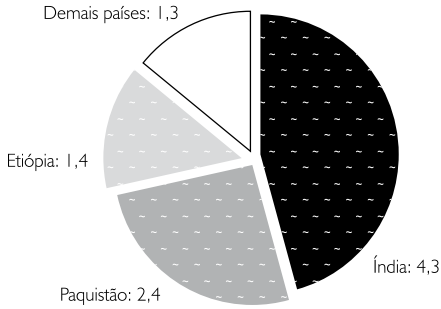


Gráfico 6.VI. Origem das importações de carne ovina refrigerada da Arábia Saudita (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

A Arábia Saudita é o maior importador de ovinos vivos, sendo responsável por quase metade do fluxo internacional. Todos os anos, os sauditas buscam novos fornecedores, que possam garantir o abastecimento a preços baixos. No entanto, somente Síria, Austrália e Sudão têm sido parceiros constantes. O valor médio de importação foi de US$ 89 por cabeça em 2008.

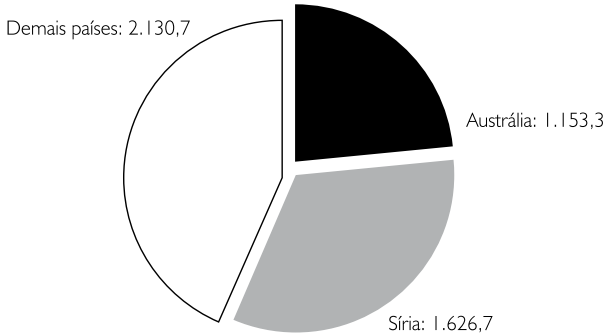


Gráfico 6.VII. – Origem das importações de ovinos vivos da Arábia Saudita (mil cabeças) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

6.3.5. Tarifas de importação

As tarifas de importação são relativamente baixas, mas privilegiam animais vivos e também carne refrigerada, em detrimento da carne congelada.

Tabela 6.X. Alíquotas aplicadas sobre a importação.

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)
Ovinos e caprinos vivos		
Ovinos e caprinos vivos	0104	Zero
Carne ovina ou caprina fresca ou refrigerada		
Carcaça e meia-carcaça Carne oriunda de sacrifício	020410 020421 02045021 02045031 02045011	Zero

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)
Cortes	020422 020423	5
Carne ovina ou caprina congelada		
Carcaça e meia-carcaça Cortes Carne oriunda de sacrifício	020430 020441 020442 020443 02045022 02045032 02045012	5

Fonte: ITC; USITC, 2009.

6.3. África do Sul

A África do Sul é a nação mais industrializada do continente e tem quase 50 milhões de habitantes. Sua tradição em consumir ovinos e caprinos faz do país um dos grandes importadores mundiais do produto, apesar de também ser um dos grandes produtores.

6.3.1. Setor primário

A África do Sul tem cerca de 84 milhões de hectares de pastagens, que representam aproximadamente dois terços do território nacional. O número de propriedades rurais que se dedicam à produção animal atinge 31,5 mil, com tamanho médio de 2.015 hectares. O país conta com mais de um milhão de hectares plantados com alfafa, que provê aos ruminantes uma alimentação de qualidade e relativamente barata.

O rebanho ovino da África do Sul tem orientação para a produção de lã, com mais de dois terços dos animais sendo de raças lanadas. Como quase todos os países, o rebanho vem diminuindo desde 1990, quando chegou a ter 30 milhões de cabeças. O rebanho caprino também diminuiu de 2,8 milhões em 1990 para 2,1 milhões em 2008. De qualquer maneira, a produção de ovinos e caprinos representa 3,4% do PIB do setor primário do país.

Tabela 6.XI. Rebanho de ovinos e caprinos (milhões de cabeças).

	Lanadas	Ovinos deslanados	Total	Total de caprinos	Total de ovinos e caprinos
2000	16,5	7,1	23,6	2,4	26,0
2002	16,1	6,5	22,6	2,2	24,8
2004	16,0	6,3	22,3	2,2	24,5
2006	15,6	6,3	21,9	2,2	24,1
2008	15,9	6,1	22,0	2,1	24,1

Fonte: South Africa, 2009.

Cerca de metade do rebanho de ovinos e caprinos está em fazendas comerciais. O restante está distribuído entre diversas formas de agricultura familiar, desde as mais organizadas e tecnificadas até as mais primitivas, em reservas para as populações autóctones.

Tabela 6.XII. Distribuição do rebanho (milhões de cabeças) - 2004.

Estado	Ovinos	Caprinos
Eastern Cape	6,62	1,01
Northern Cape	5,76	0,17
Free State	4,68	0,07
Kwazulu-Natal	0,66	0,30
Limpopo	0,17	0,35
Demais províncias	4,41	0,30
Total	22,30	2,20

Fonte: South Africa, 2009.

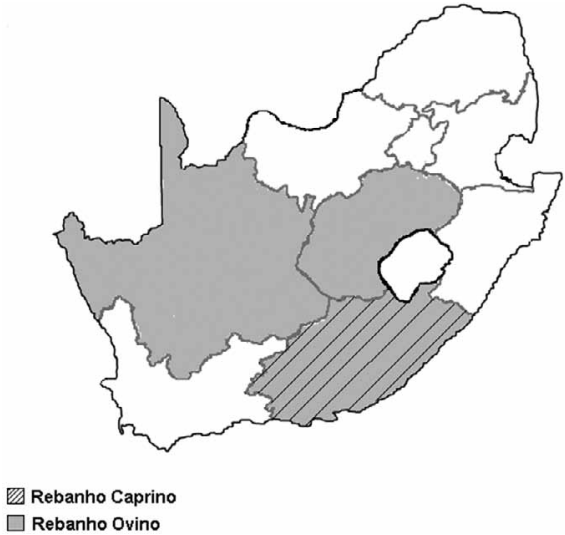


Figura 6.III. Concentração do rebanho ovino e caprino na África do Sul.
Fonte: South Africa, 2009.

Existe uma reclamação generalizada contra o roubo de gado, bovino e ovino, havendo inclusive uma polícia especializada. No entanto, cerca de 130 mil cabeças de ovinos e caprinos e 70 mil cabeças de bovinos são roubadas anualmente. Aproximadamente 70% dos animais roubados são comercializados nas cidades, através de vendedores de rua ou de pequenos açougues.

6.3.2. Indústria

O sistema industrial conta 51 empresas de médio e grande porte, de um total de 200 abatedouros registrados. Destes, 168 indústrias abatem ovinos e caprinos. Cerca de 80% do abate ocorre em apenas dez frigoríficos.

O abate clandestino é estimado em 20 a 30% do total de ovinos e caprinos, e está ligado intimamente à questão do roubo de animais no interior do país.

Tabela 6.XIII. Abate inspecionado de caprinos e ovinos (milhões de cabeças).

2000	2002	2004	2006	2008
6,12	5,96	6,12	6,28	5,81

Fonte: South Africa, 2009.

O país consegue produzir cerca de 75% de seu consumo de consumo de caprinos e ovinos. O restante é importado principalmente por Port Elizabeth, situado no sul do país.

6.3.3. Aspectos institucionais e organizacionais

A *South African Meat Industry Company* – Companhia da Indústria da Carne da África do Sul (SAMIC, na sigla em inglês) – é a entidade que dirige o SAG das carnes no país. A SAMIC é responsável por: marketing e classificação da carne; coordenação da pesquisa e desenvolvimento industrial e coleta e divulgação das estatísticas e das informações estratégicas para a cadeia. Um dos principais objetivos é promover a exportação de carne da África do Sul.

Os próprios sul-africanos consideram que existem deficiências sérias no sistema de controle sanitário dos abatedouros menores e na comercialização da carne, pois cada estado tem legislação própria e pouco pessoal para realizar os controles. Por isso, um dos objetivos imediatos da SAMIC é aumentar a presença dos serviços sanitários; estabelecer uma política de segurança alimentar e qualificar os recursos humanos. A meta é ter um veterinário estatal e um inspetor de carnes da SAMIC em cada grande abatedouro, para trabalhar junto com os inspetores de empresas privadas (a inspeção sanitária atualmente não é estatal na África do Sul).

Foi estabelecido um sistema de classificação de carcaças para ovinos e caprinos, baseado em idade, cobertura de gordura e conformação da carcaça. O sistema classifica com carimbos em cada um dos quartos do animal abatido a qualidade da carne obtida, de acordo com a cor utilizada. Na mesma legislação, a SAMIC tentou sugerir às indústrias os cortes que deveriam ser feitos para oferecer ao mercado consumidor, sem ser obrigatória a adoção desta apresentação.

A SAMIC promove um concurso de carcaças anualmente. Em 2007, foram 5.559 ovinos e 428 caprinos participando dos concursos. Os vencedores foram das raças Dorper e Boer.

A indústria frigorifica de grande porte está organizada em torno da *Red Meat Abattoir Association* – Associação dos Abatedouros de Carnes Vermelhas (RMAA, na sigla em inglês). A RMAA é um dos grandes defensores da fiscalização mais rigorosa nas questões sanitárias, pois os grandes frigoríficos se ressentiram da desregulamentação do setor realizada no final de década de 1990. Esta desregulamentação provocou uma abertura de pequenos frigoríficos em diversas partes do país, o que naturalmente diminuiu a oferta de animais para abate nas grandes empresas.

A *National Woolgrowers Association of South Africa* – Associação Nacional dos Produtores de Lã (NWGA, na sigla em inglês) – foi fundada em 1929 e busca promover os interesses dos criadores no mercado da lã e da carne das ovelhas de descarte. Os seus cerca de 10 mil associados produzem 34 mil toneladas de lã anuais, significando mais de 80% da produção da África do Sul.

Uma quantidade significativa de associações de promoção de raças de ovinos e caprinos existe no país. O registro nacional é feito pela South Africa Stud Book – Livro de Raças da África do Sul (SASB, na sigla em inglês). A SASB contempla todos os animais de criação econômica do país em uma só entidade.

Dentro do plano de integração nacional, existe um que visa incentivar os agricultores familiares negros a se transformarem em produtores de ovinos. A *National Emergent Red Meat Producers Organization* – Organização Nacional dos Produtores Emergentes de Carne Vermelha (NERPO, na sigla em inglês) trabalha na busca de crédito subsidiado e no treinamento dos produtores mais pobres. A NERPO também tem a intenção explícita de integrar os produtores assistidos à cadeia do agronegócio de carnes, o que deve dar maior competitividade aos produtores familiares no longo prazo.

Os confinadores de ovinos formam, junto com os bovinos, a *South African Feedlot Association* – Associação Sul-Africana de Confinadores (SAFA, na sigla em inglês). Um das preocupações da SAFA é garantir que os participantes garantam condições de bem-estar aos seus animais, minimizando a possível pressão da sociedade urbana.

A Associação de Exportadores de Carne da África do Sul (MESA), é parte da SAMIC e auxilia no estabelecimento de protocolos com os países que podem ser importadores da carne sul-africana, além de identificar oportunidades de novos mercados e informar a cadeia sobre as tendências do mercado de carne.

6.3.4. Importação

Os volumes de importação são bastante variáveis, mas é normal a África do Sul figurar entre os principais compradores mundiais de carne ovina. Há 20 anos o país foi exportador, mas esta situação mudou de forma consistente.

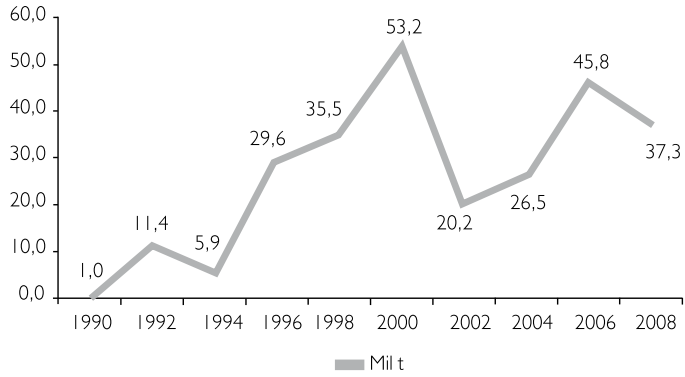
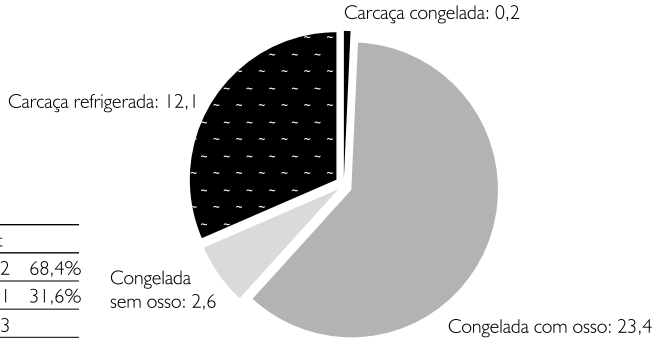


Gráfico 6.VIII. Importação sul-africana de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade; Namíbia Meat Board, 2009.

Os fornecedores são Namíbia, Austrália e Nova Zelândia. A carne da Oceania é importada congelada, principalmente na forma de cortes com osso e o preço médio em 2008 alcançou US$ 1.254 por tonelada. Já a carne da vizinha Namíbia é adquirida na forma de carcaça refrigerada, com preço médio de US$ 3.520 por tonelada em 2008.



Carne	Mil t	
Congelada	26,2	68,4%
Refrigerada	12,1	31,6%
Total	38,3	

Gráfico 6.IX. Tipo de carne importada pela África do Sul (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Namíbia Meat Board, 2009.

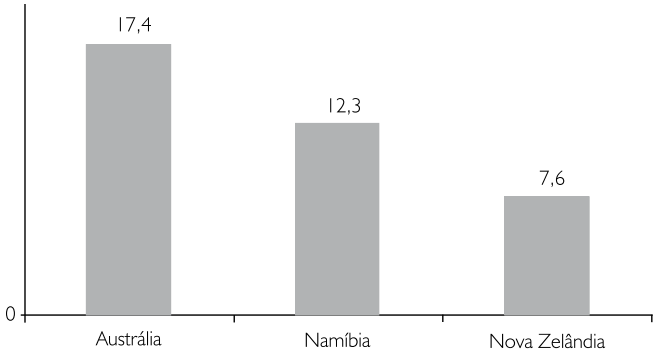


Gráfico 6.X. Origem das importações de carne ovina da África do Sul (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; Namíbia Meat Board, 2009.

O país também importou da Namíbia, em 2008, 42 mil ovinos e 226 mil caprinos vivos para abate, respondendo por 100% das compras internacionais da África do Sul nesta modalidade. Foi pago um preço médio de US$ 71 por ovino e US$ 50 por caprino.

6.3.5. Tarifas de importação

A África do Sul protege o seu mercado doméstico ao utilizar instrumentos tarifários proibitivos e barreiras sanitárias. É cobrada uma alíquota ad valorem uniforme de 40% sobre cortes de carne ovina e caprina. A Namíbia e outros países participantes da *Southern Africa Customs Union* – União Aduaneira do Sul da África (SACU, na sigla em inglês) – não pagam nenhum imposto de importação para ingressarem seus produtos na África do Sul.

A possibilidade de importação de animais vivos para abate vindos da Austrália tem gerado uma discussão que deve culminar na implementação de um imposto *ad valorem* de 40% do preço FOB sobre o valor dos cortes possíveis de serem feitos com a carcaça deste animal que chega vivo ao país.

No mesmo sentido, para evitar problemas de subfaturamento nas importações, é possível que seja implantada uma tarifa fixa sobre o valor CIF da carne, revisada a cada seis meses.

O sistema de quotas permite a importação de alguma carne ovina sem pagamento de imposto proveniente de países não-membros do SACU. Estas quotas de importação são divididas entre 32 empresas de todo o país. No entanto, apenas três empresas concentram mais da metade das quotas disponíveis, que de qualquer maneira não são significativas em relação à importação total do país.

Tabela 6.XIV. Distribuição da quota de importação de carne ovina entre empresas - 2008.

	Quota alocada (t)
Merlog Foods	312
Chester Wholesale Meat	177
South Atlantic Meat	168
Outras 29 empresas	573
Total	1.230

Fonte: South Africa, 2009.

O acordo de comércio preferencial assinado entre MERCOSUL e SACU deve levar a uma redução gradativa das barreiras tarifárias entre os dois blocos. No entanto, esse acordo ainda não surtiu nenhum efeito no caso da carne ovina e caprina.

Tabela 6.XV. Alíquotas aplicadas sobre a importação.

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)
Ovinos e caprinos vivos		
Ovinos e caprinos vivos	0104	Zero
Carne ovina e caprina		
Fresca, refrigerada ou congelada	0204	40% ou US$ 200/t, o que for maior

Fonte: ITC; Revenue Service; USITC, 2009.

6.4. Emirados Árabes Unidos

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) é uma federação de sete emirados na costa do Golfo Pérsico. O território do país é muito pequeno, quase todo desértico, e seus quase cinco milhões de habitantes dependem da importação de alimentos para o abastecimento interno. É um dos países com mais alto crescimento e renda *per capita* do mundo. Este aumento recente de renda e o aumento de população provocado pelas migrações, transformou o país num dos grandes importadores de carne ovina e de animais vivos para abate.

6.4.1. Setor primário

A atividade de criação de ovinos e caprinos é tradicional e considerada como não-comercial, pois atende principalmente ao cultivo de subsistência da população rural. O rebanho ocupa 300 mil hectares de pastagens chamadas de áreas comunitárias. De certa maneira, a maneira de criação se assemelha bastante ao encontrado na vizinha Arábia Saudita.

O rebanho é pequeno, tem predominância de caprinos, e vem apresentando crescimento lento e constante desde o ano 2000.

Tabela 6.XVI. Rebanho de ovinos e caprinos (milhões de cabeças).

	2000	2002	2004	2006	2008
Ovinos	0,49	0,51	0,55	0,58	0,60
Caprinos	1,28	1,30	1,35	1,40	1,45
Total	1,77	1,81	1,90	1,98	2,05

Fonte: Bourne, 2003; Faostat, 2009.

O rebanho se distribui da seguinte forma:

Tabela 6.XVII. Distribuição do rebanho (milhões de cabeças) - 2003.

Região Administrativa	Ovinos	Caprinos
Central	0,31	0,50
Abu Dhabi	0,11	0,30
Demais regiões	0,10	0,55
Total	0,52	1,35

Fonte: Bourne, 2003.

Figura 6.IV. Concentração do rebanho ovino e caprino nos Emirados Árabes Unidos.
Fonte: Bourne, 2003.

6.4.2. Indústria

Os abates são em grande parte compostos de animais importados, principalmente da Austrália. Cerca de dois terços das necessidades de carne do país são obtidas através de importações.

Tabela 7.XVIII. Abate de ovinos e caprinos (milhões de cabeças).

	Ovinos	Caprinos	Total
2000	0,89	1,40	2,29
2002	0,95	1,15	2,10
2004	0,75	1,40	2,15
2006	0,75	0,95	1,70
2008	0,75	0,95	1,70

Fonte: Bourne, 2003; Faostat, 2009.

Devido às facilidades logísticas, os EAU são importantes exportadores e re-exportadores de carne ovina e de ovinos e caprinos vivos para os demais países do Golfo Pérsico. Os EAU possuem um dos maiores portos do Oriente Médio, chamado Jebel Ali.

Em Dubai, maior cidade dos EAU, estão três abatedouros, que pertencem à prefeitura. Estas plantas são principalmente prestadoras de serviço para marchantes, supermercados, restaurantes e para o consumidor final. Juntas, têm capacidade de abate de 2.100 ovinos e caprinos por dia. Todas são plantas modernas e que oferecem qualidade sanitária e conveniência para os consumidores, evitando o abate clandestino e os problemas de saúde pública relacionados.

Em Abu Dhabi, capital do país, funciona um grande abatedouro nos mesmos moldes dos abatedouros de Dubai. Neste frigorifico é possível encomendar um serviço de abate para casamentos, de forma que a municipalidade se encarrega de entregar o ovino ou caprino no local da festa, mediante o pagamento de uma taxa.

6.4.3. Aspectos institucionais e organizacionais

O consumo de carne ovina pela população local responde por cerca de um terço da ingestão de proteínas animais. Os habitantes dos EAU preferem animais pequenos, possivelmente influenciados pela tradição de consumo dos ovinos de uma raça local, escura e de pequena estatura. A questão do abate Halal é fundamental para o mercado dos EAU, pois quase a totalidade da população é muçulmana. Da mesma forma que na Arábia Saudita, os consumidores dos Emirados preferem consumir a carne fresca, o que torna importante o abate dos ovinos e caprinos logo antes de serem consumidos. Um dos argumentos é de que esta carne é mais barata do que a congelada ou resfriada.

O Ministério de Agricultura e Pesca toma todas as decisões em relação à produção pecuária e as respectivas normas, assim como as autorizações de importação. Em conjunto com o Ministério da Saúde, também é o responsável pelas questões vinculadas à segurança sanitária dos alimentos. Já o Ministério de Desenvolvimento Econômico é o responsável pela licença de construção e operação de frigoríficos.

6.4.4. Importações

A importação de carne ovina aumentou em 2008 em relação à média histórica, tornando os Emirados Árabes Unidos o sexto maior importador de carne ovina do mundo.

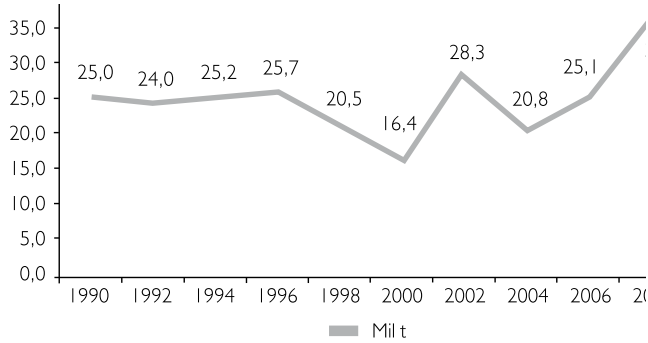
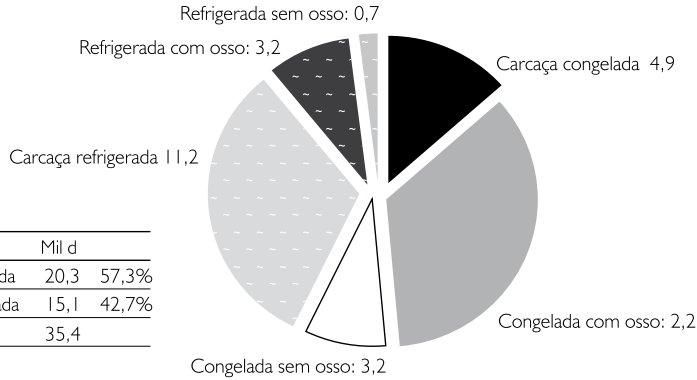


Gráfico 6.XI. Importação de carne ovina pelos Emirados Árabes Unidos (mil t).
Fonte: Comtrade, 2009.

As compras internacionais são em sua maioria carnes refrigeradas, concentrado em carcaças. O preço médio pago pela carne refrigerada em 2008 foi de US$ 4.698 por tonelada, enquanto a carne congelada entrou no país a US$ 2.949 por tonelada.



Carne	Mil d	
Congelada	20,3	57,3%
Refrigerada	15,1	42,7%
Total	35,4	

Gráfico 6.XII. Tipo de carne importada pelos Emirados Árabes Unidos (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

A Austrália é o maior fornecedor, com aproximadamente metade das importações.

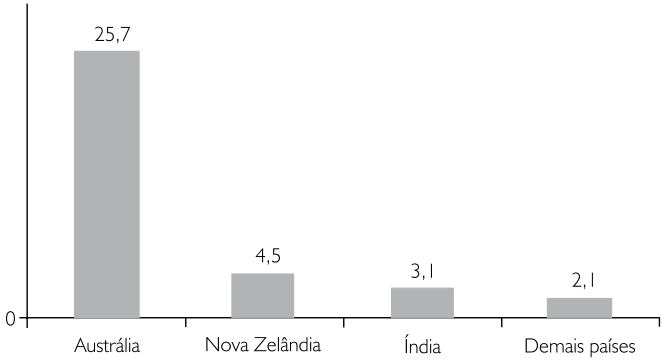


Gráfico 6.XIII. Origem das importações de carne ovina dos Emirados Árabes Unidos (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

Austrália e Nova Zelândia fornecem mais de 95% da carne congelada. Já para a carne *refrigerada*, além dos países da Oceania (que entregam mais de 70% deste tipo de carne importada pelos Emirados Árabes), aparece a Índia como fornecedora importante.

O país importa quantidades significativas de animais vivos para abate. A importação de ovinos vivos alcançou 169 mil cabeças em 2008, mais da metade vindos da Austrália. O preço médio pago pelo país foi de US$ 78 por animal importado.

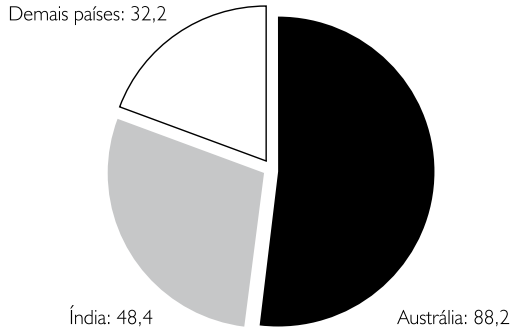


Gráfico 6.XIV. Origem das importações de ovinos vivos dos Emirados Árabes Unidos (mil cabeças) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

6.4.5. Tarifas de importação

A carne só sofre incidência de impostos de importação no caso de ser congelada. A carne refrigerada é livre de impostos, assim como a importação de animais vivos.

Tabela 6.XIX. Alíquotas aplicadas sobre a importação.

	NCM	Alíquota *ad valorem* (%)
Ovinos e caprinos vivos		
Ovinos e caprinos vivos	0104	Zero
Carne ovina e caprina fresca ou refrigerada		
Carcaça e meia-carcaça Cortes Carne oriunda de sacrifício	020410 020421 020422 020423 02045011 02045021 02045031	Zero
Carne ovina e caprina congelada		
Carcaça e meia-carcaça Cortes Carne oriunda de sacrifício	020430 020441 020442 020443 02045022 02045032 02045012	5

Fonte: ITC; USITC, 2009.

6.5. México

O México é o segundo país mais populoso da América Latina, com mais de 100 milhões de habitantes. Seu território é em grande parte semiárido, e isso faz do país um dos grandes importadores mundiais de carnes, com os ovinos sendo parte desta rubrica.

6.5.1. Setor primário

A produção ovina e caprina é caracterizada por pequenos rebanhos de baixa produtividade, pouca organização dos produtores e problemas sanitários. Somente 20% das propriedades pode ser considerada como tecnificada ou semitecnificada. É uma atividade explorada pelos agricultores mais pobres, com escassa ou nenhuma tecnologia. Estima-se que cerca

de 400 mil famílias dependem das cabras como atividade principal ou complementar.

Tabela 6.XX. Distribuição do rebanho ovino (milhões de cabeças).

Estado do México	0,89
Hidalgo	0,82
Puebla	0,64
Guanajuato	0,54
Zacatecas	0,41
Veracruz Llave	0,36
Demais estados	3,65
Total	7,31

Fonte: INEG, 2009.

Dos mais de 7 milhões de ovinos, apenas 2,7 milhões são declarados como produtores de lã, mostrando um direcionamento dos animais para a produção de carne. O rebanho de caprinos atinge 8,9 milhões de cabeças, tendo o objetivo principal de produzir carne para subsistência. Deste rebanho caprino, três quartos pertencem a agricultores abaixo da linha de pobreza.

Tabela 6.XX. Distribuição do rebanho caprino (milhões de cabeças).

Puebla	1,39
Oaxaca	1,16
San Luis Potosí	0,73
Guerrero	0,68
Coahuila	0,61
Demais estados	4,33
Total	8,90

Fonte: INEG, 2009.

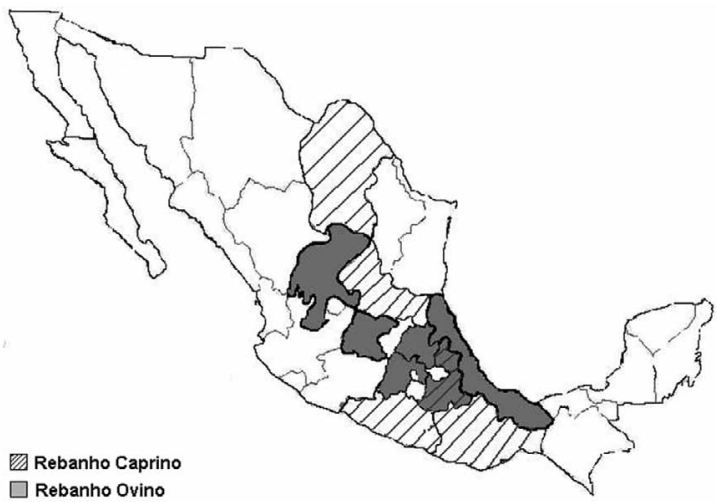


Figura 6.V. Concentração do rebanho ovino e caprino no México.
Fonte: INEG, 2009.

As raças ovinas predominantes são a Pelibuey e a Black Belly, enquanto que a raça caprina principal é a Criollo. Os ovinos para reprodução são importados principalmente da Austrália, enquanto os caprinos puros vêm dos EUA.

Apesar da baixa organização da cadeia produtiva, o México tem realizado vendas de ovinos puros para a América Latina, principalmente para o Equador, para a Colômbia e para os países da América Central.

6.5.2. Indústria

A estimativa de abate é de 2,55 milhões de caprinos e de 2,49 milhões de ovinos por ano. A taxa de abate aproximada do México é de 34% ao ano para ovinos e de 29% para caprinos. Uma parcela dos abates mexicanos é realizada a partir de ovinos importados dos EUA. Assim, a distribuição dos abates no país não reflete necessariamente o tamanho do rebanho naquele estado ou mesmo a eficiência dos produtores locais.

Tabela 6.XXI. Distribuição do abate inspecionado de ovinos (mil cabeças) - 2008.

Estado do México	Veracruz	Hidalgo	Puebla	Zacatecas	Demais Estados	Total
357,7	261,9	247,6	132,0	111,7	1.065,3	2.173,3

Fonte: INEG, 2009.

Os frigoríficos são pequenos e médios e poucas marcas são reconhecidas no mercado local. A produção de carne ovina e caprina vem aumentando nos últimos anos, refletindo o esforço de tornar a cadeia mais competitiva. O peso médio da carcaça ovina atinge 19,4 kg por animal.

Tabela 6.XXII. Produção de carne (mil toneladas).

	2000	2002	2004	2006	2008
Ovinos	33,4	38,2	42,1	44,6	48,5
Caprinos	38,8	42,2	41,6	36,5	32,0
Total	72,2	80,4	83,7	81,1	80,5

Fonte: INEG, 2009.

6.5.3. Aspectos institucionais e organizacionais

Apesar das discussões a respeito da importância em desenvolver a ovinocultura no país e também da implantação de um sistema de tipificação de carcaças, a prática avança pouco, devido às características da cadeia produtiva mexicana, bastante fragmentada.

A *Asociación Mexicana de Criadores de Ovinos* (AMCO) representa os criadores de animais puros, apesar de ter iniciado uma tentativa nos anos mais recentes de se colocar como representante de toda cadeia produtiva. Em praticamente todos os estados mexicanos existem associações locais que representam os ovinocultores, normalmente ligados às associações de criadores de bovinos.

Existe uma entidade chamada *Asociación Mexicana de Técnicos Especialistas en Ovinocultura* (AMTEO), ligada a universidades e a empresas de assessoria, que se dedica a promover a atividade em todo o país.

A organização da ovinocultura mexicana é conduzida pelo Ministério da Agricultura, em conjunto com a Federação de Agricultura local, em parceria com a AMCO e com a AMTEO.

Em 2002, foi lançado um programa governamental chamado de *Sistema Producto Ovino* (SPO), que só começou a funcionar efetivamente no final de 2007. O objetivo principal do SPO é desenvolver a colaboração entre os agentes da cadeia produtiva e montar um plano estratégico para a ovinocultura mexicana. Por enquanto, o SPO ainda está muito focado na produção primária, com poucas ações junto à indústria e ao varejo.

O México instituiu em 2006 um sistema nacional para a classificação de carcaças de ovinos, baseada em idade, peso, distribuição de gordura e conformação da carcaça. Com base nestes parâmetros, a carcaça pode receber o carimbo extra, seleta, comercial ou fora de classificação, de acordo com sua qualidade.

6.5.4. Importações

O México mais que triplicou a importação de carne ovina desde 1990, apesar de o volume ter diminuído depois do pico de 56 mil toneladas em 2004.

A importação é constituída quase integralmente de carne congelada, sendo que cortes com osso respondem por três quartos do volume de comércio. Como é de praxe, os grandes fornecedores são a Nova Zelândia e a Austrália. O preço médio pago em 2008 foi de US$ 2.224 por tonelada.

O México é também grande importador de ovinos vivos para abate. Foram adquiridos no exterior 98,1 mil em 2008, todos trazidos dos EUA. A média de preço foi de US$ 75 por cabeça.

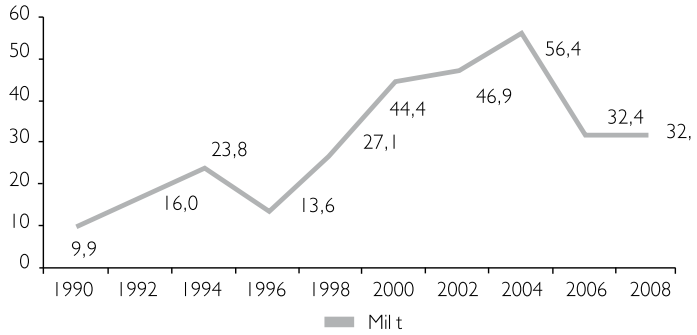


Gráfico 6.XV. Importação mexicana de carne ovina (mil t).
Fonte: Comtrade, 2009.

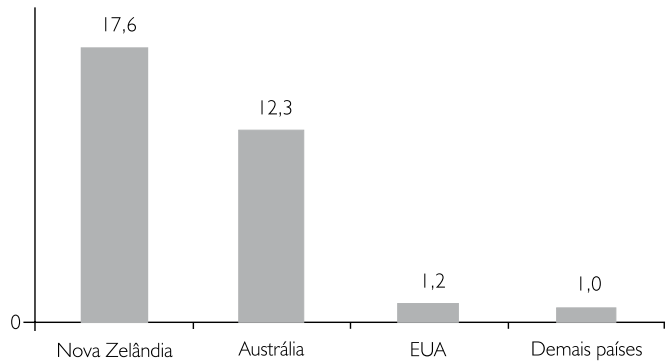


Gráfico 6.XVI. Origem das importações de carne ovina do México (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade, 2009.

6.5.5. Tarifas de importação

A importação de carne ovina e caprina é submetida à cobrança de alíquota de 10%. O Brasil, no quadro dos acordos de complementaridade entre países membros da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), é beneficiado pela redução de 20% na tarifas sobre importação. No entanto, estas disposições permanecem apenas teóricas enquanto não

existir acordo de equivalência sanitária baseado na aplicação do princípio de regionalização da OIE. Atualmente, o México é um dos países que restringe suas importações de carne de animais de casco fendido aos países onde não há programas de vacinação contra a febre aftosa e não reconhece o princípio de regionalização adotado pela OIE.

Tabela 6.XXIII. Alíquotas aplicadas sobre a importação.

	NCM	Alíquota *ad valorem*(%)
Ovinos e caprinos vivos		
Ovinos e caprinos com pedigree	01041010 01041020	Zero
Ovinos vivos para abate	01041020	10
Outros ovinos e caprinos vivos	01041080 01042090	10
Carne ovina e caprina		
Fresca, refrigerada ou congelada	0204	10

Fonte: ITC; USITC, 2009.

7. Perfil do comércio internacional do Brasil

O Brasil tem balança comercial negativa no caso de produtos oriundos da ovinocaprinocultura – animais vivos, carne, peles e lã. Carne ovina e peles de caprinos são os principais responsáveis. A lã é o único produto da cadeia que apresenta superávit no comércio com o exterior.

A lã responde por quase 2/3 das exportações brasileiras de produtos da ovinocaprinocultura, apesar do aumento significativo do valor exportado de peles ovinas e caprinas. A importação de carne ovina é a mais significativa e vem aumentando, porém a importação de peles tem um peso maior do que na média do mercado internacional, perfazendo mais da metade do valor do comércio se forem somadas as peles ovinas e caprinas.

Tabela 7.1. Exportações brasileiras de produtos da ovinocaprinocultura (milhões de US$).

	2000		2004		2008	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Lã	15,76	64,5	16,19	72,7	20,46	61,1
Peles de ovinos	8,61	35,3	5,88	26,4	10,42	31,1
Peles de caprinos	0,02	0,1	0,20	0,9	1,57	4,7
Ovinos vivos	0	0	0	0	0,90	2,7
Carne ovina	0,01	0	0	0	0,08	0,2
Carne caprina	0,02	0,1	0	0	0,04	0,1
Total	24,42	100	22,27	100	33,47	100

Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

Tabela 7.II. Importações brasileiras de produtos da ovinocaprinocultura (milhões de US$).

	2000		2004		2008	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Carne ovina	12,43	43,4	6,07	31,4	23,44	38,2
Peles de ovinos	7,45	26,0	2,63	13,6	19,23	31,3
Peles de caprinos	1,90	6,6	7,98	41,3	13,72	22,3
Lã	3,43	12,0	2,48	12,8	4,35	7,1
Ovinos vivos	3,44	12,0	0,16	0,8	0,68	1,1
Total	28,65	100	19,32	100	61,41	100

Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

O fluxo de comércio (soma da importação e exportação) é crescente, tendo passado de US$ 53 milhões em 2000 para quase US$ 95 milhões em 2008. No entanto, este crescimento se deve principalmente ao aumento das importações, que mais que dobraram no período. Em 2008, a balança comercial da ovinocaprinocultura brasileira ficou negativa em quase US$ 28 milhões.

Tabela 7.III. Saldo da balança comercial de produtos da ovinocaprinocultura (milhões de US$).

	2000	2004	2008
Exportação	24,42	22,27	33,47
Importação	28,65	19,32	61,41
Saldo	- 4,23	2,95	- 27,94

Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

A exportação de animais vivos é centrada no fornecimento de genética à alguns países que têm clima semelhante ao brasileiro. O preço médio do animal exportado já indica que são animais puros destinados à melhorar a genética do rebanho importador. Possivelmente estes animais exportados são da raça Santa Inês quando o destino é a África e Dorper quando o destino é o Paraguai.

Tabela 7.IV. Exportação de ovinos vivos - Brasil.

	2005	2006	2007	2008
Valor (mil US$)	92,57	14,23	25,58	902,44
Peso (kg)	28.330	2.935	4.030	167.208
Cabeças	385	56	66	3.200
Valor médio (US$)	240	254	388	282

Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

Possivelmente estes animais exportados sejam da raça Santa Inês quando o destino é a África e Dorper quando o destino é o Paraguai.

Tabela 7.V. Destino das exportações de ovinos vivos – Brasil - 2008.

	Valor (mil US$)	Valor %	Cabeças	Cabeças %
Angola	669,84	74,2	2.728	85,3
Senegal	220,60	24,4	403	12,6
Paraguai	12,00	1,3	69	2,2
Total	902,44	100%	3.200	100%

Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

O Uruguai é o maior fornecedor de animais vivos para o Brasil, com objetivo principal de abate. A Austrália fornece também animais vivos, porém são animais de alto valor genético e tem a finalidade de reprodução no rebanho de elite brasileiro.

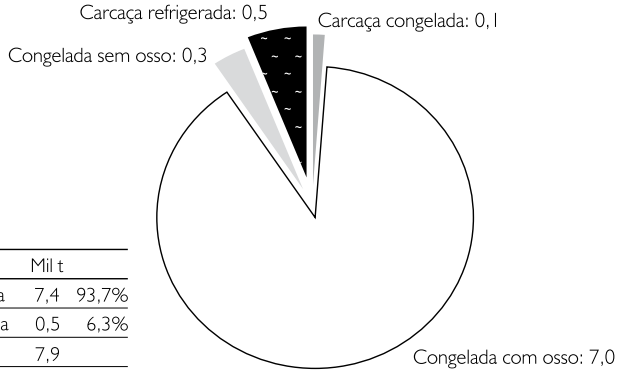
Mesmo timidamente, o país vem buscando mercados para sua carne fora do país, principalmente na África de língua portuguesa. Em 2008 foram exportados 20,7 toneladas de carne ovina e 5,5 t de carne caprina. A carne ovina foi exportada para Angola na forma de cortes refrigerados com osso, a um preço médio de US$ 2.274 por tonelada. A carne ovina exportada para Cabo Verde foi na forma predominante de cortes congelados sem osso, a um preço médio de US$ 7.045 por tonelada. Já a carne caprina alcançou US$ 6.946 por tonelada.

Tabela 7.VI. Destino da exportação brasileira de carne ovina e caprina (mil US$).

	2005	2006	2007	2008
Angola – carne ovina	17,4	19,3	56,6	32,2
Cabo Verde – carne ovina	0	0	22,0	45,6
Cabo Verde – carne caprina	0	0	27,2	38,5
Total	17,4	19,3	105,8	116,3

Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

O Uruguai é o principal fornecedor de carne ovina, sendo o único com volumes significativos, pois representa mais de 95% da importação brasileira. O preço médio pago pela carne refrigerada ficou em US$ 2.429 por tonelada, enquanto que pela carne congelada o valor foi maior, US$ 3.001 por tonelada. Esta aparente distorção dos preços se deve ao fato de a carne refrigerada ter sido importada na forma de carcaças, enquanto a carne congelada recebida foi na forma de cortes, que costumam ter valor maior. A importação brasileira é bastante concentrada em cortes congelados com osso e tem o seguinte perfil:



Carne	Mil t	
Congelada	7,4	93,7%
Refrigerada	0,5	6,3%
Total	7,9	

Gráfico 7.I. Tipo de carne ovina importada pelo Brasil (mil t) - 2008.
Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

A exportação de pele pelo Brasil é basicamente de ovinos, com peles curtidas de ovinos e couro preparado representando quase 90% das exportações. Os principais destinos das exportações de pele são a União Européia e Hong Kong, com quase 2/3 dos embarques, no entanto, diversos países adquirem a pele de ovinos e caprinos brasileiros.

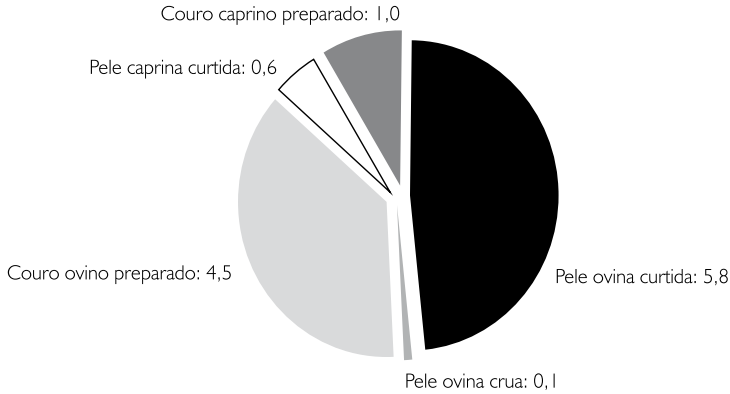


Gráfico 7.II. Tipo de pele ovina e caprina exportada pelo Brasil (milhões de US$) - 2008.
Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

A importação de peles ovinas e caprinas é concentrada em pele curtida, que significam mais de 80% das importações em 2008. Os fornecedores de pele ovina são diversificados, com o Uruguai respondendo por mais da metade da pele crua importada e a União Européia e o Quênia por metade da pele curtida. Os fornecedores de pele caprina também são vários, não existindo nenhum que se destaque pelo volume. No entanto, Argentina, Nigéria, Índia e União Européia significaram mais de 2/3 das importações em 2008.

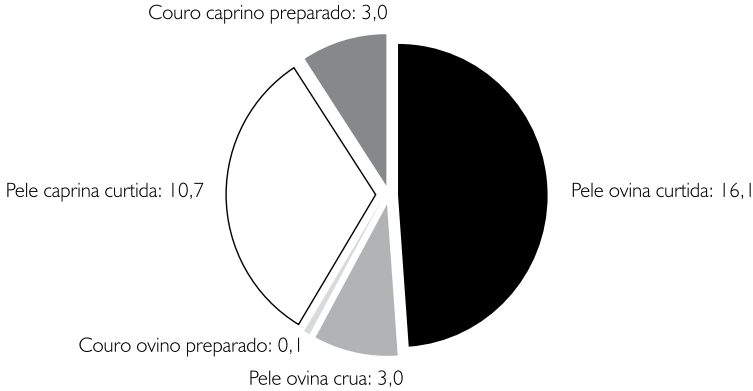


Gráfico 7.III. Tipo de pele ovina e caprina importada pelo Brasil (milhões de US$) - 2008.
Fonte: Comtrade; MAPA, 2009.

Os países do MERCOSUL são os principais fornecedores de lã para o Brasil, com mais de 80% das aquisições. Já o destino da lã brasileira é a União Européia e o Uruguai, com quase 85% dos embarques. A lã adquirida no exterior pelo Brasil é principalmente a lã cardada ou penteada, pronta para ser usada na indústria têxtil, que perfaz mais de 90% do volume importado.

Tarifas

Todos os países da ALADI contam com 20% de rebate nas tarifas de Imposto de Importação praticadas, sendo que o Uruguai ainda tem preferência e vantagens por ser membro do MERCOSUL.

As carnes de ovinos e caprinos são importadas pelo Brasil pagando a mesma taxação, independente de serem congeladas ou refrigeradas. Se as carnes forem importadas processadas, em forma de cortes embalados apropriados para consumo direto, são sujeitas à anuência do órgão de vigilância sanitária.

As peles ovinas sofrem taxação de 2% se forem importadas cruas e de 10% no caso de serem importadas curtidas ou preparadas. A pele

caprina curtida é isenta de Imposto de Importação, enquanto o couro caprino preparado paga 10%.

Todos os produtos também pagam 1,65% de PIS e 7,60% de COFINS sobre o valor da nota, no momento de entrada no Brasil, inclusive os animais vivos. Não há incidência de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) nos NCMs da ovinocaprinocultura.

Tabela 7.VII. Tarifas incidentes sobre a importação de ovinos e caprinos.

	NCM	Imposto de importação (% *ad valorem*)
Ovinos e caprinos vivos com pedigree	01041011 01041019 01042010	0
Ovinos e caprinos vivos para abate	01041090 01042090	2
Carne ovina e caprina fresca, resfriada ou congelada	0204	10
Pele crua de ovinos	4102	2
Pele curtida de ovinos, sem lã	4105	10
Couro preparado ovino	4112	10
Pele caprina curtida	410620	0
Couro caprino preparado	411310	10
Lã não cardada nem penteada	5101	8
Lã cardada ou penteada	5105	10

Fonte: Receita Federal, 2009.

Além dessa tributação de importação, ainda incidem sobre as carnes a tributação normal de ICMS aplicada em cada unidade da federação do Brasil. Isso quer dizer que são 27 legislações diferentes que tratam do assunto, pois cada estado tem autonomia neste assunto.

8. Competitividade da carne ovina brasileira no mercado internacional

Quando se compara preços de importação e exportação, deve-se lembrar que os países que exportam informam o preço com base FOB (*free on board* – livre à bordo, em inglês), no porto de origem da mercadoria. Já os países importadores informam o preço com base CIF (cost, insurance and freight – custo, seguro e frete, em inglês), no porto de chegada da mercadoria.

Para fins de comparação, será demonstrado o preço comparativo da carcaça ovina nos diferentes países, com exceção da China, que não importou carcaças em 2008 e, neste caso, está sendo considerado o preço da carne com osso.

Entre os países exportadores, a carne refrigerada vale um terço a mais do que a congelada. O preço da carne congelada obtido pela Índia foi quase 40% superior ao obtido pela Nova Zelândia. E na carne refrigerada, os EUA conseguiram preço 90% superior àqueles obtidos pelo Uruguai. Estes números têm que ser vistos com cuidado, pois os volumes exportados por Austrália e Nova Zelândia são muito superiores aos de qualquer país e suas médias correspondem a amostras mais extensas. A distância dos portos de destino também influencia a formação de preços nos mercados exportadores.

Tabela 8.I. Preço carcaça ovina, países exportadores - 2008 (US$/t).

	Congelada	Refrigerada
Nova Zelândia	2.624	4.560
Austrália	2.652	3.854
Índia	3.700	4.068
Uruguai	2.792	2.428
Namíbia	3.315	3.450
EUA	2.602	4.566
China	2.940	4.362
Média	2.946	3.898

Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia; Namibia Meat Board; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

O preço da carne ovina nos mercados importadores varia bastante, de acordo com nível de renda do país, com as exigências dos consumidores, com o tipo de animal – cordeiro ou adulto –, e com o fato de a carne ser refrigerada ou congelada. Naturalmente, os países exportadores destinam os animais mais jovens e os cortes mais nobres para os países importadores que se dispõem a pagar mais pelo produto.

O México paga menos da metade do preço pela carne congelada e pela carne refrigerada do que a União Européia, que pratica os preços médios de importação mais altos do mundo

Tabela 8.II. Preço da carcaça ovina nos países importadores – 2008 (US$/t).

	Congelada	Refrigerada
União Europeia	3.367	6.782
EUA	2.988	2.694
China	1.931	—-
Arábia Saudita	2.563	4.258
África do Sul	1.946	3.520
Emirados Árabes Unidos	2.834	4.617
México	1.895	2.162
Média	2.503	4.005
Brasil	2.542	2.429

Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

Em alguns poucos casos, a carcaça refrigerada vale menos do que a congelada. São duas explicações principais – ou os dados se referem à carne de animais adultos, enquanto parte da carne congelada é de cordeiros, como é o caso da importação brasileira, ou então o volume de carcaça refrigerada é muito pequeno em comparação à congelada, como é o caso dos EUA.

A partir dos valores nos mercados importadores, é possível conduzir um raciocínio para determinar o preço que pode ser pago ao criador para que a carne ovina brasileira seja competitiva no mercado internacional

As cotações médias do custo de frete saindo dos portos brasileiros em agosto de 2009, incluindo as taxas locais de desembarque (aproximadamente US$ 150 por *container*), estão demonstradas na Tabela 9.III.

Tabela 8.III. Preço de frete de *container* refrigerado conforme o porto de embarque – agosto 2009 (US$/*container* de 40 pés ou 28,3 t).

	Rio Grande	Santos	Suape	Média
África do Sul - Port Elizabeth	3.950	3.950	4.250	4.050
Arábia Saudita – Jeddah	4.250	4.250	4.550	4.350
China – Shangai	5.200	5.200	5.600	5.333
Emirados Árabes Unidos – Jebel Ali	4.250	4.250	4.550	4.350
EUA – Philadelphia	3.150	3.150	2.950	3.083
México – Veracruz	3.150	3.150	2.950	3.083
União Europeia – Liverpool	4.550	4.550	4.150	4.417
Média	4.071	4.071	4.143	4.095

Fonte: Cotações de empresas de transporte marítimo, 2009.

Se cada container de 28,3 toneladas custa, em média, US$ 4.095 para chegar ao destino, significa dizer que cada tonelada transportada sai em média por US$ 145, ou US$ 0,15 (quinze centavos de dólar por kg)

Levando-se em consideração os preços CIF de referência pagos pelos países importadores, demonstrado na Tabela 9.II e deduzindo-se o custo de frete médio demonstrado na Tabela 9.III, é possível definir os preços FOB da carne embarcada nos portos brasileiros (levando-se em conta um dólar custando R$ 1,75 em outubro de 2009):

Tabela 8.IV. Preço FOB máximo estimado da carne ovina brasileira, conforme o destino da exportação (R$/t).

	Congelada	Refrigerada
União Europeia	5.736	11.712
EUA	5.120	4.606
China	3.191	—-
Arábia Saudita	4.332	7.298
África do Sul	3.262	6.017
Emirados Árabes Unidos	4.806	7.926
México	3.207	3.675
Média	4.236	6.872

Se for levada em conta uma margem de comercialização de 15% do frigorífico exportador, então o preço ao produtor seria aproximadamente o seguinte:

Tabela 8.V. Preço máximo estimado da carne ovina ao criador brasileiro, conforme o destino da exportação e do tipo de carne exportada (R$/kg de carcaça).

	Congelada	Refrigerada
União Europeia	4,88	9,96
EUA	4,35	3,91
China	2,71	—-
Arábia Saudita	3,68	6,20
África do Sul	2,77	5,11
Emirados Árabes Unidos	4,09	6,74
México	2,73	3,12
Média	3,60	5,00

Se forem considerados os preços médios pagos pela carne ovina no Brasil no mês de setembro de 2009, R$ 6 por kg de carcaça, o país é pouco competitivo no mercado internacional. Só conseguiríamos exportar carne refrigerada, para a União Europeia, para a Arábia Saudita, para os

Emirados Árabes Unidos e para o Japão. Em nenhum país o Brasil seria competitivo com carne congelada.

Em relação aos animais vivos, o volume de trocas internacionais é significativo, mais de US$ 1 bilhão por ano. Porém, são destinados para este tipo de comércio os animais mais velhos, ovelhas e machos capões de descarte. Por este motivo, o preço que é pago por cabeça costuma ser baixo.

Tabela 8.VI. Preço do ovino vivo nos países exportadores e importadores (US$/cabeça) - 2008.

	Exportadores	Importadores
Austrália	64	—-
Uruguai	47	—-
EUA	71	—-
Namíbia	71	—-
Arábia Saudita	—-	89
Emirados Árabes Unidos	—-	78
África do Sul	—-	71
México	—-	75
Média	63	78

Fonte: Comtrade; Meat and Livestock Australia; Namibia Meat Board; New Zealand Meat and Wool; USDA, 2009.

Em um navio de exportação de ovinos são carregados 40 mil animais, mais alimentos e água, e o preço de frete por animal, com as taxas portuárias, fica em torno de US$ 20 para o Oriente Médio e US$ 15 para África do Sul e México.

Fazendo o mesmo raciocínio que foi aplicado para a carne ovina, com margem do exportador de 10%, o preço que poderia ser pago ao produtor brasileiro para exportação de ovinos vivos seria o seguinte (dólar de R$ 1,75 em outubro de 2009):

Tabela 8.VII. Preço máximo estimado do ovino vivo para abate ao criador brasileiro, conforme o destino (R$/cabeça).

	Valor (R$)
Arábia Saudita	109
Emirados Árabes Unidos	92
África do Sul	88
México	95
Média	96

Este mercado de exportação de animais vivos para abate em outros países pode se tornar uma alternativa principalmente para os criadores situados mais próximos aos portos escoarem seus animais mais velhos, que não são tão interessantes para os frigoríficos, que tendem a preferir os cordeiros.

Considerações finais

O mercado mundial de carne ovina está em crescimento constante há vários anos, com volumes e valores aumentando de forma mais ou menos contínua. Alguns dos principais atores de hoje, não figurariam na lista de maiores há dez anos, o que mostra o dinamismo das transformações que ocorreram e estão por ocorrer nesta área.

A exportação está bastante concentrada em apenas dois países, Nova Zelândia e Austrália, que têm consciência da dificuldade de continuar fornecendo valores crescentes ao mercado internacional.

O Brasil participa do mercado internacional principalmente como importador, perdendo oportunidade real de desenvolver a sua cadeia produtiva de ovinos e caprinos e ocupar as imensas áreas de pasto subutilizados de nosso país.

Para ser um importante competidor na ovinocultura mundial, o país precisa se espelhar no modo que a Austrália, que a Nova Zelândia, e que nosso vizinho Uruguai vêm enfrentando os desafios impostos pelo mercado internacional de carne.

Nesse contexto, a garantia da sanidade do rebanho deve ser aprofundada, para que as barreiras não-tarifárias sejam superadas e a carne ovina brasileira possa alcançar os mercados importadores que remuneram melhor o produto.

A ovinocaprinocultura brasileira necessita de mudanças estruturais significativas, pois da forma que é explorada atualmente no país tem pouca chance de ganhar os mercados mais importantes do mundo.

No entanto, se as iniciativas da cadeia produtiva – tanto privadas quanto governamentais –, que já estão planejadas e/ou em andamento, forem implementadas com rapidez, o país poderá se tornar em alguns anos um importante exportador de carne ovina, como já demonstrou ser capaz com outros tipos de carne.

Referências

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas, 2004.

AMAD. *Agricultural market access database*. Disponível em: <www.amad.org>. Acesso em: ago. 2009.

AMERICAN SHEEP INDUSTRY ASSOCIATION. Disponível em: <www.sheepusa.org>. Acesso em: maio 2009.

AMERICAN SHEEP AND GOAT CENTER. Disponível em: <www.sheepandgoatusa.org>. Acesso em: jun. 2009.

AMERICAN WOOL COUNCIL. Disponível em: <www.americanwool.org >. Acesso em: maio 2009.

AMS. *Agricultural Market Service*. Disponível em: <www.ams.usda.gov>. Acesso em: jun. 2009

APCA. Les perspectives de la filière ovine. *Revue Chambres d'agriculture*. Paris, 2007, n. 978.

AWI. *Overview of the Chinese wool industry*. Disponível em: <www.wool.au.com>. Acesso em: 17 jun. 2009.

AMCO. *Associacion Mexicana de Criadores de Ovinos*. Disponível em: <www.asmexcriadoresdeovinos.org>. Acesso em: 1º jul. 2009.

ABARE. *Australian Bureau of Agricultural and Resource Economics*. Disponível em: <www.abareconomics.com>. Acesso em: jun. 2009.

AUSTRIA. *Production of sheep and goat milk in Europe*. Viena: Federal Ministry of Agriculture, 2008. 6 p.

BATALHA, M. O. et al. *Os sistemas agroindustriais de carne no Brasil*: principais aspectos organizacionais. Brasília: SENAI/DN, 2006. 91p.

BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais: Definições e Correntes Metodológicas. In: BATALHA, M. O. (Coord.). *Gestão Agroindustrial*. São Paulo: Atlas, 2007. V. 1.

BOURN, D. *Livestock dynamics in the Arabian Peninsula*. Roma: FAO, 2003. 86p.

CHINA *Animal agriculture association*. Disponível em: <www.caaa.org.cn>. Acesso em: 17 jun. 2009.

CIRVAL. *International resource centre on utilization of information on milk production in small ruminant*s. Disponível em: <www.cirval.asso.fr>. Acesso em: maio 2009.

COMTRADE. *United Nations Commodity Trade Statistics Database*. Disponível em: <comtadre.un.org>. Acesso em: 30 ago. 2009.

DEFRA. *Economics and Statistics*. Disponível em: <statistics.defra.gov.uk>. Acesso em: maio/jul. 2009.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, mar. 2002. n. 115, p. 139-154.

DUBAI MUNICIPALITY. *Slaughter*. Disponível em: <login.dm.gov.ae>. Acesso em: 02 jul. 2009.

EBLEX. *English beef and lamb executive*. Disponível em: <http://www.eblex.org.uk>. Acesso em: maio/jul. 2009.

EUROPEAN COMMISSION. *Communication and information resource centre administrator*. Disponível em: <circa.europa.eu>. Acesso em: jun./jul. 2009a.

EUROPEAN COMMISSION. *Agriculture and rural development*. Disponível em: <ec.europa.eu/agriculture>. Acesso em: jun./jul. 2009b.

EUROPEAN COMMISSION. *Food and safety* - from the farm to the fork. Disponível em: <ec.europa.eu/food>. Acesso em: jun./jul. 2009c.

EUROPEAN COMMISSION. *Taxation and customs union*. Disponível em: <ec.europa.eu>. Acesso em: jun./jul. 2009d.

EUROSTAT. Disponível em: <epp.eurostat.ec.europa.eu>. Acesso em: maio/ago. 2009.

FAO. Disponível em: <faostat.fao.org>. Acesso em: set. 2009.

FAS. *Foreign agricultural service*. Disponível em: <www.ffas.usda.gov>. Acesso em: jun. 2009.

FRANCEAGRIMER. *Le marche des ovins dans le monde*. Paris: Office de l´elevage, 2009. 12p.

FSA. *Farm agency service*. Disponível em: <www.fsa.usda.gov>. Acesso em: jun. 2009.

GOAT INDUSTRY COUNCIL OF AUSTRALIA. Disponível em: <www.gica.com.au>. Acesso em: jun. 2009.

INDIA. *Annual Report*. New Delhi: Ministry of Food Processing Industries, 2008. 144p.

INSTITUT DE L'ÉLEVAGE. Elevage et réforme de la PAC, quelles perspectives en Europe pour les filières bovins lait, bovins viande et ovins? *Repères sur la viande ovine dans l'Union européenne*. Paris, décembre 2004.

INSTITUT DE L'ÉLEVAGE. Filière ovine au Royaume-Uni, le recul de la production est engagé, *Le dossier Economie de l'élevage*. Paris, juillet 2006, n. 359.

INSTITUT DE L'ÉLEVAGE, Perspectives offre/demande de la viande ovine dans l'Union Européenne des 27 à l'horizon 2015. *Filière Ovine et Caprine*. Paris, 2è trimestre 2008, n. 24.

INSTITUT DE L'ÉLEVAGE Perspectives offre/demande de la viande ovine dans l'Union Européenne des 27 à l'horizon 2015. *Le dossier Economie de l'élevage*. Paris, octobre 2007, n. 371.

INAC. *Instituto Nacional de Carnes*. Disponível em: <www.inac.gub.uy>. Acesso em: 15 jun. 2009.

INEG. *Instituto Nacional de Estadística y Geografia*. Disponível em: <www.inegi.org.mx>. Acesso em: 1º jul. 2009.

ITC. International trade center. *Market access map*. Disponível em: <www.macmap.org>. Acesso entre jul. e set. 2009.

ISLAM, N.; PIESSE, C. *Effects of barriers to live-sheep exports from a Western Australia perspective*. Perth: University of Western Australia, 2004. 27p.

LANDES, M. *The environment for agricultural and agribusiness investment in India*. Washington: USDA, 2008. 49 p.

LIVECORP. Disponível em: <www.livecorp.com.au>. Acesso em: jun. 2009.

LOWE, S. ; PERKINS, D. *Moving towards a more competitive position for the australian sheep industry*. Sidney: Rabobank, 2002.

MAPA. *Comércio exterior brasileiro*. Disponível em: <www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2009.

MATRADE. *Marketing of halal products in Saudi Arabia*. Kuala Lumpur: Malasya Trade, 2005. 14p.

McDERMOTT, A.; SAUNDERS, C.; ZELLMAN, E. et al. *The key elements of success and failure in the NZ sheep meat industry from 1980-2007*. Christchurch: Lincoln University, 2008.

MDIC. *Códigos e descrições NCM*. Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 1º jul. 2009.

MEAT AND LIVESTOCK AUSTRÁLIA. Disponível em: <www.mla.com.au>. Acesso em: jun. 2009.

MEAT BOARD OF NAMIBIA. Disponível em: <www.nammic.com.na>. Acesso em: jun. 2009.

MEXICO. *Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Desarrollo Rural, Pesca y Alimentación*. Disponível em: <www.sagarpa.gob.mx>. Acesso em: 1º jul. 2009.

MINISTRY OF AGRICLTURE AND FISHERIES. Disponível em: <www.uae.gov.ae>. Acesso em: 02 jul. 2009.

MINISTÈRE DE L´AGRICULTURE ET DE LA PÊCHE. *Les viandes ovine et caprine*. Paris: 2006.

MINISTRY OF FOOD PROCESSING INDUSTRIES. Disponível em: <mofpi.nic.in>. Acesso em: 26 jun. 2009.

NAMC. *Report on the investigation into the effect of deregulation on the red meat industry.* Pretoria: National Agricultural Marketing Council, 2003. 61p.

NAMÍBIA AGRICULTURAL UNION. Disponível em: <www.agrinamibia.com.na>. Acesso em: 30 de jun. 2009.

NAMÍBIA TRADE DIRECTORY. Disponível em: <www. namibiatradedirectory.com>. Acesso em: 30 jun. 2009.

NATIONAL AGRICULTURAL LIBRARY. Disponível em: <www.nal.usda.gov>. Acesso em: 15 jun. 2009.

NATIONAL BANK FOR AGRICULTURE AND RURAL DEVELOPMENT. Disponível em: <www.nabard.org>. Acesso em: 26 jun. 2009.

NEW ZEALAND MEAT AND WOOL. Disponível em: <www. meatzn.co.nz>. Acesso entre maio e set. 2009.

NEW ZEALAND MEAT AND WOOL. *Goat review 2007-2008*. Auckland: Meat and Wool New Zealand, 2008. 19p.

NATIONAL SHEEP ASSOCIATION. Disponível em: <www.nationalsheep.org.uk>. Acesso em: 14 jun. 2009.

NEVES, J. L. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisas em Administração: São Paulo, 2º semestre 1996. V. 1, n. 3.

NEW ZEALAND SHEEP BREEDERS ASSOCIATION. Disponível em: <www.nzsheep.co.nz>. Acesso em: 26 jun. 2009.

NEW ZEALAND TRADE AND ENTERPRISE. Disponível em: <www.nzte.govt.nz>. Acesso em: jun. 2009.

NRC. *Changes in sheep industry in the USA*: making the transition from tradition. Washington: National Research Council, 2008. 367p.

NWASA. *National Woolgrowers Association of South Africa*. Disponível em: <www.nwga.co.za>. Acesso em: 30 jun. 2009.

PARLAMENTO EUROPEU. *Relactório sobre o futuro do sector dos ovinos e caprinos na Europa*. Bruxelas: Comissão da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, 2008.

RECEITA FEDERAL. *Simulador do tratamento tributário e administrativo das importações*. Disponível em: <www.receita.gov.br>. Acesso em: set. 2009.

RESEARCH TRIANGLE INSTITUTE INTERNATIONAL. *Livestock and Meat Marketing Study* - lamb and lamb meat industries - final report. Washington: US Department of Agriculture Grain Inspection, Packers and Stockyards Administration, 2007.

SAUDI ARABIA. *Statistical Yearbook*. Riad: Ministry of Economy and Plannig, 2007. 300 p.

SAUNDREY, R. et al .*South African agriculture protection*: how much policy space is there? Pretoria: National Agricultural Marketing Council, 2007. 47p.

SEBRAE. *Informações de mercado sobre caprinos e ovinos*. Brasília: SEBRAE, 2005. 73p.

SIMON, Y. *La production d'ovins allaitants en France* - une vraie chance pour les territoires - rapport pour le premier ministre. Paris: janvier 2007.

SING, C., KOHLER-ROLLEFSON, I. *Sheep pastoralism in Rajasthan*. District Pali: Life Initiative, 2005. 30p.

SINGH, N. P. et al. *Goat Vision 2025*. Mathura: Central Institute for Research in Goats, 2007. 44p.

SILVA, R.R. *O agronegócio brasileiro da carne caprina e ovina*. Salvador: Edição do autor, 2002. 111p

SORIO, A. *Sistema agroindustrial da carne ovina* – o exemplo de Mato Grosso do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2009. 112p.

SOUTH AFRICA, Agriculture Departament . *Abstract of agricultural statistics*. Pretoria: Departament of Agriculture, 2009. 115p.

STATISTICS NEW ZEALAND. *Agricultural census tables*. Disponível em: <www.stats.govt.nz>. Acesso em: jul. 2009.

REVENUE SERVICE. *South Africa*. Disponível em: <www.sars.gov.za>. Acesso em: 30 jun. 2009.

SUL. *Plan de acción estratégico nacional del rubro ovino* 2009-2015. Montevideo: SUL, 2008. 49p.

SUL. *Secretariado Uruguaio de la Lana*. Disponível em: <www.sul.org.uy>. Acesso em: jun. 2009.

USDA. *Australia emerging goat meat industry*. Disponível em: <www.fas.usda.gov>. Acesso em: ago. 2009a.

USDA. *United States Department of Agriculture*. Disponível em: <www.usda.gov>. Acesso em: jul. 2009b.

USDA. *Economic Impact of the Elimination of the Wool Act* - report prepared for the House committee on appropriations. Washington: 1999.

USITC. United States Internacional Trade Commission. *HTS*. Disponível em: <www.usitc.gov.>. Acesso entre jul. e set. 2009.

WELGACZ, H. T.; SOUZA, A.; et al. *Custos ocultos nas operações de exportações brasileiras de carne*. Custos e agronegócios online: Recife, v. 5, n. 1 – jan./abr. 2009.

YUCATAN. *Plan rector del sistema producto ovinos*. Mérida: Gobierno del Estado, 2005. 91p.

Anexo A
Abate Halal

Apesar de a grande concentração de muçulmanos estar na Ásia e na África, existem adeptos desta religião em todos os continentes. No total, somam mais de 1,2 bilhões de pessoas e representam um mercado cada vez mais importante de forma geral, além de serem fundamentais para os produtos da ovinocaprinocultura.

A palavra "Halal" significa "permissível", em árabe. São os produtos consumíveis pelos muçulmanos, segundo a lei islâmica. No caso de carne e derivados, o alimento deve ser produzido sob as seguintes condições: o alimento e seus ingredientes não devem conter partes ou produtos de animais ilícitos ao consumo do muçulmano, ou produtos de animais que não foram mortos de acordo com a lei islâmica; os alimentos não devem conter nada considerado impuro; os alimentos não podem ter sidos preparados ou processados usando equipamentos sujos de impurezas.

São consideradas impurezas: produtos não permitidos, como porcos e seus derivados, sangue e alimentos em putrefação; alimentos que contenham substâncias consideradas ilícitas; alimentos que tiveram contato direto com substâncias ilícitas; quaisquer substâncias expelidas do corpo dos animais ou seres humanos.

Todos os animais terrestres são lícitos para o consumo exceto: animais que não foram mortos segundo a lei islâmica; porco, cachorro e seus congêneres; animais que tenham caninos longos que os utilizam para matar suas presas, como gato e macaco; aves de rapina; criaturas repulsivas, como ratos e insetos e animais proibidos de matar, como abelhas e pássaros de estimação.

A técnica de abate Halal deve seguir os seguintes passos:

- O animal deve ser abatido por um muçulmano que tenha atingido a puberdade. Ele deve recitar uma oração durante o abate, com a face do animal voltada para Meca;
- O animal não deve estar com sede no momento do abate;

- A faca deve estar bem afiada e nunca deve ser afiada na frente do animal. O corte deve ser no pescoço em um movimento de meia-lua;
- Devem-se cortar três pontos vitais do pescoço – a jugular, a traqueia e o esôfago;
- A morte do animal deve ser rápida;
- O sangue deve ser totalmente retirado da carcaça.

Anexo B
Principais Códigos NCM da Ovinocaprinocultura

As mercadorias importadas ou exportadas pelo Brasil são classificadas de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) e são baseadas no sistema harmonizado internacional, chamado de HTS.

Código	Descrição
Animais vivos	
01041011	
01041019	Ovinos vivos de raça pura
01041090	Ovinos para abate
01042010	Caprinos vivos de raça pura
01042090	Caprinos vivos para abate
Carne ovina e caprina	
020410	Carcaça de cordeiro, fresca ou refrigerada
020421	Carcaça ovina (menos cordeiro), fresca ou refrigerada
020422	Carne ovina com osso, fresca ou refrigerada
020423	Carne ovina sem osso, fresca ou refrigerada
020430	Carcaça de cordeiro, congelada
020441	Carcaça ovina (menos cordeiro), congelada
020442	Carne ovina com osso, congelada
020443	Carne ovina sem osso, congelada
020450	Carne caprina, fresca, refrigerada ou congelada
02045011	Carne caprina ou ovina resfriada oriunda de sacrifício
02045012	Carne caprina ou ovina congelada oriunda de sacrifício
Pele ovina e caprina	
4102	Pele ovina, fresca ou salgada
4105	Pele ovina curtida, depilada, wet-blue ou crust
4112	Couro ovino preparado
410620	Pele caprina curtida, wet-blue ou crust
411310	Couro caprino preparado

Código	Descrição
Lã e pelos	
5101	Lã não cardada nem penteada
5102	Pelo fino ou grosseiro, não cardado nem penteado
5105	Lã e/ou pelo, cardado ou penteado